

Elaine Silveira Ferreira Abousalh

Resolução de choques de acento no
português brasileiro: elementos para
uma reflexão sobre a interface
síntaxe-fonologia

Unicamp

Instituto de Estudos da Linguagem

1997

Elaine Silveira Ferreira Abousalh

Resolução de choques de acento no português
brasileiro: elementos para uma reflexão sobre a
interface sintaxe-fonologia

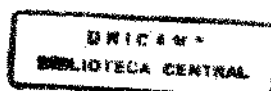
Dissertação apresentada ao Curso de
Linguística do Instituto de Estudos
da Linguagem da Universidade
Estadual de Campinas como
requisito parcial para obtenção do
título de Mestre em Linguística.

Orientador: Prof^a Dr^a Maria
Bernadete Marques Abaurre.

Unicamp

Instituto de Estudos da Linguagem

1997



UNIDADE	BC
N.º CHAMADA:	711/UNICAMP
V.	Ex.
TCMBO BC/	326602
PROC.	295/98
C	<input type="checkbox"/>
D	<input checked="" type="checkbox"/>
PREÇO	R\$ 11,00
DATA	30/01/98
N.º CPD	

CM-00104861-7

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA IEL - UNICAMP

Ab76r

Abousalh, Elaine Silveira Ferreira

Resolução de choques de acento no português brasileiro: elementos para uma reflexão sobre a interface sintaxe-fonologia / Elaine Silveira Ferreira Abousalh -- Campinas, SP [s. n.], 1997

Orientador: Maria Bernadete M. Abaurre
Dissertação (mestrado) -- Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem

1. Língua portuguesa -- fonologia 2. Ritmo 3. Gramática gerativa I. Abaurre, Maria Bernadete Marques II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem III. Título

Maria Bernadete Marques Abaurre
Prof^a. Dr^a. Maria Bernadete Marques Abaurre – Orientadora

Ch. Galves
Prof^a. Dr^a. Charlotte Marie Chambelland Galves

Est. Scarpa
Prof^a. Dr^a. Ester Mirian Scarpa

Prof^a. Dr^a. Eleonora Cavalcante Albano – Suplente

Este exemplar é a redação final da tese
defendida por Cláudia Lúcia Ferreira
Abaurre

e aprovada pela Comissão Julgadora em
19, 11, 1997.

Prof. Dr. M^a. Bernadete Marques Abaurre

À memória da minha mãe querida.

Saudades....

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora Bernadete Abaurre, pela atenção, disponibilidade e amizade que pontuaram nossa convivência, e por não ter desistido de mim, apesar de todas as minhas idas e vindas.

À Charlotte, pelos comentários sempre presentes, nas reuniões e *workshops* do grupo de pesquisa, e em todo meu tempo de curso no IEL.

À Ester, pelas valiosas dicas por ocasião da minha qualificação.

Aos colegas, que em várias etapas do trabalho ofereceram sua boa vontade para discutirmos muitas das questões levantadas na dissertação.

À Fernanda e ao Ronaldo, à Pascoalina e ao Abdala, pela hospedagem carinhosa.

À minha família, pelo incentivo recebido durante minha permanência em Campinas. Carinho especial para a Aline, que dividiu comigo a carga de momentos muito difíceis para nós.

E por fim ao Nascif, que por tantas vezes serviu de ouvinte quando eu entrava em “modo seminário”, pelo amor que me deu força nos momentos em que tudo parecia dar errado.

Ao CNPq, pelo apoio financeiro que concretizou minha estadia na UNICAMP.

SUMÁRIO

RESUMO	8
LEGENDA	9
1. INTRODUÇÃO	10
1.1 A interface sintaxe-fonologia: ponto de partida	10
1.2 Definição do problema: o percurso	14
1.3 Os dados	17
2. DOMÍNIOS PROSÓDICOS	22
2.1 Introdução	22
2.2 Hierarquização dos domínios prosódicos	25
2.3 Regras de mapeamento de domínio vs. regras fonológicas	26
2.4 Construção dos domínios prosódicos	29
2.4.1 Domínio σ (sílabas) e domínio Σ (pé)	30
2.4.2 Domínio ω (palavra fonológica)	31
2.4.3 Domínio C (grupo clítico)	35
2.4.4 Domínio ϕ (frase fonológica)	37
2.4.5 Domínio I (frase intonacional)	38
2.4.6 Domínio U (enunciado fonológico)	40
3. ACENTO LINGÜÍSTICO	44
3.1 Propriedades gerais	44
3.1.1 Características da grade métrica	47
3.2 Acento primário em PB	51
3.3 Acento secundário em PB	58
4. O CHOQUE DE ACENTO	64
4.1 De Liberman & Prince a Haraguchi - o choque de acento numa perspectiva de mapeamento da grade diretamente da sintaxe	64

4.1.1 <i>Nespor & Vogel 1979</i>	66
4.1.2 <i>Selkirk 1984</i>	67
4.1.3 <i>Haraguchi 1991</i>	70
4.1.3.1 Apagamento	72
4.1.3.2 Movimento vs. Mudança de acento	75
4.1.4 <i>Hayes 1995</i>	78
4.2 O choque de acento e os domínios prosódicos	81
4.2.1 <i>Nespor & Vogel 1982</i>	81
4.2.2 <i>Nespor & Vogel 1986</i>	81
4.2.3 <i>Nespor & Vogel 1989</i>	83
5. APLICAÇÃO	90
5.1 <i>Nespor & Vogel</i>	90
5.2 <i>Haraguchi & Selkirk</i>	106
6. UM RETORNO AOS DOMÍNIOS PROSÓDICOS	112
6.1 Em busca da justificativa para integrar as fronteiras de domínios à análise dos clashes	112
6.2 A influência das fronteiras dos domínios na resolução dos choques de acento	114
6.2.1 <i>A fronteira de frase intonacional (I)</i>	114
6.2.2 <i>A fronteira de frase fonológica (ϕ)</i>	119
6.2.3 <i>A fronteira de grupo clítico (C)</i>	125
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	132
BIBLIOGRAFIA	138
ANEXOS	142

RESUMO

Este trabalho discute, sob a perspectiva da fonologia métrica, o fenômeno prosódico do *stress clash* ou choque de acento em relação a um conjunto de dados do português brasileiro. Os choques de acento que analisamos representam a colisão de acentos primários na grade métrica, no processo de concatenação de constituintes maiores do que a palavra.

Enquanto que a maior parte da literatura sobre o assunto escolhe tratar os reajustes de colisões acentuais na grade levando em conta apenas seu condicionamento rítmico, sugerimos que para identificar os contextos em que a dissolução dos choques é ou não possível seja necessário integrar à discussão informações pertinentes à organização sintática das seqüências que contêm *clashes*, via construção de uma hierarquia de domínios prosódicos.

SÍMBOLOS UTILIZADOS NESTA DISSERTAÇÃO:

()	fronteiras de palavra fonológica - ω
	fronteiras de grupo clítico - C
[]	fronteiras de frase fonológica - ϕ
{ }	fronteiras de frase intonacional - I
↗	curva intonacional ascendente
↘	curva intonacional descendente
/	pausa fonética
*	sílaba acentuada
.	sílaba sem acento
L, M, H	tons das sílabas acentuadas (<i>low, medium, high</i>)
—	indicação de ditongação

A não ser que especificado em contrário, para cada sentença que é trazida como exemplo no interior do texto são indicadas em duas linhas as marcações que orientaram nossas análises:

[| (em) (seu) | | (próprio) | | (corpo) |] 1^a. LINHA

* . * . * ↘ . /
{ ẽr^p seu prõpru kõpu } 2^a. LINHA → Realização Fonética

- Na primeira linha estão indicadas as fronteiras dos domínios prosódicos palavra fonológica, grupo clítico e frase fonológica. Estão também indicados os acentos primários através do duplo sublinhado.
- Na segunda linha, a seqüência está transcrita foneticamente e estão indicadas as fronteiras fonéticas das frases intonacionais, bem como o contorno intonacional que serviu para a sua delimitação (ver capítulo 2). Em alguns exemplos, quando relevante, indicamos as sílabas acentuadas marcando os tons em que foram realizadas. Exemplo:

. M . L . M L ↗ . /
{ ẽⁱⁿ nõmi dʒi ʒesus krist^hu }

- As sílabas relevantes na caracterização dos *clashes* são marcadas em negrito. Na transcrição fonética foi utilizado o alfabeto fonético IPA.

1. INTRODUÇÃO

1.1 A interface sintaxe-fonologia: ponto de partida:

Na história da caracterização da interface sintaxe-fonologia sob a ótica gerativista¹, duas foram as hipóteses que primeiramente nortearam as investigações dos lingüistas sobre as relações entre os módulos sintático e fonológico da linguagem: (i) a estrutura sintática tem o poder de determinar as representações fonológicas, no sentido de que os contextos de aplicação das regras fonológicas são correspondentes aos constituintes sintáticos; (ii) o contato entre sintaxe e fonologia é uma via de mão única: à fonologia é vedada qualquer influência em determinar representações sintáticas.

Enquanto que somente há certo tempo tomou algum fôlego uma rejeição à segunda hipótese², já em Chomsky e Halle (1968), trabalho basilar da fonologia gerativa, encontra-se a percepção de que a estrutura sintática não é capaz de determinar o contexto de todas as regras fonológicas. Segundo eles, dois conceitos de estrutura sintática de superfície devem ser considerados: um, que é *output* do componente sintático, e um outro, afetado por regras de reajuste que envolvem eliminação de estrutura, que serve de *input* para o componente fonológico. Isto explicaria a realização de sentenças como (1), em que a inserção de contornos intonacionais delimita constituintes que não coincidem

¹ Para uma visão geral sobre abordagens para a interface sintaxe-fonologia, ver Inkelas & Zec (1995).

² A hipótese de que o contato entre sintaxe e fonologia não seja unilateral e que a fonologia possa determinar representações sintáticas é relativamente restrita ainda. Ver Inkelas & Zec (1990) como exemplo dessa abordagem.

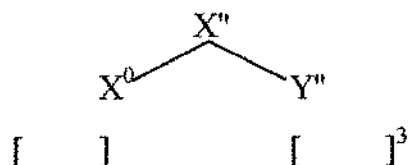
com aqueles delimitados por informações sintáticas, indicados em (2) (exemplo dos autores):

- (1) {This is the cat} {that caught the rat} {that stole the cheese}
 (2) This is [the cat that caught [the rat that stole [the cheese]]]

Partindo da observação de fatos como este, tornou-se amplamente aceito entre muitos pesquisadores da área nos últimos dez anos que a relação entre sintaxe e fonologia não aconteça de forma direta. Há certo consenso na literatura em se considerar que ela se dê por intermédio de uma **estrutura de constituintes prosódicos**, construídos pelo mapeamento de informações dos vários módulos da gramática na fonologia e por isso não necessariamente isomórficos aos constituintes sintáticos (Selkirk 1984, 1986, Selkirk & Chen 1990, Nespor & Vogel 1986, Zec & Inkelas 1990, 1995). O procedimento de construção dos constituintes prosódicos pode variar, a depender da propriedade sintática que for usada para dirigir o mapeamento sintaxe-prosódia.

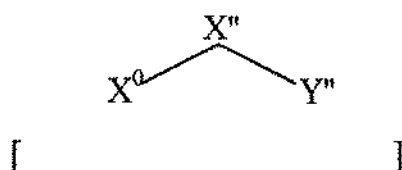
Nespor & Vogel (1986) propõem algoritmos de mapeamento que tomam as relações entre núcleo e complemento como a propriedade que determina a delimitação daqueles constituintes prosódicos definidos através de informações sintáticas. Três podem ser as possibilidades do fraseamento prosódico:

(a) um núcleo sintático e seu complemento formam constituintes prosódicos em separado:



³ [] dizem respeito às fronteiras de constituinte prosódico.

(b) núcleo e complemento formam um único constituinte prosódico:

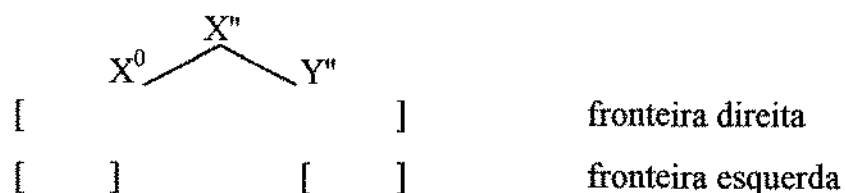


(c) o fraseamento depende da constituição interna do complemento: se for não-ramificante, forma um constituinte único com seu núcleo, mas se for ramificante, se constituiu num domínio prosódico por si:



No caso de (c), além de operar com as relações núcleo-complemento, o algoritmo precisa fazer referência à estrutura interna dos próprios complementos para determinar a correta delimitação dos constituintes prosódicos. Este tipo de mapeamento é chamado de mapeamento relacional (cf. Zec & Inkelas 1995).

Selkirk & Shen (1990) propõem que o mapeamento de construção dos constituintes prosódicos se baseie nas junturas sintáticas entre sintagmas, em um dado nível da hierarquia sintática. Em uma língua cuja direção de recursividade sintática seja para a direita (p.e.), tomando-se a projeção máxima como constituinte sintático relevante, duas são as possibilidades de fraseamento prosódico de uma configuração núcleo-complemento, a depender de qual juntura (direita ou esquerda) for escolhida como ponto inicial na delimitação do constituinte prosódico:



Um mapeamento baseado nas junturas sintáticas não consegue diferenciar o impacto de complementos sintáticos ramificantes e não-ramificantes na construção dos constituintes prosódicos.

Zec & Inkelas (1990) baseiam seu algoritmo de construção de constituintes prosódicos nas noções de *sisterhood* e ramificância. O algoritmo agrupa nódulos irmãos que não ramifiquem em um mesmo constituinte prosódico. Se houver ramificação, então é introduzida uma fronteira de constituinte prosódico:



Este algoritmo captura a sensibilidade que a estrutura prosódica parece apresentar a relações de ramificância, mas apresenta problemas em delimitar constituintes prosódicos nas situações em que, apesar de núcleo e complemento não ramificarem, existam razões para acreditar que formem constituintes prosódicos separadamente.

A importância da estrutura prosódica para a interface vem do fato dela atuar na delimitação dos **domínios** de ocorrência das regras fonológicas no nível pós-lexical. Os domínios prosódicos se colocam como um aparato necessário na descrição dos fenômenos fonológicos que, por ocorrerem além do nível da

palavra, são candidatos a sofrerem influência de informações de ordem sintática.

1.2 Definição do problema: o percurso:

A par de considerações mais gerais sobre como se estabelece o contato entre os módulos sintático e fonológico da linguagem, coloca-se a questão de como encarar este fato do ponto de vista da aquisição e da mudança lingüística. Adams (1987) é um dos primeiros trabalhos que abordam de tal maneira o problema, ao relacionar importantes mudanças gramaticais no percurso histórico do francês antigo para o francês médio com modificações no padrão prosódico da língua.

Obviamente, uma grande dificuldade para este tipo de abordagem provém da própria natureza do componente prosódico e dos estudos diacrônicos de mudança lingüística: fenômenos prosódicos são fenômenos de linguagem oral por excelência, enquanto que estudos sobre a história da língua precisam necessariamente se basear em textos escritos, já que não é mais possível contar com informantes...

Ainda assim, é possível obter resultados positivos em estudos diacrônicos sobre a prosódia tomando-se textos escritos por base. Muito desse trabalho tem sido feito com textos poéticos metrificados, que por apresentarem uma estrutura rítmica rígida, bastante convencionalizada, se prestam melhor à depreensão de fenômenos prosódicos⁴. Resta saber se o mesmo pode ser feito com textos em prosa, ou melhor, se é possível extrair evidências do padrão prosódico de determinada língua através do exame de textos escritos em uma modalidade não versificada.

⁴ Um exemplo desse tipo de trabalho é Massini-Cagliari (1995), que se propõe a elencar os parâmetros rítmicos do português antigo através do exame das cantigas de amigo.

Seguindo esta linha de raciocínio, Galves & Galves (1995) se propõem a elaborar um modelo formal que explique uma mudança lingüística sintática ocorrida no português europeu do início do século XIX, que afetou a colocação de pronomes clíticos e a ordem sentencial. Partem da hipótese de que essa mudança teria sido desencadeada por uma grande modificação prosódica, ocorrida no português de fins do século XVIII. Para contornar as dificuldades referentes ao trabalho com *corpus* diacrônico, foi elaborado um projeto multidisciplinar de pesquisa que, por ora, enfrenta o problema concentrando no campo sincrônico seus esforços.

A fim de chegar a alguma conclusão sobre a possibilidade de encontrar evidências da prosódia em textos em prosa, o grupo pretende fazer uma descrição comparativa dos padrões rítmico-intonacionais do português falado no Brasil e em Portugal, dialetos modernos da língua. A seguir, os resultados serão confrontados com análises que levem em conta pistas prosódicas depreendidas em textos escritos contemporâneos, para checagem. A comparação entre o português do Brasil e de Portugal vai também se prestar a determinar a eventual correlação entre diferenças de estruturação sintática e o ritmo das duas línguas. A expectativa é que as hipóteses assim obtidas possam ser adaptadas e estendidas para o módulo diacrônico do projeto.

Tomando como pano de fundo a questão da interface sintaxe-fonologia e dos objetivos do projeto de pesquisa como um todo, o presente trabalho opta por investigar um tipo de fenômeno prosódico, o *stress clash* ou **choque de acento**, pressupondo como arcabouço teórico as teorias que compõem a chamada fonologia não-linear, principalmente a teoria métrica conforme elaborada em Halle & Vergnaud (1987) e Hayes (1995). Os choques de acento que focalizamos são resultado da colisão de **acentos primários** na grade métrica, no

processo de concatenação frasal de constituintes maiores que a palavra no português brasileiro (PB). O alinhamento com a questão maior do projeto se faz presente na medida em que um dos passos necessários para se chegar a uma descrição do ritmo em PB é entender que condições precisam ser atendidas para que reajustes rítmicos sejam possíveis no caso de seqüências arrítmicas, como as que contêm *clashes*.

Em relação à interface, o exame dos choques de acento permite levantar questões interessantes sobre o relacionamento entre a sintaxe e a fonologia, por se tratar de um fenômeno de natureza pós-lexical. Especificamente, a principal questão a ser discutida tem a ver com as condições que bloqueiam (ou não) a dissolução de *clashes* na grade. Que não se trata de uma questão que envolva somente ritmo fica claro pela possibilidade dos *clashes* serem ou não desfeitos, conforme (3) e (4) abaixo⁵:

(3) (...) sobre a cruz carregou nossos pecados

* . * ↗ / * . * * . . * ↗ /
 {sobre krus} {kahego^u nosus pekadus}

(4) em seu próprio corpo (...)

* . * . * ↘ /
 {ẽrⁿ seu proprio koh.pu}

Se o condicionamento fosse apenas rítmico, seria possível esperar que os choques fossem sempre desfeitos, uma vez que a ocorrência de acentos adjacentes na grade é uma perturbação da eurritmia, princípio norteador de

⁵ A apresentação de (3) e (4) segue a codificação apresentada na legenda da página 9 para a linha de transcrição fonética. Os exemplos foram tirados como amostra do *corpus* analisado nesta dissertação, conforme seção 1.3.

fenômenos de ritmo. Quais seriam então os outros fatores a interferir nas escolhas entre desfazer ou não desfazer *clashes*? Os domínios prosódicos desempenham algum papel nessas escolhas? O que mais se faz presente? Estas são perguntas para as quais vamos tentar formular respostas, a partir da análise do *corpus* do projeto ao qual este trabalho se filia.

1.3 Os dados:

De início, uma grande diferença que se coloca entre nossa discussão e uma boa parte dos trabalhos que tratam de fenômenos relativos ao acento diz respeito ao fato de estarmos trabalhando com um *corpus*, com instâncias de implementação acentual realizadas por falantes da língua em contexto de uso de língua oral. É muito comum, senão procedimento padrão, que as discussões da fonologia métrica sejam feitas em termos bastante abstratos, considerando somente palavras isoladas ou sentenças idealizadas. O trabalho com um *corpus* é uma maneira de “testemunhar” o funcionamento do módulo rítmico da fonologia e se constitui num espaço privilegiado para que se confirme a adequação de teorias. Acreditamos que apesar da variedade de fatores de desempenho que precisam ser levados em conta numa análise de dados (por exemplo, fatores sócio-estilísticos, velocidade de fala, fluência, etc.) seja possível reconhecer aqueles fatos que se devem ao funcionamento da gramática da língua. Esta será nossa ênfase.

Os dados aqui analisados foram obtidos a partir de gravações feitas em vídeo-cassete no dia 28 de abril de 1996 de duas missas, uma exibida na rede de televisão TVE, do Rio de Janeiro, e a outra no canal de TV a cabo RTP Internacional, de Portugal. Escolheu-se este tipo de material de linguagem oral pela necessidade, dados os objetivos do projeto, de comparar textos falados em

PB e PE, a fim de investigar a interferência que a escolha de estruturas sintáticas particulares possa ter na implementação de padrões rítmicos e intonacionais nas duas línguas. A gravação de missas celebradas num mesmo dia (uma no Brasil e a outra em Portugal) permitiu a eliciação de textos que contêm estruturas sintáticas e escolhas lexicais bastante semelhantes, como os trechos exemplificados a seguir:

(...) no dia de pentecostes Pedro de pé, no meio dos onze apóstolos (...)
– Atos dos Apóstolos PB;

(...) no dia de pentecostes Pedro de pé com os onze apóstolos (...)
– Atos dos Apóstolos PE;

(...) andáveis como ovelhas desgarradas (...) – Epístola PB;

(...) vós éreis como ovelhas desgarradas (...) – Epístola PE.

Nas missas são encontrados três tipos de textos realizados oralmente: textos lidos (1ª leitura - Atos dos Apóstolos; 2ª leitura - Epístola, e Evangelho), textos de fala mais espontânea (os sermões) e fórmulas. O material que analisamos corresponde ao material de leitura da missa celebrada no Brasil.

A transcrição da gravação foi feita auditivamente por alunos do curso de pós-graduação em Lingüística do IEL/UNICAMP e compreende: (a) transcrição métrica (marcação das alternâncias entre sílabas fortes e fracas), (b) transcrição segmental, para a qual se utilizou o alfabeto fonético IPA, e (c) marcação dos tons em que foram realizadas as sílabas que receberam acento e dos contornos intonacionais que definem as frases intonacionais (*intonational phrases*).

Optamos por trabalhar somente com uma transcrição orientada por critérios lingüísticos devido à dificuldade que seria proceder a análises instrumentais do material. Para determinar os *clashes* instrumentalmente, seria

necessário dispor de uma média da duração⁶ das sílabas acentuadas em PB em *corpora* naturalísticos, como a missa. No entanto, trabalhos que tratem da duração de sílabas átonas vs. sílabas acentuadas em PB somente o fazem em relação a logatomas (p.e., Major 1981, 1985; Massini 1991) ou a sentenças com palavras reais, mas gravadas em condições controladas de laboratório (p.e., Major 1981, 1985). Ao mesmo tempo em que tais dificuldades se colocam, acreditamos que uma transcrição auditiva dos dados não prejudique a elaboração de hipóteses sobre os fatores que condicionam as escolhas de realização dos choques de acento, uma vez que os falantes são perfeitamente capazes de identificar os casos em que a resolução ou ocorrência de *clashes* são aceitáveis ou não, do ponto de vista da boa formação rítmica da sequência. Só estaremos, portanto, abordando como estratégia de resolução dos choques o apagamento/movimento de acento, a inserção de pausas e de contornos intonacionais, que são relativamente fáceis de serem distinguidos pelo ouvido.

Foi feita também uma segmentação dos dados em constituintes prosódicos, de acordo com a teoria de domínios que vamos assumir, a teoria de Nespor & Vogel (1986). Escolhemos não indicar as fronteiras de todos os constituintes prosódicos no *parsing* para não sobrecarregar a apresentação dos dados com informações que, de imediato, não se mostram diretamente relevantes na caracterização dos *clashes* entre acentos primários. Estamos indicando a segmentação nos seguintes constituintes: palavra fonológica, grupo clítico, frase fonológica e frase intonacional⁷. Acreditamos que estes sejam os constituintes de relevância para uma discussão da resolução dos choques de acento sob a perspectiva da interface sintaxe-fonologia, por serem claramente resultado da concatenação de mais de uma palavra ou, no caso da palavra fonológica, estar

⁶ A duração, de acordo com Massini (1991), seria o principal correlato acústico do acento em PB. Ver capítulo 3.

⁷ Para a enumeração e definição de todos os domínios previstos na teoria, ver capítulo 2.

numa situação limítrofe do que se pode chamar de porta de entrada para a atuação de regras pós-lexicais.

São os seguintes objetivos que definimos para o nosso trabalho, a partir da análise dos dados da missa:

- (i) ampliar a compreensão das condições que permitem o reajuste dos choques de acento no português brasileiro;
- (ii) verificar o funcionamento de teorias sobre acento e ritmo lingüístico para o português do Brasil, uma vez que o fenômeno a ser investigado pressupõe um recorte teórico métrico;
- (iii) fornecer elementos para a discussão da questão mais geral da interface sintaxe-fonologia.

O texto que se segue obedece à seguinte organização: no capítulo 2 são resenhados os princípios da teoria de domínios prosódicos de Nespor & Vogel (1986). No capítulo 3 enfocamos uma teoria para a representação do acento lingüístico, a teoria métrica, e são discutidas análises para a atribuição de acento primário e secundário em PB dentro dessa abordagem. No capítulo 4 apresentamos vários trabalhos que tratam dos choques de acento, organizando-os em dois blocos: um que toma a construção da grade métrica diretamente da árvore sintática e outro que integra os domínios prosódicos ao fenômeno do *stress clash*. Nos capítulos finais, introduzimos os dados para uma discussão da adequação das propostas apresentadas para o choque de acento: no capítulo 5 aplicamos ao *corpus* algumas das análises resenhadas no capítulo 4, procurando mostrar que não são suficientes para dar conta dos dados do PB. No capítulo 6 apresentamos uma proposta de análise, baseada na teoria dos domínios

prosódicos de Nespor & Vogel (1986). Por fim, no capítulo 7, tecemos algumas considerações finais sobre as questões que os dados levantam a respeito da relação entre os módulos sintático e fonológico da linguagem.

2. DOMÍNIOS PROSÓDICOS

2.1 Introdução:

Nespor & Vogel (1986) propõem uma hierarquia de domínios prosódicos, assumidos como contexto de aplicação de regras fonológicas e como lugar de interface da fonologia com os outros módulos da gramática. Para tanto, a construção dos domínios obedece a **regras de mapeamento**, que fazem uso de informações lingüísticas de vários tipos – fonológicas, morfológicas, sintáticas, semânticas. Os constituintes prosódicos assim definidos não têm qualquer compromisso de isomorfia com outros constituintes da gramática. Este, inclusive, é o objetivo central do modelo: argumentar que os constituintes prosódicos construídos pela definição dos domínios não são necessariamente isomórficos a qualquer outra estrutura lingüística, particularmente à sintática.

São sete os domínios prosódicos propostos por essas autoras: a sílaba (σ), o pé (Σ), a palavra fonológica (ω), o grupo clítico (C), a frase fonológica (ϕ), a frase intonacional (I) e o enunciado fonológico (U). Cada constituinte, como dito acima, é caracterizado pelo tipo de informação utilizada na sua construção e pelas diferentes regras fonológicas que o tomem como domínio de aplicação. Convém notar que a seleção das informações que são utilizadas na construção dos domínios obedece a uma ordenação específica. Dizem as autoras que

(...) whether a given mapping rule makes use of a specific type of morphological, syntactic, or semantic information is not a free choice. (...) the lower constituents that make use of

nonphonological information take into consideration notions present at the lower levels of the morpho-syntactic hierarchy. Higher constituents in the prosodic hierarchy depend on notions incorporated at higher levels of the syntactic tree, and the uppermost levels also make reference to semantic notions (...)¹

Em outras palavras, à medida em que se avança na direção de categorias prosódicas mais altas na hierarquia são construídos constituintes cada vez de maior extensão, já que as regras de mapeamento se utilizam de informações morfológicas, sintáticas, semânticas, nessa ordem, na construção da hierarquia de domínios.

Um outro ponto de divergência da hierarquia de constituintes prosódicos com a hierarquia de constituintes morfo-sintáticos, além falta de isomorfia, se refere ao fato das regras de mapeamento prosódico não serem recursivas como as regras sintáticas. A partir do momento em que um determinado domínio prosódico é definido pelas regras de mapeamento, as informações utilizadas na sua construção deixam de estar disponíveis para as regras fonológicas. Não é possível a uma determinada regra fonológica “voltar”, p.e., à sintaxe para buscar informações adicionais referentes ao seu contexto de aplicação. A única informação visível e necessária para as regras fonológicas é o lugar em que se colocam as fronteiras que delimitam os domínios prosódicos; são estes que indiretamente incorporam noções de outros módulos da gramática. Nesse sentido, os domínios representam um momento “congelado” da representação morfo-sintática².

¹ Nespor & Vogel (1986: 05).

² Na verdade, há um momento em que se faz necessário fazer o caminho de volta às informações que serviram para delimitar os domínios – o momento das reestruturações. A reestruturação modifica a delimitação original dos domínios realizada pelos algoritmos de construção e, para que seja possível, obedece, entre outros fatores, a restrições sintáticas, conforme seções 2.4.4 e 2.4.5. Ressaltamos, entretanto, que são as regras de mapeamento que fazem o retorno à sintaxe para buscar elementos que licenciem a reestruturação. As regras fonológicas continuam se referindo aos domínios delimitados por estas últimas, no caso, domínios que tenham sido reestruturados.

Uma fonte de variação entre as línguas diz respeito à possibilidade de se reestruturar os domínios prosódicos devido à interferência de fatores como velocidade de fala, introdução de contornos intonacionais, etc. Nas línguas em que os domínios podem ser reestruturados, a realocação das fronteiras só é possível se estiver de acordo com certas restrições de ordem gramatical. Para Nespor & Vogel os constituintes prosódicos que mais se prestam a sofrer reestruturações são a frase fonológica e a frase intonacional. Nas seções correspondentes a estes domínios apresentamos as condições que precisam ser satisfeitas para que se possam reestruturá-los.

Assume-se que todas as línguas possuam as sete categorias prosódicas, o que não significa, porém, que se comportam de modo análogo inter-lingüisticamente. Frota (1995, 1996) sugere que um parâmetro marcaria os domínios com o traço forte ou fraco, de maneira que somente os domínios marcados forte seriam “visíveis” numa dada língua, ou seja, seriam acionados como contexto de aplicação de regras fonológicas. A autora argumenta em favor da invisibilidade da frase fonológica no português europeu, por não ter encontrado regras segmentais, intonacionais ou rítmicas que a tomassem como domínio de aplicação³.

A hipótese de que as diferenças de visibilidade dos domínios prosódicos decorrem de uma variação paramétrica é mais interessante como generalização das propriedades do componente prosódico que simplesmente propor a não existência de alguns domínios em certas línguas. Dizer que em uma língua não existe determinada categoria traz a implicação de que há variação substancial quanto ao modo como se dá a interface entre a fonologia e o restante da gramática em diferentes línguas, algo indesejável, por aumentar muito a definição do número de gramáticas compatíveis com a gramática universal.

³ Sobre Frota e domínios prosódicos no português europeu, ver capítulo 6.

2.2 Hierarquização dos domínios prosódicos:

As categorias prosódicas estão organizadas em estruturas arbóreas, que refletem indiretamente a hierarquia de constituintes sintáticos. Como dito anteriormente, a extensão dos constituintes construídos pelas regras de mapeamento aumenta à medida em que se sobe na hierarquia prosódica, ao incorporarem noções pertinentes a níveis comparativamente altos da árvore sintática e até noções semânticas. A construção da hierarquia prosódica respeita os princípios universais abaixo:

Princípio 1: uma unidade não terminal da hierarquia prosódica X^P é composta de uma ou mais unidades da categoria imediatamente inferior X^{P-1} .

Princípio 2: uma unidade de um dado nível na hierarquia está exaustivamente contida na unidade superordenada da qual faz parte.

Princípio 3: as estruturas hierárquicas da fonologia prosódica são n-ramificantes

Princípio 4: a relação de proeminência relativa definida para núdulos irmãos é tal que a um nóculo é atribuído o valor 'forte' e a todos os outros é atribuído o valor 'fraco'.⁴

A reunião dos princípios 1 e 2 constitui a *Strict Layer Hypothesis* (SLH), formulada em Selkirk (1984). A SLH garante que os elementos que compõem determinada categoria prosódica sejam todos de um mesmo tipo e que pertençam à categoria imediatamente dominada pela categoria prosódica em

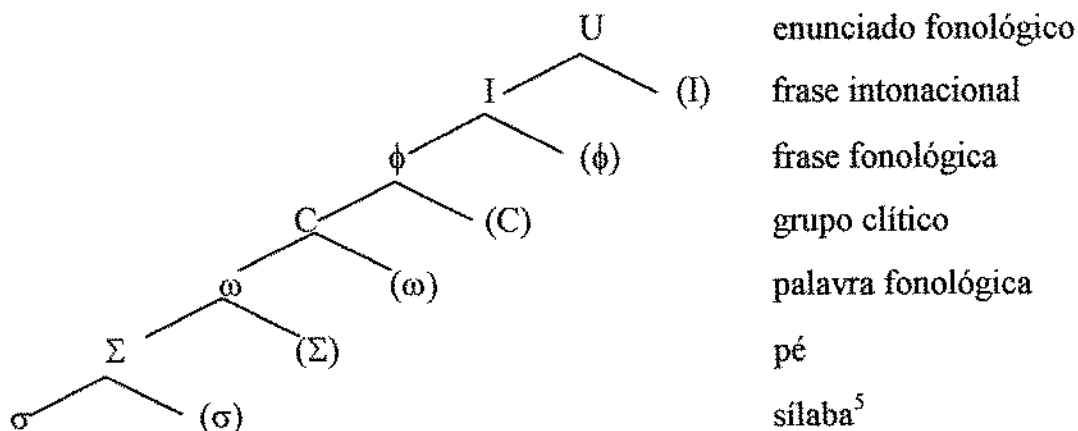
⁴ Nespor & Vogel (1986: 07).

questão. Assim, p.e., a ω (palavra fonológica) é formada pela reunião de Σ s (pé) e somente pela reunião de Σ s. Não é possível misturar os constituintes σ s (sílabas) e Σ s na formação de ω s.

Dado que a estrutura interna dos constituintes prosódicos é uniforme em todos os níveis da hierarquia, as regras de construção de domínios têm sempre a forma

Junte em um X^p n-ramificante todos os X^{p-1} incluídos numa sequência delimitada pela definição do domínio de X^p .

A árvore das categorias prosódicas tem a seguinte aparência:



2.3 Regras de mapeamento de domínio vs. regras fonológicas:

Nespor & Vogel (doravante N&V) alertam para que se mantenha clara a distinção entre as regras de mapeamento na construção dos constituintes

⁵ Representação retirada de Bisolet (1996).

prosódicos, que representam a interface da fonologia com os outros componentes da gramática, e as regras fonológicas propriamente ditas, que afetam seqüências de sons: as primeiras definem o contexto de aplicação das segundas, ao servirem como delimitadoras dos domínios.

Em relação às regras fonológicas, as autoras adotam a tipologia de Selkirk (1980): essas regras seriam classificáveis em regras de *span*, regras de limite e regras de juntura.

Regras de *span* são aquelas cujo contexto de aplicação é interno a um domínio prosódico, isto é, cujo lugar de aplicação corresponde ao espaço delimitado pelas fronteiras de um domínio. Um exemplo de regra de *span* citado por N&V é o vozeamento de *s* intervocálico em dialetos do norte da Itália. Esta regra aplica-se internamente ao domínio ω (palavra fonológica) mas nunca entre ω s, como pode ser visto em

[a[z]ola] ω	‘casa de botão’
[a[z]ilo] ω	‘creche’
[la] ω [[s]irena] ω *la [z]irena	‘a sereia’
[hanno] ω [[s]eminato] ω *hanno [z]eminato	‘(eles) semearam’

As regras de *span* têm o seguinte formato: $A \rightarrow B / [...X_Y...]_{Di}$, onde A e B são segmentos, X e Y são seqüências de segmentos e Di representa a categoria prosódica.

Regras de limite são regras em que a seqüência a ser afetada precisa ser interna e adjacente a um dos limites de um domínio. Têm a forma $A \rightarrow B / [...X_Y]_{Di}$ ou $A \rightarrow B / [X_Y...]_{Di}$. Um exemplo de regra de limite dado por N&V é a regra de apagamento de *t* no catalão. Em catalão o [t] de uma seqüência [nt] em posição final de palavra é apagado se a fronteira direita da palavra coincidir com a fronteira do grupo clítico em que está inserida. Se um

elemento clítico seguir a palavra, fazendo com que as fronteiras de ω (palavra fonológica) e C (grupo clítico) deixem de coincidir, o apagamento é bloqueado, o que sugere que esta seja uma regra que só atue no contexto de limite do domínio C. Ex:

⁶ [fen]_C [əsɔ̃]_C (<[fént]) ‘fazendo isso’
 [[purtánt]_ω [u]_ω]_C (*[purtán u]) ‘levando-o’

Regras de juntura são aquelas operantes entre as fronteiras de dois domínios prosódicos de nível igual, desde que incluídos dentro de um mesmo constituinte no nível superior na hierarquia. As regras de juntura, pois, fazem referência a dois domínios: o domínio dos constituintes adjacentes envolvidos na juntura e o domínio dentro do qual a juntura deve ocorrer para que a regra se aplique. Uma vez que as categorias prosódicas estão organizadas numa hierarquia, as junturas de duas unidades de um determinado tipo só podem ocorrer dentro de uma unidade maior, que inclua as unidades em questão. Nas formulações $A \rightarrow B / [...[...X_Y]_{Dj} [Z...]_{Di} ...]_{Di}$ e $A \rightarrow B / [...[...X]_{Dj} [Y_Z...]_{Di} ...]_{Di}$, Z representa uma seqüência de elementos (como X e Y) e Dj representa as categorias cujas junturas são relevantes para a definição da regra. Exemplo de regra de juntura é o *Raddoppiamento Sintattico* (RS) do italiano, amplamente discutido por N&V.

O RS é uma regra que, em uma seqüência de duas palavras, alonga a consoante inicial da segunda palavra se (a) a consoante a ser alongada é seguida por um elemento sonorante, especialmente uma vogal ou outra sonorante não nasal, (b) a primeira palavra terminar em vogal e esta vogal for a portadora do

⁶ Devido a *Strict Layer Hypothesis* (ver seção 2.1), na formação da hierarquia prosódica, o domínio C é construído tanto nos casos em que há de fato um elemento clítico presente quanto naqueles em que nenhum clítico figura na delimitação de C. Assim, muitas vezes C é construído como domínio vazio em relação à parentetização que delimita ω .

acento primário da palavra. Além dessas condições segmentais, é essencial que as palavras a serem afetadas pelo RS façam parte de uma mesma ϕ (frase fonológica): o RS é uma regra de juntura de ω , que se aplica se estiverem dentro de uma mesma ϕ :

[Era venuto] $_{\phi}$ [com [tre] $_{\omega}$ [p:iccoli] $_{\omega}$ cobra] $_{\phi}$
 (Ele) tinha vindo com três cobras pequenas.

*[Devi comprare] $_{\phi}$ [delle mappe] $_{\phi}$ [di [cittá] $_{\omega}$] $_{\phi}$ [[m:olto] $_{\omega}$ vecchie] $_{\phi}$
 (Você) deve comprar mapas de cidades muito velhas.

Na teoria de domínios prosódicos, na formulação de cada regra fonológica deve ficar explícito o seu domínio de aplicação. Isto contribui para uma simplificação do formalismo dentro do componente fonológico: não é necessário definir caso a caso o contexto específico das regras; a informação necessária para determinar o lugar em que as regras vão se aplicar é dada pela indicação dos domínios.

2.4 Construção dos domínios prosódicos:

Apresentam-se a seguir as definições dos domínios prosódicos e as suas regras de construção, conforme proposto por Nespor & Vogel. São apresentados também exemplos de regras que operam em cada uma das categorias prosódicas, uma vez que os domínios são caracterizados pelas regras fonológicas que os têm como contexto de aplicação.

No trabalho com os dados da pesquisa, encontramos várias dificuldades em aplicar os algoritmos de *parsing* propostos – definir domínios num *corpus* é bastante diferente de fazê-lo em exemplos bem comportados, como os que

ilustram a teoria. Isso foi particularmente marcante na delimitação do domínio ϕ , que é o constituinte com um contato mais direto com informações sintáticas. Parte da dificuldade vem da própria definição de ϕ , que pressupõe uma teoria sintática do início da década de 80, bem distante dos recentes desdobramentos da teoria gerativa.

Sem perder de vista os problemas que os algoritmos impõem para a construção dos domínios, nos limitamos, aqui, somente a reproduzir as definições de domínios apresentadas em N&V – reformular os princípios de construção dos constituintes prosódicos seria uma tarefa tão abrangente que fugiria do escopo do nosso trabalho. No caso de ϕ , porém, comentaremos a versão particular de *parsing* que foi utilizada para a análise dos dados.

Para uma discussão específica da construção do domínio ϕ , referimos o leitor a Guimarães (1997), que se propõe apontar os problemas que o algoritmo de N&V traz para a delimitação de ϕ e a rever o algoritmo que constrói esse domínio sob a luz da sintaxe minimalista. Partindo de uma unificação do *Linear Correspondence Axiom* (LCA) de Kayne (1994) com o mapeamento dos constituintes prosódicos, transformando-os em um só procedimento, o autor argumenta em favor de se considerar o c-comando como principal primitivo teórico no mapeamento sintaxe-prosódia.

2.4.1 Domínio σ (sílabas) e Domínio Σ (pé):

O domínio de construção de σ e de Σ é ω .

Proeminência relativa em Σ :

É determinada pelo algoritmo de construção de pés métricos em cada língua, que vai apontar a sílaba que será rotulada forte dentro do pé.

Um exemplo de regra que tem como domínio a σ é a regra de glotalização do t no inglês americano. Esta regra glotaliza o segmento t que, em final de sílaba, segue um segmento [-consonantal], quando

a) o t está em posição final absoluta:

wait	[[wai[t ^ʔ]] _σ] _ω	‘esperar’
report	[[re] _σ [por[t ^ʔ]] _σ] _ω	‘relatar’

b) o t , dentro de uma palavra fonológica, é seguido por uma consoante que não seja r :

atlas	[[a[t ^ʔ]] _σ [las] _σ] _ω	‘atlas’
witness	[[wi[t ^ʔ]] _σ [ness] _σ] _ω	‘testemunha’

c) o t é seguido por uma consoante ou um glide em uma palavra adjacente:

wait patiently	[[wai[t ^ʔ]] _σ] _ω [[pa...] _σ] _ω	‘esperar pacientemente’
wait reluctantly	[[wai[t ^ʔ]] _σ] _ω [[re...] _σ] _ω	‘esperar relutantemente’

A regra de aspiração de t em inglês é apresentada por N&V como exemplo de regra operante no domínio Σ . Esta regra torna o t aspirado somente se for o primeiro elemento de um domínio Σ :

terrain	→ [t ^h] errain	[te] _Σ [rrain] _Σ	‘terreno’
detain	→ d [t ^h] ain	[de] _Σ [tain] _Σ	‘deter’
tree toad	→ [t ^h] ree [t ^h] oad	[tree] _Σ [toad] _Σ	‘rãzinha’
sting	→ *s[t ^h] ing	[sting] _Σ	‘ferrão’
after	→ *af[t ^h] er	[after] _Σ	‘após’
night owl	→ *nigh[t ^h] owl	[night] _Σ [owl] _Σ	‘mocho’

2.4.2 Domínio ω (palavra fonológica):

A. O domínio de ω é Q , (Q = nóculo terminal de uma árvore sintática) ou

B. I O domínio de ω consiste de

- a. uma raiz;
- b. qualquer elemento identificado por critérios fonológicos e /ou morfológicos específicos;
- c. qualquer elemento marcado com o diacrítico [+W].⁷

II Quaisquer elementos não ligados morfológicamente a uma palavra dentro de Q formam parte da ω adjacente mais próxima à raiz; se não existir tal ω , formam uma ω em separado.

Construção de ω :

Junte numa ω ramificada n-ariamente todos os Σ incluídos numa cadeia delimitada pela definição do domínio de ω .

Proeminência relativa em ω :

É parametrizada em cada língua. Nos casos não marcados, o pé forte de uma palavra fonológica é aquele mais à esquerda ou mais à direita do domínio.

O tipo (A) de palavra fonológica ($\omega = Q$) é encontrado em grego. A regra de atribuição de acento primário acentua a última, a penúltima ou a antepenúltima sílaba das palavras fonológicas nessa língua. Os compostos se comportam como palavras não compostas – recebem somente um acento primário, que não precisa coincidir com os acentos atribuídos antes da composição:

[piθanós]	‘provável’
[patéras]	‘pai’
[kókinos]	‘vermelho’

⁷ Convém observar que no tipo (B) de palavra fonológica cada um dos subtipos (a), (b) e (c) incorpora as definições do(s) subtipo(s) anterior(es). Assim, p.e., no subtipo (b), ω = uma raiz (definição do subtipo (a)) e a qualquer elemento identificado por critérios morfológicos e/ ou fonológicos específicos (definição do subtipo (b)).

[kuklóspito] < [kúkla] [spíti]	‘casa de bonecas’
[spirtokúti] < [spírton] [kutí]	‘caixa de fósforo’
[nixtofilakí] < [níxta] [filakí]	‘guarda noturno’

O tipo (B a.) de palavra fonológica (ω = uma raiz) é operante em turco, como também o demonstra a regra de atribuição de acento primário. Esta regra acentua, quase sempre, a última sílaba das palavras nessa língua:

odá	‘quarto’
çocúk	‘criança’
çocuklár	‘crianças’
çocuklarımız	‘nossas crianças’

Nos compostos, porém, somente o acento primário da primeira raiz permanece; o da segunda raiz é transformado em acento secundário. Este é, em turco, um padrão de acento típico de palavras fonológicas independentes concatenadas em uma mesma frase fonológica. Nos compostos, então, cada raiz se comporta como uma ω :

dügünçiçeği	‘botão de ouro, ranúnculo’
çáy evi	‘casa de chá’

O tipo (B b.) de palavra fonológica (ω = qualquer elemento identificado por critérios fonológicos e /ou morfológicos específicos) é exemplificado por N&V com regras do húngaro e do italiano.

Em húngaro a regra de palatalização de *d*, *t*, *l* e *n* antes de *j* afeta diferentemente sufixos e prefixos: se os segmentos em questão estiverem presentes entre a raiz e um sufixo a regra se aplica; se presentes entre a raiz e um prefixo a regra é bloqueada, assim como se presentes entre membros de compostos (tipo B a. de ω) ou em palavras independentes, respectivamente:

[men+jen] ω → me[p]en	‘ir + 3 ^a pessoa do sing. imperativo’
------------------------------	--

[fel] _ω	[jönni] _ω	→ *fe[j]önni	‘subir’
[alúl] _ω	- [járó] _ω	→ *alú[j]áró	‘túnel’
[én] _ω	[jövök] _ω	→ *é[p]övök	‘eu venho’

O húngaro é uma língua em que a definição do domínio ω distingue os afixos por critérios morfológicos: os sufixos formam uma ω junto com a raiz adjacente; os prefixos formam ω em separado.

A regra de neutralização de [ɛ] e [ɔ] em posição pretônica do italiano é um exemplo de regra que atua no domínio ω definido a partir de informação fonológica específica: [ɛ] e [ɔ] só podem ocorrer em sílabas que portem acento primário – em outras palavras, só ocorrem em sílabas que sejam DTE⁸ de palavra fonológica. Se uma derivação ou inflexão morfológica transferir o acento primário para uma outra sílaba da palavra, os segmentos [ɛ] e [ɔ] passam a [e] e [o]:

[l[ɛ]ggo] _ω	vs. [l[e]ggévo] _ω	‘(eu) leio vs. (eu) lia’
[p[ɔ]co] _ω	vs. [p[o]chíno] _ω	‘pouco vs. pouquinho’

O par mínimo abaixo, uma palavra derivada por sufixo e uma sequência de duas palavras independentes, mostra que de fato a neutralização só se aplica dentro da ω se for feita menção à necessidade de que os segmentos que vão sofrer a regra estejam na sílaba portadora do acento primário:

[s[o]litaménte] _ω	‘habitualmente’	<	[s[ɔ]lito] + [mente]	‘habitual’+sufixo
[s[ɔ]lita] _ω	[ménte] _ω			‘mente habitual’

O tipo (B c.) de palavra fonológica (ω = qualquer elemento marcado com o diacrítico [+W]) é encontrado em holandês. Nessa língua, os processos de silabificação, que constroem sílabas segundo princípios universais de boa-

⁸ *Designated Terminal Element*, conforme Liberman & Prince (1977).

formação silábica, só operam no interior do domínio ω . A silabificação serve como teste para que se distingam domínios ω em holandês. Constituem palavras fonológicas em holandês:

(a) os membros de compostos (tipo B a. de ω):

$[[\text{lamp}]_{\sigma}]_{\omega} [[\text{olie}]_{\sigma}]_{\omega} \quad *[[\text{lam}]_{\sigma}]_{\omega} [[\text{polie}]_{\sigma}]_{\omega} \quad \text{'querosene'}$

No exemplo acima, se os membros do composto fizessem parte do mesmo domínio de silabificação, o esperado é que a divisão silábica fosse equivalente à da opção asteriscada;

(b) os prefixos vs. a raiz com a qual mantêm relação morfológica (tipo B b. de ω):

$[[\text{ont}]_{\sigma}]_{\omega} [[\text{erven}]_{\sigma}]_{\omega} \quad *[\text{on}]_{\sigma} [\text{terven}] \quad \text{'deserdar'}$

(c) Quanto aos sufixos, ora se comportam como palavras independentes, não se submetendo aos processos de silabificação,

$[[\text{rood}]_{\sigma}]_{\omega} [[\text{ach}]_{\sigma} [\text{tig}]_{\sigma}]_{\omega} \quad (< \text{rood} + \text{achtig}) \quad \text{'semelhante ao vermelho'}$

ora como parte da ω que contém a raiz a que estão ligados morfológicamente, sofrendo a silabificação:

$[[\text{roo}]_{\sigma} [\text{dig}]_{\sigma}]_{\omega} \quad (< \text{rood} + \text{ig}) \quad \text{'avermelhado'}$

A solução é marcar os sufixos que formam ω independente com um traço diacrítico [+W] no léxico.

2.4.3 Domínio C (grupo clítico):

O domínio de C consiste de uma ω que contenha uma palavra independente mais quaisquer ω adjacentes que contenham:

- a. um DCL (clítico direcional) ou
- b. um clítico, tal que não haja nenhum hospedeiro possível com o qual ele compartilhe mais filiações de categoria.

Construção de C:

Junte em um C ramificado n-ariamente todas as ω s da cadeia delimitada pela definição do domínio de C.

São duas as opções: a maior parte das línguas escolhe a ω não clítica como elemento forte de C. A outra opção é determinar o DTE de C posicionalmente, isto é, a ω rotulada forte dentro de C é definida com base na sua posição dentro do domínio.

O grego é um exemplo de língua que possui clíticos direcionais. Em grego os pronomes possessivos são sempre enclíticos, o que pode ser verificado pelo funcionamento da regra de reajuste de acento. Esta regra atribui um acento secundário à segunda sílaba à direita da sílaba com acento primário em uma palavra, toda vez que houver mais de duas sílabas sem acento naquela posição. Os pronomes enclíticos contam para que o reajuste se efetue:

[to prósfatò **mu**]_C [árθro]_C 'meu recente artigo'

Evidência adicional vem do par mínimo

[o dáskalòs mu] _C	[to ípe] _C	'meu professor disse isso'
[o dáskalos] _C	[mu to ípe] _C	'o professor disse isso a mim'

No primeiro caso, tem-se um possessivo, enclítico ('mu'), e a regra se aplica. No segundo, 'mu' é pronome pessoal, está proclítico a 'ípe', e a regra de reajuste de acento não se aplica.

2.4.4 Domínio ϕ (frase fonológica):

O domínio de ϕ consiste de um C que contenha um núcleo lexical X e todos os Cs do seu lado não recursivo, até outro C que contenha um núcleo fora da projeção máxima de X.

Construção de ϕ :

Junte em uma ϕ ramificada n-ariamente todos os Cs incluídos em uma sequência delimitada pela definição do domínio de ϕ .

Reestruturação de ϕ (opcional):

Uma ϕ não ramificante que seja o primeiro complemento de X em seu lado recursivo é integrada à ϕ que contém X.

Proeminência relativa em ϕ :

Nas línguas cujas árvores sintáticas ramificam à direita, o nóculo mais à direita de ϕ é forte. Nas línguas cujas árvores sintáticas ramificam à esquerda, o nóculo mais à esquerda de ϕ é forte.

Cabe observar que, na versão de *parsing* que utilizamos para a delimitação de domínios ϕ no *corpus* de PB, a noção de projeção máxima foi substituída pela de projeção estendida, nos termos de Grimshaw (1991): a projeção estendida de um núcleo lexical X seria composta pela projeção máxima XP e de todas as projeções funcionais que imediatamente dominam XP e que são extensões funcionais de XP.

Um exemplo de regra do domínio ϕ , além do *Raddoppiamento Sintattico* apresentado na seção 2.1, é uma regra de redução do quechua. O quechua é uma língua cuja direção de recursividade sintática é a esquerda mas vários elementos como cópulas, verbos auxiliares, etc. podem ser colocados à direita dos núcleos

dos sintagmas. A redução só afeta os elementos do lado direito (lado não recursivo) do núcleo lexical que serve de referência para a frase fonológica – a regra é interna a ϕ :

[Xwana-mi a-ni] ϕ	→	[Xwana-m-a-ni] ϕ	‘Eu sou Joana’
[Pedro-chu a-ngi] ϕ	→	[Pedro-ch-a-ngi] ϕ	‘Você é Pedro?’

2.4.5 Domínio I (frase intonacional):

O domínio de I pode consistir de

- a. todas as ϕ s numa seqüência que não seja estruturalmente ligada à árvore sintática da sentença no nível da estrutura-s ou
- b. qualquer seqüência remanescente de ϕ s adjacentes numa sentença raiz.

Construção de I:

Junte em uma I ramificada n-ariamente todas as ϕ s incluídas numa seqüência delimitada pela definição do domínio de I.

Proeminência relativa em I:

Dentro de I, um nóculo é rotulado forte com base em fatores semânticos como foco, diferenças de informação dada vs. informação nova, etc. O DTE de uma mesma seqüência pode variar a depender da situação, mas certas possibilidades são consideradas mais marcadas em relação a outras.

A formulação do domínio de construção de I baseia-se fortemente nas noções de que I seja o domínio de um contorno de intonação e de que suas fronteiras sejam as posições preferenciais para que se insiram pausas controladas gramaticalmente nas sentenças. Construções como vocativos, inserções parentéticas, etc. normalmente são marcadas por mudanças características em suas curvas de intonação.

O domínio I admite grande flexibilidade para a ocorrência de reestruturações. Os principais fatores que podem levar à reestruturação são: a extensão do constituinte – uma I curta é preferida a uma I longa; o estilo de fala – estilos mais formais tendem a reestruturar as Is em unidades menores; a velocidade de fala – quanto mais pausada a fala, maior a probabilidade de reestruturações; considerações semânticas referentes à marcação de acento contrastivo.

Apesar dessa variedade de interferências, a reestruturação não é completamente livre ou irrestrita. Ela precisa obedecer um *ranking* de restrições, a saber: deve preferir inserir fronteiras de I somente no fim de sintagmas nominais; deve preferir dividir uma I longa, formada por mais de um núcleo sentencial, no limite sintático entre duas sentenças; deve preferir não separar um sintagma nominal de um verbo do qual seja argumento obrigatório. Há, ainda, condições específicas que podem levar à reestruturação de listas

[Everyone at the party ate, talked, sang and danced]_I
[Everyone at the party ate]_I [talked]_I [sang]_I [and danced]_I
'Todos na festa comeram, conversaram, cantaram e dançaram'.

e de sentenças encaixadas em que se repita o mesmo tipo de constituinte sintático:

[This is the cat that caught the rat that stole the cheese]_I
[This is the cat]_I [that caught the rat]_I [that stole the cheese]_I
'Este é o gato que pegou o rato que roubou o queijo.'

A noção relevante que dirige estas reestruturações parece ser a repetição de um padrão.

A regra de assimilação de nasal do espanhol é uma regra que tem como domínio a frase intonacional. Esta regra assimila na consoante nasal o ponto de

articulação da consoante obstruente que a segue. Note-se que a regra se aplica tanto internamente às palavras quanto entre palavras independentes, já que o domínio relevante é I (nos exemplos, somente as nasais sublinhadas sofreram a aplicação da regra):

[Tenían diez canguros en un parque muy cerca de acuí]_I
'(Eles) tinham dez cangurus em um parque perto daqui.'
[Un gran balcón]_I [como saben]_I [puede ofrecer mucho placer]_I
'Um grande sacada, como sabem, pode oferecer muito prazer.'

A regra de assimilação respeita as reestruturações de I que porventura tiverem tido lugar na sentença. É sempre o resultado final das reestruturações que serve de contexto para a atuação da regra. Comparem-se:

[Quería invitar a Juan Carmen Carlos y Beatriz]_I
[Quería invitar a Juan]_I [Carmen]_I [Carlos]_I [y Beatriz]_I
'Querida convidar João, Carmen, Carlos e Beatriz.'

2.4.6 Domínio U (enunciado fonológico):

O domínio de U consiste de todas Is correspondentes a X^n na árvore sintática.

Construção de U:

Junte em uma U ramificada n-ariamente todos as Is incluídas em uma sequência delimitada pela definição do domínio de U.

Proeminência relativa em U:

O nóculo mais à direita dominado por U é forte.

A regra de *flapping* do inglês americano é um exemplo de regra do domínio U. Ela transforma /t/ e /d/ intervocálicos e não aspirados em [ɾ], seja

de domínios prosódicos, Bisol (1996) apresenta o sândi vocálico como um tipo de processo fonológico que ocorre desde o domínio grupo clítico até o enunciado fonológico. Os exemplos a seguir ilustram a atuação do sândi em relação a diferentes fronteiras de domínios (os elementos grifados correspondem aos segmentos que sofreram a ação do sândi):

[A <u>estrada</u>] _C	[ê] _C	[boa.] _C	→	[aystráda]
[você] _φ	[<u>está</u> <u>atravessando</u>] _φ	[Dardanelos] _φ	→	[ístatravesandu]
[drama] _φ	[já <u>basta</u>] _φ	[<u>a</u> vida] _φ	→	[drama] [ʒabastavida]
[Eduardo] _I	[<u>espere</u> <u>um</u> pouco] _I		→	[edwãrdwispeɣiyumpówku]
[Sim, passar <u>passa</u> <u>agora</u> ocupa <u>a</u> <u>estrada</u> <u>inteira</u>] _U			→	
[sin, pasar pasagərokupaystradinteyra] ⁹				

Na apresentação da hierarquia prosódica de N&V (1986) foi possível explicitar o tipo de informação que seria usada pelas regras de mapeamento para a construção de cada um dos domínios prosódicos. Os dois primeiros constituintes da hierarquia, a sílaba e o pé, são definidos apenas por critérios fonológicos. À medida em que se sobe na hierarquia, as regras de mapeamento vão incorporando informações morfológicas (palavra fonológica), sintáticas (grupo clítico, frase fonológica, frase intonacional, enunciado fonológico), semânticas (frase intonacional, enunciado fonológico) e informações discursivas (enunciado fonológico).

Os três últimos constituintes, a frase fonológica, a frase intonacional e o enunciado fonológico, são os constituintes para os quais N&V formulam condições de reestruturação. São estes os constituintes que claramente fazem uso de informações sintáticas e semânticas na definição de seus domínios¹⁰. Por isso mesmo, segundo as autoras, eles precisariam de reajustes, para se conformar a condições fonético-fonológicas que não poderiam ser expressas

⁹ Exemplos da autora.

¹⁰ Sobre o grupo clítico, ver capítulo 6.

pela sintaxe. Assim, numa teoria sobre a natureza da interface sintaxe-fonologia, a construção de ϕ , I e U oferece importante contribuição à hipótese de que os constituintes prosódicos não precisam ser necessariamente isomórficos a outras estruturas da gramática.

3. ACENTO LINGÜÍSTICO

3.1 Propriedades gerais:

O fenômeno prosódico que é chamado de acento lingüístico pode ser atualizado por vários correlatos fonéticos: duração relativa dos segmentos, altura, intensidade ou, ainda, pela combinação de todos esses elementos. Massini (1991), por exemplo, aponta que o acento principal de palavra é atualizado principalmente pela duração no PB, além de ser possível isolar reflexos na variação da intensidade ao se compararem sílabas acentuadas com sílabas não acentuadas.

O atributo fonético que mais caracteriza o acento é a isocronia — os pulsos rítmicos com um mesmo nível de acento tendem a ocorrer espaçados por um intervalo de tempo comparável, alternando-se. É a isocronia que faz a ligação entre os aspectos fonéticos e fonológicos do acento, pois a alternância típica dos sistemas acentuais impõe um padrão que pode ser caracterizado em termos abstratos.

Hayes (1995) caracteriza o acento como uma manifestação de **estrutura rítmica**, como princípio organizador da realização fonológica das enunciações. Compreende-se desse modo porque não há uma correlação fonética invariante para o acento: um padrão rítmico é algo abstrato, mental e por isso não possui uma realização física única ou necessária:

(...) one can detect and recognize the same rhythm irrespective of whether it is realized by (for example) drumbeats, musical notes,

or speech, etc. Because of this independence, we are not bound to the prediction that any particular phonetic correlate will invariably realize stress in any particular language.¹

Em relação a modelos fonológicos que dêem conta do acento, vamos nos ater à maneira como ele é caracterizado no quadro das fonologias não-lineares².

A fonologia métrica, um dos sub-sistemas que compõem o modelo da fonologia não-linear gerativa, propõe que o acento tenha uma representação autônoma, supra-segmental, que se sobrepõe à representação do nível segmental. O acento lingüístico se associa às sílabas – são elas as portadoras do acento – e desse modo se constitui uma relação de proeminência relativa entre elas: as mais proeminentes são as sílabas acentuadas enquanto que as menos proeminentes são sílabas que não portam acento. O estabelecimento de relações de proeminência relativa pressupõe uma organização hierárquica dentro do componente métrico (do qual a sílaba é a unidade de base), que ordena os constituintes construídos acima do nível da sílaba:

(...) certain features of prosodic systems like that of English, in particular the phenomenon of “stress subordination”, are not to be referred primarily to the properties of individual segments (or syllables), but rather reflect a hierarchical rhythmic structuring that organizes the syllables, words, and syntactic phrases of a sentence.³

Duas são as possibilidades de representação formal do acento lingüístico numa perspectiva métrica: as árvores e as grades métricas, ambas propostas

¹ Hayes (1995: 09).

² A fonologia não-linear considera o componente fonológico como um conjunto de sub-sistemas que interagem entre si. Cada subsistema é regido por seus próprios princípios. Alguns desses subsistemas seriam as teorias da Fonologia Métrica, da Fonologia Lexical, da Fonologia Prosódica, etc. Ver Abaurre & Wetzels (1992) para uma revisão das sub-teorias que compõem a fonologia não-linear.

³ Liberman & Prince (1977:249).

inicialmente por Liberman & Prince (1977) em texto inaugural da teoria. Árvore e grade se referem a aspectos diferentes, ainda que relacionados, da representação do acento.

A árvore métrica se coloca como reflexo fonológico do acento lingüístico. Na construção da árvore são mapeadas as proeminências de cada nódulo da representação sentencial, que são distinguidos com o rótulo ‘forte’ ou ‘fraco’. Isso é verdade desde a sílaba, a unidade mínima que porta acento, até constituintes maiores, no nível frasal ou sentencial, que chegam ao topo da árvore sintática⁴. A árvore métrica implementa a hierarquia métrica e enfatiza o aspecto relacional do acento lingüístico, ao organizar arboreamente as relações de proeminência relativa operantes entre os elementos que a constituem.

Já a grade métrica trata as proeminências do ponto de vista da definição de uma estrutura rítmica. As grades representam o ritmo lingüístico e se submetem a princípios gerais de boa-formação rítmica. São construídas pela projeção dos acentos dos constituintes lingüísticos, que foram mapeados na árvore métrica – cada nódulo da árvore métrica rotulado ‘forte’ ou ‘fraco’ é projetado na grade, de tal maneira a registrar claramente a alternância entre sílabas acentuadas e não acentuadas inerente aos sistemas acentuais. Por se prestar melhor à representação da alternância, característica central de fenômenos de ritmo, na grade tornam-se visíveis eventuais perturbações rítmicas, como o *stress clash* – adjacência de duas sílabas acentuadas. É na grade métrica que as seqüências arrítmicas são identificadas e, quando é o caso, reajustadas, através de regras que buscam restaurar uma alternância entre sílabas acentuadas e não acentuadas.

A determinação do melhor formalismo para representar o acento

⁴ Uma opção diferente a este respeito pode ser tomada se a grade for construída em conformidade com a teoria de domínios prosódicos: as árvores métricas seriam construídas pelo mapeamento dos DTEs dos domínios e não dos constituintes sintáticos. Ver capítulo 4, seção 4.2.3.

lingüístico nunca foi uma questão muito tranqüila dentro da teoria métrica. Muitos debates tiveram lugar na década de 80, discutindo as vantagens de se representar o acento por árvores ou grades. Alguns fonólogos adotaram a posição de que a grade por si só seria suficiente para representar o acento. Outros, a posição de que somente a árvore daria conta dos fenômenos acentuais.

Atualmente, a maior parte dos lingüistas que trabalham com o acento lingüístico numa perspectiva métrica prefere as grade rotuladas, propostas inicialmente por Halle & Vergnaud (1987) e adotadas também por Hayes (1995), como a melhor maneira de representar o acento e o ritmo lingüístico. As grades rotuladas integram as informações expressas pela árvore e pela grade métrica numa única representação, agrupando, através de parênteses, as marcas na grade em constituintes que correspondem aos constituintes mapeados nas árvores métricas. A grade rotulada consegue representar ao mesmo tempo as noções de ritmo, proeminência relativa e constituição.

Para a caracterização do *stress clash*, fenômeno que nos propomos investigar, a grade métrica tem um papel de grande importância. Por isso vamos detalhar mais um pouco suas características e a maneira como é construída.

3.1.1 Características da grade métrica:

A grade métrica pode ser descrita como constituindo-se de níveis prosódicos (linhas) e colunas. Cada nível representa um constituinte da árvore métrica e vão se acrescentando mais níveis à medida em que se representam constituintes sentenciais mais altos na árvore.

A sobreposição dos níveis dá origem a colunas. Cada coluna corresponde a uma sílaba pois, como dito anteriormente, para a teoria métrica é a sílaba a portadora do acento. As colunas construídas precisam ser contínuas; só se pode

projetar acentos num dado nível se no nível imediatamente inferior já tiver sido atribuído um acento àquela posição. Uma grade métrica tem, *grosso modo*, a seguinte aparência:

(1)

.	.	.	.	*	.
(*	.	.	.	*	.)
(*	.)	(*	.	*	.)
(*	*)	(*	*)	(*	*)
σ	σ	σ	σ	σ	σ

LINHAS

COLUNAS

Na linha mais baixa da grade são indicados, por meio de asteriscos, todos os elementos que podem, virtualmente, se tornarem portadores de acento, ou seja, todos os núcleos de sílaba (σ). Estes elementos são organizados, através de parênteses, em constituintes para a construção do nível prosódico em que se projetam as sílabas que recebem o **acento secundário**. A partir da linha do acento secundário, as sílabas acentuadas – que podem corresponder a alguma batida forte em alguma das linhas métricas superiores – são usualmente representadas por asteriscos e as fracas – sílabas que não corresponderão a nenhuma outra batida nos níveis superiores da grade – por pontos.

A distribuição de acentos na grade no âmbito do acento secundário passa necessariamente pela construção de unidades métricas mínimas, os pés métricos. Os pés são parentetizados na linha de base e constituem o primeiro nível hierarquizado projetado na grade. Em cada pé métrico encontra-se, necessariamente, uma única sílaba acentuada, chamada de cabeça (que é a marcação projetada na linha do acento secundário), e sílaba(s) sem acento que seja(m) adjacente(s) ao cabeça e que com ele mantenha(m) uma relação de proeminência relativa, do tipo ‘forte-fraco’ ou ‘fraco-forte’. Os pés podem, ainda, ser formados apenas pelo cabeça, caso em que são chamados de pés

degenerados.

A construção dos pés é efetuada através de algoritmos em que são definidos os parâmetros que tornam possível caracterizar o ritmo de uma dada língua. Hayes (1995) traz um elenco de parâmetros para a construção dos pés:

- tipo de pé métrico construído pela língua: pés com proeminência inicial vs. pés com proeminência final;
- direção de construção desses constituintes: da direita para a esquerda ou vice-versa;
- quantidade de sílabas por constituinte;
- condições de atuação da extrametricidade: sílabas que são “invisíveis” para as regras de construção dos pés, mas que estão inseridas no seu domínio;
- interferência do peso silábico na atribuição do acento, etc.⁵.

A próxima linha a ser construída na grade métrica é a linha em que é representado o **acento primário** das palavras. O acento primário só pode ser projetado numa coluna que já tenha um asterisco atribuído na linha imediatamente inferior. Não é possível atribuir acento primário a uma sílaba que não seja marcada ‘forte’ na linha de baixo⁶.

A grade continua sendo construída pela projeção dos acentos dos constituintes maiores que a palavra (sintagmas, sentença, etc.), respeitando a

⁵ Os parâmetros são enumerados na próxima sub-seção, quando da definição das regras de atribuição de acento primário em PB. Ver Massini-Cagliari (1995) para uma exposição dos parâmetros rítmicos de Hayes.

⁶ O acento primário seria atribuído às palavras em PB, no domínio palavra, através de uma regra lexical que se aplica ciclicamente nos estratos lexicais relevantes. Assim, derivações podem mudar o *locus* do acento primário em PB (cf. Bisoletti 1992). A respeito da atribuição de acento primário em PB, ver a próxima seção.

restrição de não criar colunas descontínuas (colunas em que a sílaba, em algum nível, não receba uma marca de 'forte'). A cada um desses constituintes corresponde uma linha na grade.

É importante observar que há algumas controvérsias a respeito da ordem em que se processa a projeção dos níveis na construção da grade métrica. Uma possibilidade é que ela proceda respeitando a ordenação crescente dos níveis, de baixo para cima. Esta é a opinião de Selkirk (1984), que diz que "(...) [a] general ordering principle that suggests itself is that the alignment should proceed level by level, from the lowest to the highest. (...) the ordering of grid construction rules by metrical levels (from lower to higher) is the unmarked case (...)".⁷

Assim, no momento de projetar o acento primário, seria necessário que os pés já estivessem construídos na linha inferior da grade, a linha do acento secundário, por exemplo. Uma inferência que se pode fazer a respeito desta afirmação de Selkirk é que a atribuição de acento secundário se efetue ainda no nível lexical, pois para ser ordenado antes da atribuição de acento primário, que é lexical, o acento secundário só pode também ser atribuído por uma regra lexical.

Já Roca (1986), partindo da análise do acento secundário em espanhol, propõe que a construção da grade métrica não se efetue respeitando necessariamente uma condição de ordenação crescente das linhas. Especificamente, o autor argumenta que o acento secundário é uma manifestação de ritmo frasal, o que o leva a se alinhar no componente pós-lexical da fonologia, após a atribuição do acento primário, no nível lexical, e do acento de grupo fônico⁸ também no nível pós-lexical.

Na seção 3.3 examinamos uma proposta de atribuição de acento

⁷ Selkirk (1984: 71).

⁸ O grupo fônico de Roca corresponde ao constituinte I da hierarquia prosódica.

secundário em PB nos moldes de Roca, a proposta de Collischonn (1993), momento em que vamos comentar as consequências de se optar pela ordenação pós-lexical do acento secundário.

Um último ponto importante a ser realçado no tocante à grade métrica diz respeito ao fato de que, por vezes, a projeção dos acentos lingüísticos não implementa um padrão rítmico idealmente alternante, do ponto de vista das regras de acento da língua em questão. Quando isso acontece, surge a necessidade de reajustes. As perturbações rítmicas podem ser devidas a lapsos de sílabas sem nenhuma marcação acentual ou à adjacência de acentos fortes, produzindo os *clashes*. As seqüências arrítmicas, como as que contêm *clashes*, são definidas em relação aos níveis da grade e é nela que são feitos possíveis reajustes, com o objetivo de tentar restaurar a euritmia. O produto final da ação dos processos de reajuste é a maior aproximação possível à grade perfeita da língua, que define uma alternância ideal de sílabas fortes e fracas.

3.2 Acento primário em PB:

Bisol (1992) propõe um algoritmo para atribuir acento às palavras em português, pressupondo que os pés métricos na língua tenham cabeça à esquerda e que sejam sensíveis à influência do peso silábico na atração do acento:

(2) Regra do acento primário:

Domínio: a palavra

- i. Atribua um asterisco (*) à sílaba pesada final, i.é., sílaba de rima ramificada.
- ii. Nos demais casos, forme um constituinte binário com proeminência à

esquerda, de tipo (*.), junto à borda direita da palavra⁹.

Para Bisol a noção de extrametricidade é central na atribuição de acento às palavras proparoxítonas e às paroxítonas terminadas em consoante. A extrametricidade ora é condicionada fonologicamente (nos nomes e adjetivos), ora morfológicamente (flexão dos verbos). Nos nomes e adjetivos, é marcada como extramétrica a última sílaba das proparoxítonas e a coda da sílaba final das paroxítonas terminadas em consoante. Nos verbos, são marcadas extramétricas a sílaba final da primeira e segunda pessoas do plural dos tempos imperfeitos do paradigma verbal e a consoante final com *status* de flexão nos demais casos.

Massini-Cagliari (1995) também faz uma proposta de atribuição de acento primário em PB. A autora procura definir os parâmetros que determinam na língua os padrões de acento lexical, segundo o modelo paramétrico de Hayes (1991). Para ela, são os seguintes os parâmetros do acento no PB:

(3) Pé básico: troqueu moraico

1. Quantidade de sílabas por pé: binário.
2. Dominância: esquerda.
3. Sensibilidade à quantidade silábica: sim.
4. Direcionalidade: da direita para a esquerda.
5. Regra final: à direita.
6. Extrametricidade:
 - a. constituintes: segmentos/sílabas
 - b. borda: direita.
7. Pés degenerados: proibição fraca (quando nenhum pé canônico puder ser

⁹ Bisol (1992a: 69)

construído).

8. Quantidade silábica: elementos da rima.

9. Iteratividade: os pés são construídos não-iterativamente.

O ponto comum entre as duas propostas é afirmar que a atribuição do acento primário em PB é sensível ao **peso silábico**, haja vista que 78% das palavras com rima ramificada na sílaba final seriam oxítonas em nossa língua¹⁰. Partindo desta hipótese, um grande desafio para os algoritmos é explicar a atribuição de acento às palavras oxítonas que terminam em vogal e que, por isso, não podem ser consideradas superficialmente como sílabas pesadas atratoras do acento. Para solucionar o problema, Bisol postula uma consoante abstrata na coda da rima final dessas palavras, que apareceria nas derivações, de tal modo que palavras como ‘café’, ‘saci’, etc. estariam incluídas na regra geral de atribuição de acento. Massini-Cagliari, por outro lado, levanta uma segunda hipótese: a última vogal dessas palavras ocuparia duas posições no núcleo da sílaba – a sílaba seria bimoraica e por isso atrairia o acento. Apesar das diferentes explicações, as duas alternativas de análise acabam por produzir o mesmo resultado quanto à acentuação das oxítonas: a atribuição do acento primário à última sílaba da palavra devido à interferência do peso silábico.

Algumas considerações precisam ser feitas acerca da justificativa para a acentuação das oxítonas terminadas em vogal. Não é óbvio que a consoante final abstrata proposta por Bisol seja a responsável pela atribuição de acento a essas palavras. Em alguns casos, a consoante é documentada na história da língua e vem à tona quando da aplicação de processos morfológicos derivacionais, como em ‘pé’ < ‘pedem’ → ‘pedal’. Bisol diz que a hipótese da presença da consoante abstrata se coloca como “um artifício morfológico cujo

¹⁰ Bisol (1992b).

mecanismo interno consistente é levado em conta pela Regra de Acento Primário”. Para diferenciar essa consoante abstrata de outros segmentos que aparecem como consoante de ligação em derivações de palavras não oxítonas, como ‘lama’ → ‘lamaçal’ ou ‘mato/a’ → ‘matagal’, Bisol observa que, nestes casos, “o aparecimento de uma consoante imprevisível (...) ocorre por vezes sem a *consistência* das oxítonas¹¹” (grifo nosso).

Talvez seja necessário precisar melhor o que se está entendendo como “consistência” para o aparecimento dessas consoantes: uma coincidência com a consoante documentada diacronicamente? O que dizer de palavras oxítonas terminadas em vogal a partir das quais não se consegue recuperar mais a “origem” da consoante abstrata? Como diferenciá-las dos casos que são chamados de não-consistentes?

Em outros casos, a consoante abstrata seria visualizável na formação do diminutivo, que é feita com o sufixo ‘-zinho’, ao invés de ‘-inho’, nas palavras oxítonas terminadas em vogal. Um paralelo é feito entre estas oxítonas e as palavras de rima final superficialmente ramificada, que também formam o diminutivo com ‘-zinho’: ‘pomar’ → ‘pomarzinho’; ‘chalé’ → ‘chalezinho’. Este fato, no entanto, não implica que a consoante abstrata proposta seja a responsável pela escolha da forma do diminutivo, já que o sufixo ‘-zinho’ pode formar o diminutivo de palavras que não terminam em rima ramificada e que não são oxítonas, como ‘molho’ → ‘molhozinho’ ~ ‘molhinho’, ‘disquete’ → ‘disquetezinho’, ?‘disquetinho’ ou ‘fósforo’ → ‘fosforozinho’.

A par dessas questões, Lee (1994) procura uma outra explicação para a atribuição de acento primário em PB. Partindo de uma perspectiva fundamentada na fonologia lexical, introduz a noção de classe de palavras na

¹¹ Bisol (1992a: 74).

discussão sobre a atribuição do acento primário, assumindo que ela possa ser morfológicamente condicionada em PB. Sua proposta distingue as palavras a serem afetadas pela regra de acento em duas categorias morfológicas, o não-verbo e o verbo. Além disso, suas regras de acento diferenciam o estatuto marcado ou não marcado das palavras em relação ao padrão de acento. O autor formula as seguintes regras para o acento primário em PB:

(4) Regra de acento do não-verbo:

Domínio: Nível α ¹²

- a. Casos não-marcados: constituinte binário, cabeça à direita, direção: direita para esquerda, não-iterativo (Ex: café, almoço, tonel).
- b. Casos marcados: constituinte binário, cabeça à esquerda, direção: direita para esquerda, não-iterativo (Ex: túnel, jovem, abóbora).

(5) Regra de acento do verbo:

Domínio: Nível β

- a. Casos não-marcados: constituinte binário, cabeça à esquerda, direção: direita para esquerda, não-iterativo (Ex: falo, falamos, falaram).
- b. Casos marcados: constituinte binário, cabeça à direita, direção: direita para a esquerda, não-iterativo (Ex: falar, bati, baterá).

Lee exclui a possibilidade de que o peso silábico interfira na atribuição de acento primário e se esforça para regular e minimizar o uso da

¹² A partir do quadro teórico da Fonologia Lexical, Lee (1995) propõe que em PB haja no léxico dois níveis ordenados que funcionam como domínio da aplicação de regras fonológicas: o nível α e o nível β . α é o nível de todos os processos derivacionais, da flexão irregular e de alguns processos de composição aos quais se podem acrescentar sufixos derivacionais. β é o nível da flexão regular do verbo e do não-verbo e da formação produtiva de palavras com -inho, -zinho, -mente, -íssimo.

extrametricidade pelas regras de acento. Tal efeito é alcançado ao redefinir o domínio de atribuição do acento principal de palavra, trazendo para a discussão a noção de classe morfológica.

Enquanto Bisol aponta a palavra como domínio do acento primário, Lee vai mais fundo no detalhamento morfológico do contexto em que o acento primário é atribuído, distinguindo o radical, antes da associação da vogal temática, de outros elementos que entram na formação da palavra para fins de acentuação dos não-verbos. Fazendo isto, ele consegue chegar a uma generalização para a atuação da extrametricidade, tornando-a sensível apenas a critérios morfológicos: nos não-verbos, ela afeta o marcador de palavra e nos verbos, o morfema -mos em alguns dos tempos verbais. Lee, assim, procura atingir um ajuste entre os princípios da fonologia lexical e da fonologia métrica.

As análises de Bisol e Lee para a atribuição de acento principal de palavra têm em comum a opção por formular a regra num recorte métrico, assumindo que o acento primário corresponde à implementação da proeminência principal do constituinte palavra no nível lexical. A principal diferença entre as duas tem a ver com o recorte que fazem na delimitação do domínio de atuação da regra, no sentido da “profundidade” morfológica em que buscam defini-lo.

Ao mesmo tempo em que a questão do domínio da regra se apresenta como grande divisor de águas entre as duas opções de atribuição de acento primário, é preciso manter em mente que as diferenças que emergem entre as análises de Bisol e de Lee não são mais que o produto do investimento que fazem em diferentes características do acento de palavra em PB.

Bisol faz uma análise essencialmente fonológica e aposta na sensibilidade do acento à quantidade silábica, característica confirmada estatisticamente em PB. De fato, a maior parte das palavras oxítonas possuem rima ramificada na última sílaba. Note-se que o latim, língua que deu origem ao português e de

onde provém a maior parte das palavras da nossa língua, era uma língua sensível à quantidade silábica para a atribuição de acento primário.

Por outro lado, a análise de Bisol sofre por ter de apelar a critérios muito abstratos para explicar a acentuação das oxítonas terminadas em vogal. Por se restringir a levar em conta apenas os aspectos fonológicos do domínio do acento, opta por formular somente uma única regra para atribuí-lo a todas as palavras, indistintamente da classe morfológica, o que a obriga a postular a consoante abstrata na coda das oxítonas para conformá-las à regra geral.

Já Lee aposta em outra característica do acento em PB, documentada em vários estudos sobre a língua: o comportamento diferenciado da regra de acento primário de acordo com a categoria morfológica das palavras. Isso o leva a formular duas regras de acento, uma para o verbo e outra para o não-verbo. O autor, entretanto, acaba não levando em conta as evidências que se colocam a favor de uma relação entre o acento de palavra e a quantidade silábica, algo atestado por estudos quantitativos em PB.

Além disso a proposta de Lee é objeto de críticas como a Massini-Cagliari (1995). A autora levanta a questão de que, ao fixar diferentemente o parâmetro de tipo de pé para os casos marcados e não-marcados de uma mesma classe morfológica em PB, a proposta de Lee viola uma definição mais estreita da noção de parâmetro lingüístico na concepção gerativista, que não admite duas fixações concomitantes de valores diferentes para um mesmo parâmetro. Porém, não é ainda muito claro na teoria métrica o exato estatuto dos parâmetros fonológicos. Hayes (1995) comenta que um dos problemas que se colocam para uma teoria métrica paramétrica é definir a medida em que esses parâmetros caracterizam regras *versus* gramáticas, como os parâmetros sintáticos. Apesar de achar tentadora a hipótese de que os parâmetros métricos tenham um escopo

mais geral¹³, ele próprio acaba por assumir que os parâmetros métricos caracterizariam apenas as regras que controlam a construção dos constituintes métricos.

3.3 Acento secundário em PB:

Collischonn (1993) é um trabalho que procura estabelecer como o acento secundário é atribuído em PB valendo-se da teoria de Halle & Vergnaud (1987). São exploradas as seguintes perguntas: o acento secundário é sensível ao peso silábico? Que tipo de constituinte é construído pelo acento secundário e qual a direção do *parsing*? Qual o domínio de atribuição do acento secundário e como ele está ordenado em relação a outras regras?

A autora chega à conclusão de que o acento secundário não é atraído pelo peso silábico, pois palavras como ‘instrum^{entalizável}’ podem receber acento secundário em ‘-tru-’ e ‘-ta-’, “pulando” a sílaba de rima ramificada ‘-men-’. Se o peso da sílaba atraísse o acento secundário, como o propõem Bisol e Massini-Cagliari para o acento primário, então não seria esperado que ‘-men-’ fosse ignorada pela regra de acento secundário. Segundo Collischonn, o acento secundário seria, então, condicionado somente pelo **ritmo**, seria atribuído às sílabas sem ser influenciado pela estrutura interna das mesmas.

Quanto ao tipo de constituinte métrico, o acento secundário construiria pés com cabeça à esquerda porque, ao testar as configurações acentuais possíveis combinando os parâmetros posição de cabeça e direção de construção dos pés, Collischonn atestou que somente assim não é atribuído um acento

¹³ “(...) for example, it predicts that when more than one rule creates feet, the feet created should be the same. (...)”. Hayes (1995: 55)

secundário adjacente ao acento principal da palavra¹⁴:

(6)

D-E, Dir. $\sigma \sigma \quad \sigma \sigma \quad \sigma \sigma \quad \sigma$
 $(**)(**) (**) *$
 $\cdot \quad \cdot \quad \cdot \quad \cdot$
 $\quad \quad \quad *$

$\sigma \quad \sigma \sigma \quad \sigma \sigma \quad \sigma \sigma \quad \sigma$
 $(*) (**) (**) (**) *$
 $\cdot \quad \cdot \quad \cdot \quad \cdot$
 $\quad \quad \quad *$

D-E, Esq. $\sigma \sigma \quad \sigma \sigma \quad \sigma \sigma \quad \sigma$
 $(**) (**) (**) *$
 $\cdot \quad \cdot \quad \cdot \quad \cdot$
 $\quad \quad \quad *$

$\sigma \quad \sigma \sigma \quad \sigma \sigma \quad \sigma \sigma \quad \sigma$
 $(*) (**) (**) (**) *$
 $\cdot \quad \cdot \quad \cdot \quad \cdot$
 $\quad \quad \quad *$

E-D, Dir. $\sigma \sigma \quad \sigma \sigma \quad \sigma \sigma \quad \sigma$
 $(**) (**) (**) *$
 $\cdot \quad \cdot \quad \cdot \quad \cdot$
 $\quad \quad \quad *$

$\sigma \sigma \quad \sigma \sigma \quad \sigma \sigma \quad \sigma \sigma$
 $(*) (**) (**) (**) *$
 $\cdot \quad \cdot \quad \cdot \quad \cdot$
 $\quad \quad \quad *$

E-D, Esq. $\sigma \sigma \quad \sigma \sigma \quad \sigma \sigma \quad \sigma$
 $(**) (**) (**) *$
 $\cdot \quad \cdot \quad \cdot \quad \cdot$
 $\quad \quad \quad *$

$\sigma \sigma \quad \sigma \sigma \quad \sigma \sigma \quad \sigma \sigma$
 $(*) (**) (**) (**) *$
 $\cdot \quad \cdot \quad \cdot \quad \cdot$
 $\quad \quad \quad *$

No que diz respeito ao domínio do acento secundário, a autora propõe que seja atribuído à “parte da palavra que vai do acento primário para a esquerda.”¹⁵ Apesar de não estar dito explicitamente, podemos depreender, a partir da discussão que é feita sobre a impossibilidade de acentuar secundariamente as postônicas de proparoxítonas, que o limite à esquerda do

¹⁴ Collischonn (1993: 96).

¹⁵ Collischonn (1993: 104).

domínio do acento primário seja a própria fronteira de palavra¹⁶. Em relação à sua ordenação, seguindo Roca (1986), o acento secundário faria parte do componente pós-lexical da fonologia, porque interage com regras segmentais pós-lexicais como a ditongação, a elisão e a degeminação.

As propostas de Collischonn sobre a ordenação e o domínio do acento secundário induzem muitas reflexões. Inicialmente, se consideramos que o acento secundário é atribuído no nível pós-lexical, por que então a regra se aplicaria de forma categórica, através de um algoritmo? Regras pós-lexicais têm como uma de suas principais características a variabilidade de sua aplicação.

Ao mesmo tempo, os exemplos de distribuição do acento secundário trazidos por ela não ultrapassam os limites do domínio palavra, quando muito chegam a palavras compostas. Não é dada nenhuma amostra do comportamento do acento secundário em domínios maiores (frase fonológica, frase intonacional), algo importante em uma proposta que alinhe a regra de acento secundário no componente pós-lexical da fonologia. Ficam faltando previsões sobre o que acontece ao acento secundário quando várias palavras estão reunidas numa sequência maior, pois uma hipótese válida, em se considerando que ele seja atribuído pós-lexicalmente, é que sua distribuição esteja sujeita a alguma variação se tomamos as palavras em isolado ou se as inserimos em um contexto maior, concatenando-as com outras palavras.

Um outro problema surge quando atentamos para a explicação dada para

¹⁶ Se o domínio do acento secundário ultrapassasse a fronteira esquerda da palavra e chegasse até o próximo acento primário, nada impediria que as postônicas das proparoxítonas fossem interpretadas como elementos “à esquerda de um acento primário”. Exemplo: em ‘lâmpada queimada’, tomando-se como ponto de referência o acento primário de ‘queimada’, encontramos uma sequência de três sílabas sem acento à esquerda até o acento primário de ‘lâmpada’. Se a regra de acento secundário ultrapassar a fronteira de palavra, é possível atribuir um acento à sílaba ‘-da’, de ‘lâmpada’, de tal modo a se obter uma sequência alternante * . * . * . É tudo uma questão de precisar até que ponto à esquerda

lâmpada queimada

chega o domínio do acento secundário.

choques entre acentos secundários, que surgem quando o número de sílabas à esquerda do acento primário é ímpar, como atestado na configuração acentual que ela considera a mais adequada para o PB:

(7)

D-E, Esq. σ σ σ σ σ σ σ σ
 (*) (*) (*) (*) (*) (*) (*)
 * * * * * * *

Segundo a autora, os dois acentos secundários adjacentes são atribuídos à primeira e segunda sílabas da palavra devido à atuação da Condição de Exaustividade de Halle & Vergnaud (1987)¹⁷. Esta seqüência de acentos secundários adjacentes seria reajustada apagando-se um dos dois acentos, de tal modo que ora a palavra emergiria com um acento secundário na sílaba inicial, ora com um acento secundário na segunda sílaba:

(8)

σ	σ	σ	σ	σ	σ	σ	σ		σ	σ	σ	σ	σ	σ
(*)	(*)	(*)	(*)	(*)	(*)	(*)	*		(*)	(*)	(*)	(*)	(*)	*
*	.	.	*	.	*	.	*		.	*	.	*	.	*
							*							*

Se porém admitirmos que o acento secundário é pós-lexical (como afirma Collischonn) e portanto uma regra de aplicação variável, condicionada por razões rítmicas, para implementar uma alternância ótima entre as sílabas que ficaram sem acento primário, qual o sentido de atribuir dois acentos secundários a posições adjacentes, gerando uma perturbação no ritmo, para depois ter que reajustar a seqüência através do apagamento de um dos acentos? Como dizer que o acento secundário é uma manifestação de ritmo frasal quando a aplicação

¹⁷ Nenhum elemento do domínio do acento deve escapar à varredura de construção de constituintes métricos. (Halle & Vergnaud 1987: 15).

da regra, motivada para corrigir um tipo de perturbação na grade (um lapso, cf. seção 4.1.2), acaba provocando um outro tipo de perturbação (um choque), que precisa ser reajustada?

A situação indesejável de ter que reajustar a sequência de acentos secundários adjacentes, cuja introdução na grade deveria estar implementando uma alternância otimizada, emerge, em parte, devido ao domínio de atuação da regra que os introduz. Como formulada, a regra de atribuição do acento secundário o faz circunscrito aos limites da palavra, mais especificamente, a uma parte da palavra — a porção à esquerda do acento primário. Por isso, ela não consegue interpretar que a sílaba inicial de uma configuração como (7) possa ser não um pé degenerado, mas o elemento fraco de um pé métrico cujo cabeça esteja **além** da fronteira esquerda da palavra. É claro que continua sendo preciso especificar quão maior que a palavra é o domínio em que o acento secundário será atribuído¹⁸.

¹⁸ No projeto de pesquisa no qual este trabalho se insere (conforme capítulo 1), a hipótese que atualmente norteia as investigações sobre as diferenças entre o ritmo do PB e do PE diz respeito à diferença de domínio em que seriam construídas unidades rítmicas no nível pós-lexical nas duas línguas. Estas unidades rítmicas são entendidas como responsáveis, juntamente com o algoritmo de acento primário, pela definição do padrão prosódico das línguas: a maneira como uma língua segmenta ritmicamente os enunciados, reagrupando as sílabas acentuadas com as não acentuadas no nível pós-lexical. Dentro das unidades rítmicas pós-lexicais é que seriam distribuídos os acentos secundários. Em PB o domínio de construção das unidades rítmicas seria o constituinte equivalente ao grupo clítico de N&V (1986) e no PE, o domínio frase intonacional. Assim, uma sequência como 'o consumidor', tanto em PB como em PE, poderia ser interpretada como constituindo-se de 3 "pés" métricos, (* .) (* .) (*)

o consumidor, a primeira sílaba de 'consumidor' sendo interpretada como elemento fraco do pé pós-lexical cujo cabeça é o artigo 'o'.

Uma previsão desta hipótese é que em PB as sílabas finais das proparoxítonas não possam receber acento secundário pós-lexicalmente (a fronteira de grupo clítico limitaria o domínio de atribuição do acento secundário em PB, já que o acento secundário deve partir de uma acento primário referência e ser atribuído à sua esquerda), enquanto que em PE, que tomaria a frase intonacional como domínio de ritmo, se colocaria a possibilidade de que as sílabas finais das proparoxítonas pudessem ser potencialmente acentuadas, quando as condições ideais se manifestassem (três ou mais sílabas sem acento primário em sequência dentro de uma mesma I, que pudessem ser interpretadas como elementos à esquerda do acento primário do qual se partiu para a atribuição do acento secundário). A potencial atribuição de algum acento às sílabas postônicas das proparoxítonas em PE levanta sérias questões em relação ao modo como se toma a atribuição de acento secundário na literatura e espera por alguma confirmação empírica, para que possa ser trabalhada como previsão válida frente aos dados e à teoria.

A necessidade de reajuste em (7) decorre também da evocação da Condição de Exaustividade como um dos princípios controladores da construção dos pés métricos. Mesmo que se amplie o domínio de atribuição do acento secundário, esta condição vai levar à necessidade de atribuição + apagamento de acento junto à borda esquerda do domínio em configurações que sejam similares a (8) (número ímpar de sílabas à esquerda do acento primário do qual se parte para a atribuição do acento secundário). A Condição de Exaustividade parece ser mais adequada para controlar regras que se aplicam categoricamente. Quando entendemos o acento secundário como uma regra variável (pós-lexical), que implementa uma alternância ótima, nada deveria impedir que as configurações em (8) fossem interpretadas não como resultado de reajustes, mas como padrões gerados pela própria natureza pós-lexical variável do acento secundário. É necessário, pois, relativizar a noção de Exaustividade numa proposta de atribuição pós-lexical de acento secundário.

Como se viu, o domínio e a ordenação de atribuição do acento secundário são questões ainda em aberto na teoria métrica e que merecem um exame muito cuidadoso, pois são muitos os fatores que se inter cruzam. O modo como pressões rítmicas atuam nos padrões de acento secundário precisa ser verificado empiricamente, comparando-se projeções idealizadas de acento previstas pelas teorias com realizações transcritas de *corpora*. Este é um campo fértil para um trabalho com dados, para que se chegue a alguma conclusão sobre como a euritmia é implementada pelos falantes na atribuição de acento secundário. Só assim opções teóricas condizentes com os fatos lingüísticos podem ser assumidas.

4. O CHOQUE DE ACENTO

4.1 De Liberman & Prince a Haraguchi - o choque de acento numa perspectiva de mapeamento da grade diretamente da sintaxe:

O choque de acento é um fenômeno que não tem passado despercebido nas discussões de cunho gerativista sobre o ritmo lingüístico. Sob a perspectiva da fonologia métrica, já em Liberman & Prince (1977) se encontra a primeira tentativa de caracterizar e representar o fenômeno: observando que as relações de proeminência relativa internas às palavras tendem a se manter constantes sob concatenação sintática, os autores tentam explicar por que, em inglês, dadas certas condições específicas, o padrão acentual resultante da aplicação do algoritmo de acento primário pode ser modificado.

Os casos que se mostrariam propensos a sofrer modificações são casos como os da seqüência *thirteen men*. Normalmente, quando pronunciada isoladamente, a palavra *thirteen* tem como sílaba mais proeminente – portadora do acento primário – a última sílaba. Se concatenada sintaticamente a uma outra palavra, cuja primeira sílaba porte um acento de força relativa de igual ou maior valor, como *men*, porém, a tendência é que ocorra uma reversão acentual, que transfere o acento de *thirteen* para a sua sílaba inicial, gerando *thirteen mén*. Casos de mudança do *locus* do acento como a que ocorre em *thirteen*, no exemplo acima, parecem ter uma motivação de ordem rítmica (a tentativa de manter um padrão alternante, quebrando a seqüência de sílabas acentuadas adjacentes) e têm sido comumente explicados pela aplicação de uma regra chamada de *rhythm rule*.

A observação de que a *rhythm rule* tem contrapartes em outras línguas do mundo levou os autores a afirmar a necessidade de um aparato que desse conta, em termos universais, dos contextos em que regras desse tipo se aplicam:

(...) one would like to have a description of this phenomenon [rhythm rule] that would account for its naturalness (hopefully in terms of the intuition that points to a rhythmically-motivated alleviation of “clashing” stresses) while allowing for language-specific differences in its implementation.

Such a description would have two parts. First, we need an account of linguistic rhythm in terms of which the appropriate stress configurations are marked as “clashing”, thus producing a *pressure* for change. Second, we need a specification of the circumstances in which a given language grants permission for such a change to occur¹.

A representação da noção de *stress clash* (seqüência de acentos fortes adjacentes), bem como da operação que permite desfazê-lo, é uma das justificativas de que Liberman & Prince lançam mão para propor a **grade métrica**. A partir dela, definem o *clash* mediante informações sobre o **nível métrico** em que ele ocorre. A simples adjacência fonética de acentos fortes não é suficiente para caracterizar um choque de acento. Somente acentos adjacentes em uma mesma linha da grade são sentidos como acentos em colisão e estão sujeitos a sofrer processos de reajuste rítmico, como a *rhythm rule*.

A formulação de *clash* de Liberman & Prince, por ser a primeira sob a ótica métrica, tem como prioridade provar a eficiência e a relevância da grade como ferramenta para a descrição de regras lingüísticas. Com o correr do desenvolvimento da teoria métrica, vários outros autores estudaram o choque de acento, indicando outros aspectos que precisam ser abarcados por uma descrição que se pretenda elucidativa do fenômeno. Apresentamos, a seguir, alguns desses

¹ Liberman & Prince (1977: 311).

momentos da descrição do *stress clash* dentro da teoria métrica.

4.1.1 Nespor & Vogel 1979:

Em Nespor & Vogel (1979) é feita uma análise da regra de retração de acento em italiano à luz das grades métricas propostas por Liberman & Prince (1977). Neste artigo, uma das preocupações das autoras é prover evidências de que o formalismo das grades é essencial para uma descrição adequada do fenômeno de retração acentual também no italiano. Mas apesar de necessária, a grade sozinha não seria suficiente para prever o reajuste dos *clashes*. Nem todos os choques de acento estão sujeitos a uma aplicação incondicional da regra de retração de acento. Para que a retração possa ocorrer em italiano, N&V salientam que é necessário que tanto condições fonológicas quanto sintáticas sejam respeitadas.

A condição fonológica é idêntica à da *rhythm rule* do inglês – numa sequência de palavra 1 e palavra 2, o acento primário da palavra 1 tem que estar na sua sílaba final e o acento primário da palavra 2 na sua sílaba inicial. A condição sintática é que numa situação de choque acentual entre palavra 1 (p1) e palavra 2 (p2), p1 seja o ramo esquerdo do primeiro nóculo da árvore sintática que domina ela mesma e p2. Assim, a retração ocorre em (1), em que as palavras envolvidas no *clash* formam um sintagma nominal exaustivamente, mas não em (2):

- | | | |
|-----------------------------------|---|----------------------------------|
| (1) Non fermati [a [metá pórt]]. | → | a méta pórt |
| (2) [I bigné] [scottano]. | | (sem <i>clash</i> , sem mudança) |

Sem a inclusão de informações de constituição sintática na descrição dos contextos de *clash*, não se podem fazer previsões corretas sobre a resolução dos

choques de acento em italiano.

A preocupação em especificar o contexto sintático das ocorrências da retração do acento é compreensível, dada a maneira como se concebia, na época em que o artigo foi escrito, a relação entre as regras fonológicas e o componente sintático. Seguindo Liberman & Prince, N&V (1979) assumem que as grades são construídas diretamente a partir de informações das árvores sintáticas, que determinam a proeminência acentual relativa acima do nível da palavra numa dada sequência. Como partem da premissa de que a configuração sintática é condição necessária para a previsão da resolução dos *clashes* através da retração de acento, a especificação detalhada do contexto sintático de um choque torna-se muito importante para que se distinga se é ou não permitida a atuação da regra, dado que as diferenças sintáticas poderiam influir na maneira como os *clashes* são resolvidos. Em outras palavras, para N&V tanto a grade como a árvore métrica são importantes na caracterização do choque de acento.

4.1.2 Selkirk 1984:

Em Selkirk (1984), a estrutura rítmica de um enunciado é tomada como um reflexo da organização de suas palavras em constituintes sintáticos. Acima do nível da palavra, o encaixamento sintático condicionaria diferentes graus de proeminência relativa entre acentos na grade métrica, que seria a única representação válida para fenômenos referentes ao ritmo.

A grade métrica, além da representação das proeminências acentuais, conteria também uma série de batidas silenciosas, não alinhadas com sílabas, chamadas por Selkirk de *silent demibeats*. As *silent demibeats* são introduzidas para marcar as fronteiras dos constituintes sintáticos e correspondem aos lugares em que é possível alongar segmentos ou inserir pausas numa dada sequência.

Em relação aos *clashes*, eles aparecem numa dada seqüência quando dois acentos primários se colocam um após o outro na grade métrica. Os *clashes* podem ser eliminados por **regras de eufonia**, que conspiram para que a grade se aproxime de um ideal de alternância de sílabas fortes e fracas, expresso através do Princípio de Alternância Rítmica (PAR); a letra (a) do PAR define a noção de choque de acento e a letra (b), a de lapso acentual:

- (a) Toda sílaba forte num nível métrico *n* deve ser seguida por, pelo menos, uma posição fraca naquele nível;
- (b) Qualquer posição fraca num nível métrico *n* pode ser precedida por no máximo uma posição fraca naquele nível.²

As regras de eufonia são definidas somente com base na própria grade e se aplicam, em princípio, em qualquer linha onde surjam condições que desfavoreçam o princípio de alternância rítmica.

Uma das regras de eufonia é o **movimento de batida**, que desfaz choques de acento primário movendo o primeiro acento do *clash* para a esquerda, se este for o acento mais fraco do choque (a “força” de um acento é medida pela altura da coluna de asteriscos sobre ele na grade):

(3)

		*			*		acento de sintagma
		*	*	→	*	*	acento primário
*	*	*			*	*	sílaba
next door neighbor					next door neighbor		

Se for o primeiro acento do choque o mais forte, então o movimento não ocorre. Ao invés dele, outra regra de eufonia é ativada para resolver o choque, a regra de **apagamento de batida**, que enfraquece o acento menos proeminente do

² Selkirk (1984: 52).

(4)



As regras de movimento e apagamento de batida parecem manter uma relação de complementaridade ao atuarem como estratégias de resolução de choques de acento. Selkirk observa que

There is a sense in which Beat Movement and Beat Deletion are the same rule. The function of both is to eliminate clashes by moving/deleting the weaker beat in the clash. It is perhaps because they are the same rule that they are, apparently, in complementary distribution. Conceivably, the theory makes available only one subpart of its clash-resolving strategy for either direction. In English, Beat Movement is for the left and Beat Deletion is for the right.³

A presença de um choque é necessária mas não suficiente para que as regras de eufonia entrem em ação. Por vezes, nenhum tipo de reajuste na grade é implementado, mesmo em detrimento do princípio de alternância rítmica. Para explicar esses casos, Selkirk apela para as *silent demibeats*. A presença de batidas

³ Selkirk (1984: 169-170).

silenciosas na grade, correspondentes às marcações de fronteiras sintáticas, pode licenciar a realização de uma pausa no meio do contexto de *clash*. Quando presente, a pausa interrompe a adjacência dos acentos do choque, desfazendo o *clash*.

4.1.3 Haraguchi 1991:

Haraguchi (1991) é uma tentativa de estender à fonologia métrica conceitos do modelo de princípios e parâmetros da sintaxe gerativa dos anos 80. O autor assume que a maior parte dos fenômenos fonológicos podem ser explicados não por um sistema de regras específicas de cada língua, mas pela interação de princípios presentes na gramática universal. Assim, a construção e as modificações na grade métrica têm de respeitar um conjunto de princípios e parâmetros, que garantem sua boa formação.

Um dos princípios que atuam para a boa formação da grade seria *Avoid Clash*, uma instanciação do *Obligatory Contour Principle* ou OCP. As línguas, no entanto, variam parametricamente na identificação das configurações acentuais que são reconhecidas como *stress clashes*. Para diferenciá-las, Haraguchi propõe uma **hierarquia universal de choques de acento**, na qual distingue-se o número de sílabas que pode intervir entre duas sílabas em *clash*:

(5)

linha <i>m</i>	(* *)	(* *)	(* *)
linha 1	* *	* *	* *
linha 0	* *	* * *	* * * *
	grau 1	grau 2	grau 3, etc

O *clash* é definido em relação à linha *m*, que pode ser qualquer linha da grade, incluindo a linha 0. O valor da linha *m* é uma informação parametrizada,

pois há diferenças entre as línguas quanto ao nível prosódico em que sílabas acentuadas adjacentes são sentidas como perturbação rítmica. A hierarquia de choques de acento, portanto, distingue duas informações para definir o que é considerado um *clash*: o grau do choques e o valor da linha *m*.

O autor comenta a variedade das estratégias usadas para resolver os choques de acento em diferentes línguas. Esses mecanismos atuam no sentido de aumentar a distância entre os elementos em choque, para desfazer a sensação de colisão. Basicamente, três seriam as alternativas a serem selecionadas: a solução segmental, a solução tonal e a solução métrica.

A solução segmental é mediada por várias regras de inserção de elementos, que podem ser generalizadas como *Insira α* . Como exemplos de *Insira α* , são mencionadas regras de alongamento de vogal no inglês e italiano, o *raddoppiamento sintattico* no italiano, amplamente discutido por Nespor & Vogel em vários trabalhos⁴ e a inserção de pausas entre os acentos em situação de choque, conforme proposta a respeito das *silent demibeats* de Selkirk (1984).

A solução tonal envolve a polarização de tons entre elementos em choque. Um exemplo de polarização tonal para desfazer *stress clash* é tomado de Nespor & Vogel 1989⁵: em grego as sílabas em choque de acento são pronunciadas com tons muito diferentes – uma delas recebe um tom bastante alto, enquanto a outra recebe um tom bastante baixo. A diferença na altura serve para desfazer a sensação de colisão acentual. Haraguchi chama esta solução de *Polarize a altura* (*Polarize the Pitch*).

A solução métrica é implementada através de regras do tipo *Mova α* ou *Apague α* , que se aplicam na grade métrica. *Mova α* distingue **movimento** (*stress movement*), que pode ser usado para desfazer *clashes*, de **mudança de acento**

⁴ Nespor & Vogel 1979, 1982, 1986.

⁵ A respeito de Nespor & Vogel 1989, ver seção 4.2.3.

(*stress shift*). Já Apague α aplica-se de acordo com **hierarquias de força**, que definem qual elemento será afetado pela regra. Haraguchi examina detalhadamente as condições que controlam essas regras de modificação da grade métrica.

4.1.3.1 Apagamento

O apagamento de acento para desfazer *clash* afeta geral e preferencialmente os choques de grau 1 na hierarquia. Apagamento de choques de grau 2 só é possível em situações muito marcadas.

Para Haraguchi, o que define o acento a ser afetado pela regra apague α em caso de *clash* são **hierarquias de força**, que especificam qual é o acento mais “frágil” numa situação de choque e por isso passível de ser apagado. As hierarquias são universais; porém, sua organização num *ranking* que ordena a atuação de cada uma delas é específica de cada língua.

Haraguchi elenca as seguintes hierarquias de força:

Hierarquia de força I:

acento num pé binário é mais forte que num pé degenerado.

O exemplo de atuação desta hierarquia dado por Haraguchi é o apagamento de acento em Creek, língua indígena norte-americana. Nesta língua, o acento apagado para resolver um choque de acento é sempre o mais à direita:

(6)

linha 2 *	 *
linha 1	(. * . * . * *)	→	(. * . * . * *)
linha 0	(1 2) (3 4) (5 6) (7)		(1 2) (3 4) (5 6) 7
	i ti wana yipi ta		i ti wana yipi ta

Em (6) há um choque de acento na linha 1, entre os acentos de número 6 e 7⁶. 7, o acento mais à direita, é um pé degenerado – a construção de pés métricos em Creek toma como parâmetros a direcionalidade de construção esquerda-direita e posição direita do cabeça. Pés degenerados em Creek surgirão sempre junto à fronteira direita do domínio de acento quando este contiver um número ímpar de sílabas.

Para resolver o choque, o acento de 7 é apagado, mesmo sendo portador de um acento na linha superior da grade. Isso deve indicar, segundo Haraguchi, que em Creek é a hierarquia de força I que atua para determinar nos choques o acento que vai ser apagado. A precedência da hierarquia I é capaz inclusive de classificar num choque um acento primário como mais frágil vs. um acento secundário, se a sílaba que o portar for um pé degenerado na linha 1 da grade.

Hierarquia de força II:

acento primário é mais forte que acento secundário; acento frasal é mais forte que acento primário, etc.

Haraguchi arrola como exemplo de atuação da hierarquia de força II o seguinte tipo de apagamento de acento em inglês:

(7)

linha 2	.	*	.	.	.	*	.	.
linha 1	[*]	*	[*]	.	*	.	[*]	.
linha 0	*	*	*	*	*	*	*	*
	A	me	ri	can	e	le	men	ta ry ⁷

Em (7) há uma seqüência de três sílabas acentuadas em ‘American’ e de

⁶ Haraguchi (1991: 145). Conservamos a notação do autor. Ele justifica a substituição dos asteriscos por números na linha 0 para facilitar a referência às sílabas envolvidas no choque. Não há tradução para os exemplos.

⁷ As grades que Haraguchi apresenta foram tiradas de Halle & Vergnaud (1987: 238).

duas sílabas acentuadas em ‘elementary’ na linha 1 da grade. Nas duas palavras, as sílabas de acento primário (‘-me-’ e ‘-men-’, respectivamente) seriam pés degenerados. Se a hierarquia de força I atuasse nesses casos, a previsão seria que o acento primário fosse apagado para desfazer os choques, o que não ocorre. Os acentos afetados pelo apagamento são aqueles marcados por colchetes, que têm *status* de acento secundário. Em inglês, então, a hierarquia de força operante nos reajustes por apagamento seria a hierarquia II, que preserva o acento primário de ser apagado em caso de colisão com acentos menos proeminentes na grade.

As hierarquias de força I e II seriam, segundo o autor, “conceptualmente naturais”:

(...) full feet are more stable and numerous than degenerate feet, and syllables with stronger stress are in general interpreted as stronger than those with weaker stress, unless otherwise specified. (...) ⁸

Note-se que para Haraguchi, apesar das vantagens conceituais, as hierarquias de força I e II não conseguiriam dar conta do apagamento de acento em todas as línguas em que é atestado. Uma outra hierarquia se faria necessária:

Hierarquia de força III:

o acento da esquerda é mais forte que o da direita⁹.

Mais de uma hierarquia de força pode atuar numa mesma língua. Só é necessário que se especifique como elas estão ordenadas uma em relação à outra, o que determinará a preferência de atuação de cada uma delas.

⁸ Haraguchi (1991: 146).

⁹ A hierarquia III parece ser de aplicação mais restrita que as duas anteriores. Não nos estenderemos nela aqui. Remetemos o leitor a Haraguchi, páginas 154 – 161.

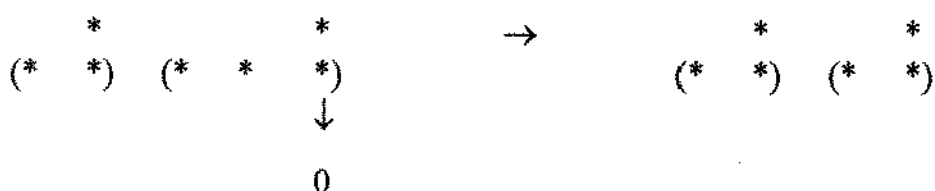
4.1.3.2 Movimento vs Mudança de acento:

Ao discutir Mova α , Haraguchi pretende desenvolver uma teoria geral de transferência de acento para a teoria métrica, com base na proposta de Halle & Vergnaud (1987). Para isso, ele faz distinção entre dois tipos de transferência de acento na grade: a mudança de acento (*stress shift*) e o movimento de acento (*stress movement*) propriamente dito.

A mudança de acento seria um tipo de deslocamento de cabeça que é desencadeado por vários processos fonológicos, como apagamento de segmento, formação de glide, etc. Se um determinado elemento que porta acento é apagado ou sofre alguma modificação que o desqualifica como portador de acento, o asterisco a ele atribuído é deslocado imediatamente para a esquerda ou para a direita, para uma **sílaba adjacente** que não precisa necessariamente ser também um cabeça de constituinte métrico. Não há mudança de acento que desloque um cabeça para uma posição espaçada por mais de dois asteriscos.

A direção em que se dá o *stress shift* é determinada pelo tipo de pé métrico da língua em questão: se tiver cabeça à direita, o acento é transferido para a esquerda; se o pé tiver cabeça à esquerda, o acento é movido para a direita. Uma configuração em que o *stress shift* se dê para a esquerda, numa indicação de que os pés métricos têm cabeça à direita, teria a aparência de (8):

(8)



O comportamento acima decorre do formalismo de Halle & Vergnaud para a construção da grade, que prevê que o apagamento de um elemento portador de acento não afeta a parentetização que delimita o constituinte métrico do qual ele é o cabeça. Sendo assim, por um princípio de preservação de estrutura, o acento é transferido para a próxima posição disponível dentro do mesmo constituinte. O russo e o sânscrito são exemplos de línguas que sofrem o *stress shift*.

A definição da mudança de acento deixa claro que ela não é desencadeada para resolver choques de acento.

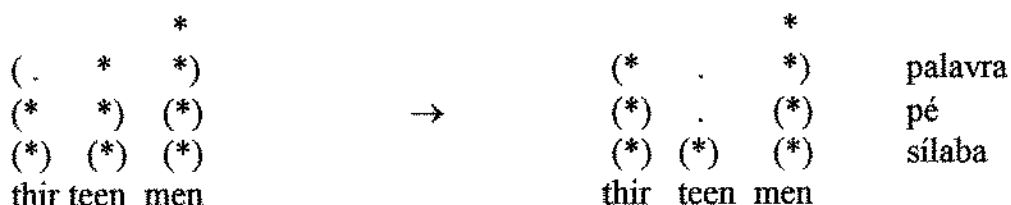
O outro tipo de transferência de acento na grade, o movimento de acento (*stress movement*), transfere o acento de um cabeça para outro **cabeça adjacente**, em determinada linha da grade, nos casos de choque de acento. O lugar de pouso do acento movimentado pode estar distante da posição de origem por qualquer número de sílabas.

A direção do movimento de acento é determinada pelo tipo de constituinte métrico construído na **linha da grade** que projeta os acentos que estão em choque. Se estes constituintes tiverem cabeça à esquerda, o movimento é para a direita; se tiverem cabeça à direita, o movimento é para a esquerda. Além disso, Haraguchi sugere que o movimento é formalmente implementado como movimento da **fronteira** do constituinte. Explique-se: o formalismo de Halle & Vergnaud (1987), no qual Haraguchi se baseia, prevê que uma fronteira seja induzida junto ao elemento que é definido como cabeça de um dado constituinte métrico. Constituintes com cabeça à direita terão uma fronteira marcada à direita do cabeça: $\cdot *$; constituintes com cabeça à esquerda terão uma fronteira marcada

à esquerda do cabeça: (* · . Subseqüentemente, o cabeça é projetado na linha superior da grade. Assim, ao deslocar a fronteira de um constituinte para resolver um choque de acento, Mova α tem o efeito de mover a projeção do cabeça deste constituinte por tabela, na linha de cima da grade. A operação Mova α tem efeito sobre duas linhas da grade: a linha em que está indicada a parentetização que delimita um dado constituinte métrico e a linha em que está projetado o cabeça desse constituinte.

O exemplo abaixo seria um movimento de acento legítimo. Os acentos primários das palavras 'thirteen' e 'men' estão em choque; em inglês, o constituinte palavra tem cabeça à direita. O *clash* é resolvido, então, pela movimentação do acento de 'thirteen' para a esquerda. O movimento é implementado pelo deslocamento da fronteira direita que delimita o constituinte palavra 'thirteen', na linha inferior à linha em que está ocorrendo o choque, para a esquerda:

(9)



O movimento de acento, quando implementado para desfazer *clashes*, aplica-se preferencialmente a choques de grau 2 e em situações muito marcadas de choque de grau 3. Haraguchi observa que o movimento e o apagamento estão em distribuição complementar em relação à hierarquia universal de choques de acento nas línguas que incorporam os dois tipos de modificação métrica. O apagamento atua para resolver os choques mais básicos da hierarquia (os choques de grau 1) e o movimento para resolver choques mais fortes na hierarquia (grau 2 e 3).

4.1.4 Hayes 1995:

Hayes (1995) é um trabalho referência na fonologia métrica, que busca evidências para sua teoria de parâmetros através da descrição das propriedades dos sistemas acentuais de um grande número de línguas no mundo.

No que toca ao choque de acento, Hayes prevê que sejam resolvidos pelas regras de apagamento de acento e de movimento de acento (Mova X), que atuam sob a condição de que o reajuste precisa ser feito **na linha da grade** em que o *clash* está ocorrendo. Além disso, o comportamento dessas regras seria em grande parte determinado pela atuação de um dos princípios da própria teoria métrica, a restrição da coluna contínua (*continuous column constraint*).

A combinação da restrição da coluna contínua com a condição de que o reajuste se dê na linha da grade em que o choque ocorre tem o efeito de fazer com que somente o acento mais fraco de um choque possa ser movido/apagado para resolver a colisão. Veja-se um exemplo de apagamento de acento para resolver *clash*:

(10)

- a.
- | | | | |
|---------------------|---|----------|-----|
| x | | x | |
| x x | → | x | |
| x x x ¹⁰ | | x x x | MAS |
| parental | | parental | |
- b.
- | | | | | |
|----------|---|-----------|-----------|--|
| x | | x | | |
| x x | → | x | x x | |
| x x x | | x x x | x x x | |
| parental | | *parental | *parental | |

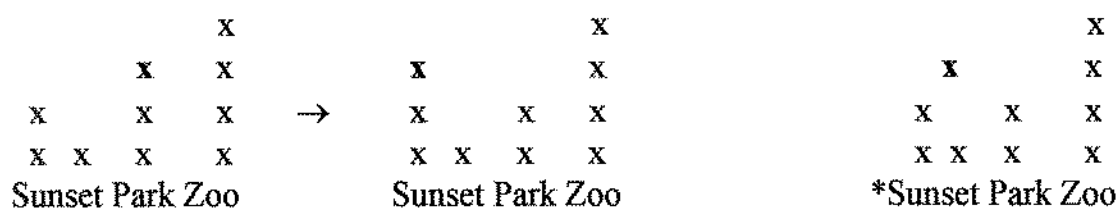
Em (b) não é possível apagar o acento mais proeminente para desfazer o

¹⁰ Hayes usa marcas em forma de x para representar as sílabas acentuadas.

clash porque o apagamento de uma marca no meio da coluna que o representa viola a restrição da coluna contínua; o apagamento da marcação mais alta da coluna do acento mais forte também não é permitido, porque não é na linha em que ele se coloca que o choque está ocorrendo. Já a desacentuação do acento menos proeminente em (a) não causa problemas com nenhuma das duas condições.

O lugar de pouso de uma acento movido para desfazer *clash* também é previsto de modo a não causar colunas descontínuas. Se houver mais de uma posição disponível, a escolhida é sempre aquela com um nível de acento mais alto, pois só assim não é causada uma “falha” na grade:

(11)



Hayes observa que Mova X está sujeita a restrições particulares de cada língua que determinam a direção do movimento. O inglês é apontado como uma língua em que o movimento só pode ocorrer para a esquerda, enquanto que o alemão, o dinamarquês, o holandês e o finlandês são línguas em que o movimento se dá tanto para a esquerda quanto para a direita. Uma outra característica a ser especificada para cada língua diz respeito ao número de sílabas que podem intervir entre os acentos de um choque, de modo a desencadear reajustes. Em espanhol, p.e., o movimento só desfaz *clashes* entre sílabas adjacentes (cf. ‘fundamentál + ménte’ → ‘fundamentalménte’); em inglês, o movimento pode transferir o acento de uma sílaba que não seja adjacente à outra sílaba acentuada (‘Mississípi múd’ → ‘Mississippi múd’).

Nas análises para o choque de acento inventariadas até aqui não se colocou a questão de como o módulo métrico da fonologia se relaciona com o restante da gramática. Foi dada maior ênfase a questões internas ao modelo, que passaram pela justificativa da representação do acento pela grade (L&P), pela tentativa de relacionar a árvore sintática com a árvore e a grade métrica (N&V), ou pela colocação da grade como lugar exclusivo de determinação de mecanismos para desfazer colisões acentuais (Selkirk, Haraguchi, Hayes). Quando foi necessária uma menção a informações não fonológicas, especificamente a relações de proeminência acima do nível da palavra, foi a árvore sintática o lugar onde foram colhidas essas informações. Não se discutiu a questão do acesso da informação não fonológica pela fonologia.

Uma outra perspectiva de tratamento do choque de acento e de sua resolução se faz possível se for incorporada à nossa discussão a assunção de que o contato entre a sintaxe e a fonologia se dá por meio do componente prosódico¹¹, através da construção de domínios que sirvam de contexto para as regras fonológicas.

Nespor & Vogel (1982, 1986, 1989) se colocam como trabalhos que trouxeram para as discussões da fonologia métrica a questão dos domínios prosódicos, procurando mostrar que os fenômenos rítmicos, do mesmo modo que fenômenos segmentais, não têm acesso direto a outros módulos da gramática que não o componente prosódico. As únicas noções sintáticas que teriam um papel na organização da estrutura rítmica são aquelas mapeadas na construção da hierarquia de constituintes prosódicos. Isto seria mais uma evidência de que a fonologia como um todo não tem acesso direto à sintaxe.

Apresentamos, abaixo, outros momentos das discussões sobre o choque de acento, agora, sob a perspectiva da mediação dos domínios prosódicos.

¹¹ Ver capítulos 1 e 2.

4.2 O choque de acento e os domínios prosódicos:

4.2.1 Nespor & Vogel 1982:

Neste artigo as autoras apresentam uma primeira elaboração de sua teoria de domínios prosódicos¹². Partem da premissa de que a representação fonológica, assim como a sintática, é hierárquica por natureza e que categorias fonológicas acima do nível da palavra, construídas por regras que fazem um mapeamento entre a sintaxe e a fonologia, não precisam ser isomórficas aos constituintes sintáticos.

Através da proposição de uma regra de mapeamento para definir o domínio de aplicação da regra de *raddoppiamento sintattico* em italiano, chegam à proposta de construção universal de uma categoria prosódica pós-lexical, por elas chamada de **frase fonológica**, que serviria de domínio de regras fonológicas em várias línguas do mundo. Uma dessas regras seria a regra de retração de acento que, numa sequência de acentos primários em choque, para desfazer a colisão, movimenta o acento de primeira palavra do choque para a esquerda, se as duas palavras envolvidas fizerem parte de uma mesma frase fonológica. A retração é bloqueada se as palavras estiverem em frases fonológicas distintas.

4.2.2 Nespor & Vogel 1986:

Em *Prosodic Phonology*, texto em que Nespor & Vogel elaboram uma teoria abrangente de domínios prosódicos, à retração de acento no italiano é dado basicamente o mesmo tratamento que no texto de 1982. Ao descrever o domínio

¹² O desenvolvimento pleno de uma teoria de domínios prosódicos por Nespor & Vogel é publicado em 1986 (*Prosodic Phonology*).

prosódico frase fonológica (ϕ), a retração de acento é incluída como uma regra de *span* de ϕ , ou seja, uma regra cujo domínio de aplicação corresponde ao espaço delimitado pelas fronteiras de ϕ . Os exemplos abaixo confirmariam esta análise:

- (12) Ha già contato [véntitre rágni] $_{\phi}$. (<ventitré rágni)
Ele já contou vinte e três aranhas.

- (13) [Le cittá] $_{\phi}$ [molto nordiche] $_{\phi}$ non mi piacciono.
As cidades muito nórdicas não me agradam.

Em (12) é possível à retração de acento entrar em ação para desfazer o choque entre as palavras ‘ventitré’ e ‘rágni’, por estarem elas incluídas numa mesma frase fonológica. Já em (13) o choque de acento se mantém, porque não se encontra contexto para a aplicação da regra de retração – ‘cittá’ e ‘nordiche’ estão em frases fonológicas separadas.

A regra de retração de acento serve também como um diagnóstico da reestruturação de frases fonológicas. Se o algoritmo de construção dos domínios alocar os acentos de um *clash* em frases fonológicas separadas, mas que preencham os requisitos para serem reestruturadas, a ocorrência da retração seria um indicativo de que ocorreu reestruturação, pois somente se fizerem parte de um mesmo domínio ϕ , não interessa se constituído através do algoritmo de mapeamento ou se pela reestruturação, os acentos de um *clash* podem se submeter ao reajuste pela retração acentual:

- (14) [Le città nórdiche] $_{\phi}$ non mi piacciono. (< [le cittá] $_{\phi}$ [nórdiche] $_{\phi}$)
As cidades nórdicas não me agradam.

A opção das autoras por formular a regra de retração de acento incluindo o domínio em que ela pode se aplicar é compreensível dado o principal objetivo de *Prosodic Phonology* – justificar a existência dos domínios prosódicos através das

regras que neles têm seu contexto de aplicação. Os três trabalhos de N&V sobre o *clash* apresentados até aqui (1979, 1982, 1986) têm em comum a idéia de que a retração de acento, uma regra rítmica que se aplica na grade métrica, precisa de uma especificação do contexto em que lhe é permitido desfazer os choques, além de informações sobre as relações de proeminência relativa operantes entre os acentos em colisão. No artigo de 1979 este contexto era definido com base diretamente na sintaxe; a partir da formulação da teoria de domínios prosódicos, o contexto da retração acentual passou a ser identificado com o domínio frase fonológica.

4.2.3 Nespor & Vogel 1989:

Nespor & Vogel (1989) colocam como objetivo deste artigo investigar as restrições universais que controlam os mecanismos de reajuste, na grade métrica, de seqüências arrítmicas, definidas em conformidade com o Princípio de Alternância Rítmica de Selkirk (1984).¹³

Segundo as autoras, a construção da grade métrica (onde as seqüências arrítmicas são identificadas) é feita com base na hierarquia de constituintes prosódicos. A construção da grade corresponderia a um mapeamento entre a estrutura prosódica e a representação da estrutura rítmica de uma dada seqüência. Duas regras controlariam esse mapeamento:

- (i) atribua um * no primeiro nível da grade a cada sílaba em uma dada seqüência;
- (ii) atribua um * em cada nível superior às posições que representem o

¹³ Ver seção 4.1.2.

DTE do constituinte prosódico correspondente¹⁴.

Uma vez concluído o mapeamento da estrutura prosódica para a grade, operações de reajuste rítmico não podem mais ter acesso à sintaxe. É a estrutura prosódica que faz a mediação entre a estrutura sintática e a estrutura rítmica.

As configurações acentuais que são sentidas como choques de acentos variam de língua para língua, assim como as soluções implementadas para resolvê-los. Uma primeira tarefa na análise dos *clashes*, pois, é identificar o nível da grade em que acentos adjacentes induzem a pressão necessária para que processos de reajuste rítmico entrem em cena. Partindo da regra de retração de acento em italiano, N&V definem como *clash* mínimo nessa língua a adjacência de asteriscos nos primeiros três níveis da grade¹⁵, o nível da palavra fonológica. Assim (15) é configuração de *clash* enquanto que (16) não o é:

(15)		(16)	
* *		*	palavra fonológica
* *		* *	pé
* *		* *	sílaba
sará forse partito		sará ritornato	

O nível da palavra fonológica é apontado como contexto de *clash* mínimo em várias outras línguas do mundo (catalão, inglês, polonês), o que o caracterizaria como o nível não marcado de *clash* mínimo.

A partir do nível três, os *clashes* podem ter outras configurações, a depender da altura da coluna de asteriscos sobre os acentos do choque. A estratégia ativada na resolução dos choques é condicionada pela sua configuração

¹⁴ Em nota de rodapé, Nespor & Vogel alertam que na construção da grade, em muitas línguas, o domínio grupo clítico é ignorado. Isto no entanto não é suficiente para excluí-lo da hierarquia de constituintes prosódicos, por ser ele domínio de regras segmentais de sândi externo.

¹⁵ N&V nomeiam linha 1 a linha da grade correspondente ao nível sílaba. A linha 2 é o nível do pé, a linha 3 da palavra fonológica, a linha 4 da frase fonológica, etc.

na grade.

Uma configuração 3 4¹⁶ – choque entre um acento de palavra fonológica e um acento de frase fonológica – é resolvida pela retração de acento, que move o primeiro acento do choque para a esquerda. Se a palavra que portar este acento for bissilábica, o acento é transferido para sua sílaba inicial, a única outra sílaba na palavra disponível como lugar de pouso para o movimento; se tiver mais de três sílabas, o acento é transferido para a próxima sílaba à esquerda do acento primário que porte acento na linha 2 da grade; se for um monossílabo, como não há nenhuma posição na mesma palavra para onde transferir o acento, o choque é resolvido pela desacentuação da primeira palavra do choque. Essas situações são ilustradas, respectivamente, pelos exemplos abaixo:

(17)

metá tórta	→	méta tórta	‘metade de bolo’
ventitré cáse	→	véntitre cáse	‘vinte e três casas’
tré cáse	→	tre cáse	‘três casas’

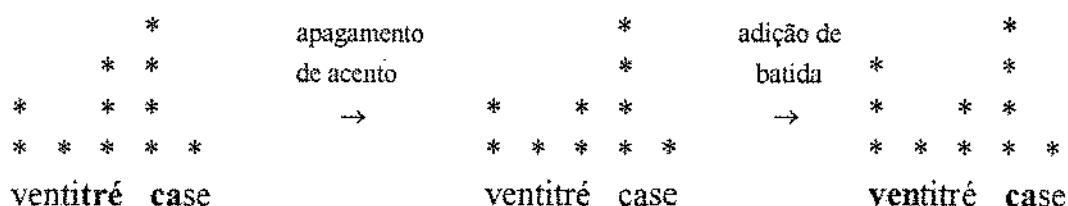
A solução dada aos choques 3 4 que envolvam monossílabos como primeira palavra do *clash* levam N&V a afirmar que a resolução de choques de acento não cria a necessidade intrínseca de que uma nova proeminência surja em algum outro lugar da grade. Uma descrição mais acurada dos reajustes seria obtida, então, se a regra de retração de acento fosse desdobrada em duas operações de reajustamento da grade.

A primeira, a regra de **apagamento de acento**, seria a verdadeira responsável por eliminar a colisão de acentos, ao enfraquecer um dos acentos do choque; a segunda, a regra de **adição de batida**, atuaria para desfazer lapsos de acento, inclusive aqueles resultantes da ação do apagamento de acento – por

¹⁶ Os algarismos correspondem aos níveis de acento na grade: 2 = pé, 3 = palavra fonológica, 4 = frase fonológica, 5 = frase intonacional, 6 = enunciado fonológico.

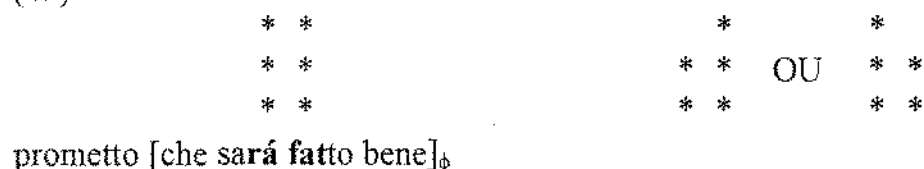
vezes, ao atuar para resolver *clashes*, o apagamento de acento pode provocar o afloramento de uma seqüência de duas ou mais de duas sílabas sem acento primário na grade. Nesses casos, um asterisco é acrescentado a outra posição na seqüência, para reestabelecer um padrão de alternância entre sílabas fortes e fracas. Quando as regras de apagamento de acento e de adição de batida se aplicam uma após a outra, o efeito produzido é superficialmente idêntico ao de uma retração acentual:

(18)



A formulação da regra de apagamento de acento a restringe a afetar somente acentos do nível de *clash* mínimo: “Delete an * at the level at which the minimal clash is defined.”¹⁷. Desse modo, acentos mais altos na grade que o nível 3 nunca podem se sujeitar à regra de apagamento de acento. Além disso, nas configurações de choque 3 3, ao apagamento de acento é permitido desacentuar qualquer uma das duas posições do choque, já que os dois acentos estão no nível do *clash* mínimo:

(19)



Em configurações de choque em que um dos acentos seja mais alto na grade que o nível de *clash* mínimo (à exclusão da configuração 3 4), o *clash* é

¹⁷ N&V (1989: 77).

resolvido pela regra de **inserção de batida**, que insere uma posição na linha de base da grade entre as sílabas cujos acentos estejam em choque em uma linha superior:

(20)

*	*	frase fonológica
*	*	palavra fonológica
*	*	pé
* *	*	sílaba
La veritá	vince quasi sempre	

A inserção de batida atua no sentido de aumentar a distância entre os acentos em colisão e pode ser atualizada foneticamente de várias maneiras: pela inserção de pausa na grade, pelo alongamento da primeira sílaba do *clash* ou pela polarização tonal dos acentos¹⁸.

Para os choques de configuração 4 3, duas seriam as possibilidades de resolução: a inserção de batida (o primeiro acento é mais alto que o nível 3) ou o enfraquecimento do acento mais à direita do choque (por ser ele do nível do *clash* mínimo):

(21)

*		*		*		
*	*	*	*	*		
*	*	*	*	OU	*	*
*	*	*	*	*	*	*
[le città _φ [molto grandi] _φ						

Nos casos em que os choques podem ser resolvidos de duas maneiras (4 3 e 3 3), a escolha de uma das soluções pode depender, segundo as autoras, de

¹⁸ A polarização tonal dos acentos é um correlato fonético disponível para a inserção de batida em algumas línguas, como o grego. Isso parece estar relacionado com o fato do grego antigo, um estágio anterior do grego moderno, ter sido uma língua de acento melódico.

“different focus relations rather than on purely phonological considerations”¹⁹. Também considerações de ordem rítmica teriam um papel importante na escolha do modo de desfazer os *clashes* 4 3 e 3 3:

(...) the particular remedy that is chosen depends on the overall rhythmic pattern of the sentence. That is, BD [beat deletion] applies so as to produce the more eurhythmic result (...) ²⁰

A euritmia da grade é medida pela alternância maximizada que se consegue obter pela aplicação de uma ou outra regra (apagamento vs. inserção de batida). Nos casos dos choques 4 3, o apagamento é eleito para desfazer o *clash* se a sua aplicação não criar um lapso de várias sílabas sem acento na linha 3. Caso contrário, a inserção de acento resolve o *clash*. Nos choques 3 3, as autoras observam que há uma tendência em italiano em preferir que a sílaba mais à direita mantenha seu acento, mas, de qualquer modo, qualquer que seja a opção de reajuste, ambas são soluções legítimas, segundo as autoras, licenciadas pela gramática da língua para desfazer os choques de configuração 4 3 e 3 3.

Neste artigo se observa uma nítida mudança no tratamento dispensado aos *clashes* em relação aos textos anteriores de Nespor & Vogel. As regras de resolução de *clash* não mais fazem menção ao domínio ou à fronteira prosódica envolvida entre os acentos em situação de choque. A interferência da hierarquia de domínios só se faz presente indiretamente, na operação que mapeia os DTEs dos domínios linha a linha na grade. A informação necessária para as regras de resolução de *clashes* entrarem em ação é tomada das relações de proeminência relativa representadas na grade métrica e é a definição do contexto de *clash* mínimo em cada língua o ponto de partida para que seja ativada a regra adequada

¹⁹ Página 78.

²⁰ N&V (1989:82).

para resolver os choques de acento.

Ao mesmo tempo em que dão um passo à frente ao explicitar a interface entre a estrutura prosódica e a construção da estrutura rítmica, N&V (1989) promovem uma volta à tradição na fonologia métrica, aqui representada por Selkirk (1984), Haraguchi (1991), Hayes (1995), de considerar a grade métrica como único aparato necessário e suficiente para dar conta de fenômenos de ritmo, ainda que construída via mapeamento dos DTEs dos domínios prosódicos.

5. APLICAÇÃO

Tendo resenhado no capítulo anterior algumas opções de análise para o choque de acento, vamos nesta seção nos voltar para o exame de dados. Nosso esforço se concentrará em tentar aplicar as teorias apresentadas ao *corpus* de trabalho¹, para verificar em que medida elas se mostram adequadas aos contextos de choque ocorrentes nos dados. Nosso ponto de partida será a proposta de Nespor & Vogel (1989).

5.1 Nespor & Vogel:

De acordo com N&V (1989), a adjacência de acentos de palavras fonológicas é o nível não marcado de *clash* mínimo em várias línguas do mundo, o nível em que dois acentos adjacentes produzem a pressão necessária para induzir a necessidade de reajustes rítmicos. Esta também é a situação encontrada no português do Brasil: reajustes rítmicos para desfazer *clashes* podem se manifestar nos casos de adjacência de acentos primários:

(1) POR TER FEITO O BEM² (epístola)

[| (por) (ter) | | (feito) |] [| (o) (bem) |]

* . * . * ↗ /
{ poh teh fertu bẽr }

¹ Ver capítulo 1.

² O significado dos símbolos usados nas transcrições encontra-se na legenda à página 9.

Em (1) os acentos primários de ‘ter’ e ‘feito’ estão em choque; na realização fonética da sequência, porém, o que se vê é que o acento de ‘ter’ foi enfraquecido e que uma proeminência foi atribuída à preposição ‘por’.

Também em relação ao tipo de choque, o exemplo (1) está de acordo com o que é previsto pelas autoras, que apontam a retração de acento como a solução por excelência para os casos de *clash* com uma configuração 3 4. Em (1) o acento de ‘feito’, além de acento primário, é DTE de frase fonológica, enquanto que o acento de ‘ter’ é somente acento primário. A configuração deste *clash*, pois, é 3 4:

(2)

	*		ϕ	-	nível 4
*	*		ω	-	nível 3
*	*		Σ	-	nível 2
*	*		σ	-	nível 1
por ter feito o bem					

Como a regra de apagamento de acento só afeta acentos do nível de *clash* mínimo, o nível 3, a resolução deste choque pode ser interpretada como resultado da atuação das regras de apagamento de acento, sobre ‘ter’, e de adição de batida, sobre ‘por’:

(3)

	*				*
*	*			*	*
*	*	*		*	*
*	*	*		*	*
por ter feito o bem			→	por ter feito o bem	

As representações acima foram construídas nos moldes das representações que N&V fazem de processos de reajuste rítmico no italiano e no inglês. Outros autores fazem representações semelhantes, como Selkirk (1984:48) para o inglês, Frota (1995: 99) para o português europeu e Massini-

Cagliari (1995: 94-5) para o PB. Duas observações a respeito de (3) são necessárias.

A representação do verbo 'ter' precisa ser vista com certa atenção, já que em (3) ele aparece suportando uma coluna de dois asteriscos **após** sofrer a regra de apagamento de acento, o que poderia indicar que ainda seja percebido como sílaba acentuada. Porém não é isso que a transcrição fonética da sequência mostra. Uma distinção precisa ser feita entre o estatuto fonológico da regra de reajuste e sua representação na grade e entre o correlato fonético da atuação da regra e o *output* rítmico que dela resulta.

N&V dizem que "The physical correlate of BD [beat deletion] is Destressing, which causes the relevant syllable to be perceived as weaker, thus eliminating the perception of the clash."³ Em (3), então, não se pode tomar a grade como equivalente a uma transcrição fonética do padrão rítmico da sentença. Ao sofrer a atuação da regra fonológica de apagamento de acento, 'ter' perde seu asterisco de linha três, ficando com uma coluna de dois asteriscos. A coluna de dois asteriscos que sobra sobre 'ter' não é "ouvida" pelos falantes: tudo se passa de tal modo que, ao perder o asterisco que lhe foi atribuído pelo algoritmo de acento primário, 'ter' perde também a possibilidade de ser sentido como sílaba de acento forte. Os falantes têm somente uma percepção linear da alternância entre sílabas fortes e sílabas fracas no fluxo rítmico, sem distinguir a "presença" de dois asteriscos sobre 'ter' na grade, e percebendo-o como sílaba acidentalmente mais fraca que 'por', que recebeu uma marcação extra devido ao reajuste causado pelo *clash*.

No que toca à representação da preposição 'por', é preciso que seja vista sob a luz de Selkirk (1984). Segundo ela, em termos métricos, as palavras funcionais (como 'por') são diferentes das palavras ditas lexicais porque

³ N&V (1989: 76).

recebem um tratamento diferenciado das regras de construção da grade métrica: às palavras funcionais não é atribuído um acento de nível três, o acento primário. No componente prosódico, porém, segundo N&V, as palavras funcionais correspondem a domínios prosódicos palavra fonológica, pois ter acento primário não é condição necessária para o *parsing* que constrói este domínio.

A inexistência de acento primário nas palavras funcionais só vai ter um papel no componente prosódico no momento de determinar o DTE do domínio. Em constituintes n-ramificantes, o DTE é determinado com base nas relações de proeminência relativa entre os nódulos irmãos. Mas para estabelecer se um constituinte não-ramificante – como as palavras funcionais em português, que são, na sua maioria, monossilábicas – será rotulado ‘forte’ ou ‘fraco’, N&V observam que

(...) the label of non-branching nodes depends on whether the element in question is a function word or not. That is, we will label a non-branching node weak if and only if it exhaustively dominates a clitic or one of the members of a closed set of function words (...).⁴

Por aí podemos depreender que as palavras funcionais são domínios os sem DTE, pois vão ser sempre rotuladas como nódulo ‘fraco’ na árvore prosódica. Ser DTE de palavra fonológica significa ter acento primário, que só é atribuído às palavras não funcionais.

Ao mesmo tempo em que não recebem acento primário, as palavras funcionais, por outro lado, de acordo com Selkirk, são marcadas na linha dois da grade com o que ela chama de *basic beats*, cuja função é garantir que a palavra em questão tenha a possibilidade de se tornar portadora de um acento, seja ele

⁴ N&V (1989: 72).

consequência de um processo de reajuste rítmico ocasionado pela presença de um choque de acento (como em 3) ou um acento atribuído para desfazer lapsos acentuais. Se não receber uma marcação acentual em um nível superior da grade, a palavra funcional pode perder esse asterisco (*basic beat*) e tornar-se acentualmente inerte.

Há que se notar que aqui manifesta-se uma primeira diferença entre a descrição do italiano feita em N&V e os dados do PB. N&V afirmam que nos casos de choque de acento em que a primeira palavra envolvida é um monossílabo portador de acento primário, somente o apagamento de acento pode se aplicar. A regra de adição de batida é bloqueada, por não existir uma outra sílaba na mesma palavra onde se possa acrescentar um asterisco:

(...) in the case of stressed monosyllables, since there is no landing site for the stress that has been removed, only destressing may apply to reduce the prominence of the first word in the clash from level 3 to level 2. (...) Destressing is needed independently for monosyllables, since an * cannot be moved to another position in such words.⁵

O pressuposto por trás desta afirmação é que a adição de batida que se segue à resolução de *clashes* 3 4 só pode afetar sílabas que estejam dentro de um mesmo domínio palavra fonológica.

No entanto, não é isso o que ocorre no PB. Em PB, após a desacentuação de um monossílabo que seja a primeira palavra num contexto de *clash* 3 4, é possível à regra de adição de batida acrescentar um asterisco a uma palavra funcional à esquerda da palavra desacentuada, formando com ela um domínio grupo clítico no componente prosódico. (1) é um exemplo em que isto acontece. Um outro exemplo seria (4) abaixo:

⁵ N&V (1989: 76).

4) MAS NÃO SEGUEM UM ESTRANHO (evangelho)

[|(mas) (não)| |(seguem)|] [|(um) (estranho)|]

* . * . * . * /
 { mas não segẽ rũ jũstrũ }

Em (4) os acentos de ‘não’ e ‘seguem’ estão em choque. A configuração do choque é 3 4, uma vez que ‘seguem’ é DTE de frase fonológica, enquanto que ‘não’ porta apenas o acento primário. A regra de apagamento de acento enfraquece o acento do monossílabo ‘não’, que está no nível de *clash* mínimo, e a adição de batida acrescenta um asterisco a ‘mas’:

(5)

*		*
* *		* *
* * *	→	* * *
* * *		* * *
mas n ã <u>o</u> se guem		mas não se guem

A adição de batida ultrapassa os limites da palavra fonológica ‘não’, que sofreu desacentuação, e acentua ‘mas’, a palavra funcional que forma um domínio prosódico grupo clítico com o monossílabo ‘não’.

N&V chamam a atenção para as vantagens de restringir a aplicação do apagamento de acento somente aos casos de *clash* mínimo. Além de deixar claro porque nos choques 3 4 é o acento da primeira palavra envolvida no choque que sofre a desacentuação – somente ele está no nível de *clash* mínimo – torna possível prever o acento a ser afetado por reajustes em *clashes* com outras configurações rítmicas. Naqueles choques cujos acentos sejam mais altos na grade que o nível 3, o apagamento de acento seria bloqueado.

De fato, nos choques que envolvem um acento de nível igual ou mais alto na grade que o nível 4 e que foram enunciados sem qualquer marcação especial

de ênfase, não se constatou em nenhum caso o apagamento de qualquer dos acentos em colisão. (6) é um exemplo interessante:

(6) E PARA TODOS AQUELES QUE ESTÃO LONGE (atos dos apóstolos)

[| (e) (para) | | (todos) | | (aqueles) |] [| (que) (estão) |] [| (longe) |]

. * . * . . * . . * * \ . /

{ i pare todú zakelis kistõ lôⁿgi }

Os acentos de ‘estão’ e ‘longe’ estão em choque. Ambos são DTE de frase fonológica, portanto acentos de nível 4 na grade e não passíveis de sofrer reajuste através de apagamento de acento:

(7)

*	*	ϕ	-	nível 4
*	*	ω	-	nível 3
*	*	Σ	-	nível 2
*	*	σ	-	nível 1

que **estão longe**

Se, porém, fossem reestruturados em uma única frase fonológica (‘longe’ é o único complemento do lado não recursivo de ‘estão’⁶), as relações de proeminência relativa da sequência seriam modificadas. ‘Estão’ deixaria de ser DTE de ϕ :

(8)

[| (e) (para) | | (todos) | | (aqueles) |] [| (que) (estão) | | (longe) |]

O DTE da frase fonológica reestruturada passaria a ser ‘longe’, o elemento mais à direita no domínio. O choque teria agora a configuração 3 4:

⁶ Ver definição da reestruturação de ϕ na seção 2.4.4.

(9)

	*		ϕ	-	nível 4
*	*		ω	-	nível 3
*	*		Σ	-	nível 2
*	*		σ	-	nível 1

que estão longe

Sendo assim, poderíamos **potencialmente** reajustar ritmicamente a sequência e desfazer o *clash*, mas, como isso não ocorreu, a manutenção da colisão de acentos em (6) não nos permite avaliar se (i) não houve reestruturação, os dois acentos mantêm o estatuto de DTE de ϕ por estarem em frases fonológicas separadas e portanto a regra de apagamento de acento não pode afetar nenhum deles ou (ii) houve reestruturação, a configuração do *clash* tornou-se 3 4, mas não houve reajuste por meio da regra de apagamento de acento. De qualquer modo, o fato do *clash* em (6) não ter sido desfeito é indicativo de que dada a possibilidade de manter os acentos em choque em frases fonológicas distintas, apagar um acento de nível mais alto que o nível de *clash* mínimo não é uma opção licenciada.

As previsões de N&V a respeito dos reajustes começam a apresentar problemas mais sérios quando se trata de analisar *clashes* que envolvam como primeiro elemento um acento de nível 4 na grade e como segundo elemento um acento do nível do *clash* mínimo. Segundo elas, uma solução possível para os *clashes* 4 3 seria que o apagamento de acento afetasse o acento de nível 3, removendo na grade a marcação mais alta da sua coluna de asteriscos. Em PB, no nosso *corpus*, porém, esta situação nunca é atestada. O acento da segunda palavra de um *clash* 4 3 é sempre mantido sem modificação, **apesar** de estar no nível do *clash* mínimo. Exemplo:

(10) E AS CONDUZ PARA FORA (evangelho)

[| (e) (as) (conduz) |] [| (para) | | (fora) |] }

* . * * * \ . /
 { iaf kōdus paɾɐ foɾɐ }

Em (10) os acentos de ‘conduz’ e ‘para’ estão em choque. ‘Conduz’ é o DTE da frase fonológica ‘e as conduz’ e suporta uma coluna de quatro asteriscos na grade métrica; ‘para’ é o primeiro elemento da frase fonológica ‘para fora’, não tem *status* de DTE desse domínio e suporta uma coluna de três asteriscos na grade:

(11)

*		φ	-	nível 4
*	*	ω	-	nível 3
*	*	Σ	-	nível 2
*	*	σ	-	nível 1

e as **conduz** para fora

Apesar de estar no nível do *clash* mínimo, o acento de ‘para’ não é apagado, como seria de se esperar se a única informação necessária para o reajuste fosse a configuração do *clash* na grade, como o querem N&V (1989). Em nenhum caso similar do *corpus* ocorreu o apagamento de acento nessas circunstâncias.

A outra possibilidade de resolução dos *clashes* 4 3 aventada por N&V, a inserção de batida entre os acentos em choque, não pôde ser avaliada por nós, já que conforme exposto no capítulo 1, nossas análises somente levam em conta uma transcrição auditiva dos dados. Seria necessária uma medição instrumental para determinar com certeza se houve ou não alongamento de segmentos para desfazer *clashes*.

Nos choques de configuração 3 3 as previsões de N&V também se mostram falhas em relação ao PB. Como os dois acentos envolvidos no choque são do nível do *clash* mínimo, pela definição da regra de apagamento qualquer um deles poderia ser enfraquecido para desfazer o choque. No entanto, o que se observa nos dados é que nesse contexto o acento primário da segunda palavra não é afetado pelo apagamento. Quando há resolução deste tipo de *clash* nas leituras da missa, é o acento da primeira palavra que sofre a desacentuação:

(12) EM SEU PRÓPRIO CORPO (epístola)

[| (em) (seu) | | (próprio) | | (corpo) |]

* . * . * \ . /
 {ẽrⁿ seu prɔpriu kohpu}

Os acentos de ‘seu’ e ‘próprio’ são ambos de nível 3 – o DTE da ϕ que os inclui é ‘corpo’. O acento de ‘seu’, um monossílabo acentuado, foi enfraquecido e uma proeminência foi atribuída à palavra funcional ‘em’;

(13)

* *		* *
* * *	→	* * *
* * *		* * *
em seu próprio corpo		em seu próprio corpo

Em (14), onde também se manifesta um choque 3 3, o apagamento novamente enfraquece o acento mais à esquerda do *clash*:

(14) PORQUE NÃO CONHECEM A VOZ DOS ESTRANHOS (evangelho)

[| (porque) | | (não) | | (conhecem) |] [| (a) (voz) |] [| (dos) (estranhos) |]

* . * . * ↗ . . * . . * ↘ . /
 { pu^hki nõ ko^{ne}si } { a voz du zi^{tr}ãjus }

Os acentos de ‘porque’ e ‘não’ estão em choque e são de nível 3. O acento sobre a sílaba ‘-que’ foi enfraquecido e a adição de batida promoveu a próxima sílaba (à esquerda) da palavra – ‘por-’ – à condição de sílaba forte:

(15)

* *		* *
* * *	→	* * *
* * *		* * *
porque não conhecem		porque não conhecem

Em (16), uma dúvida se coloca quanto à resolução do *clash*. Se comparamos, inicialmente, as duas primeiras palavras cujos acentos estão em colisão, vemos que ambos são do nível do *clash* mínimo, por estarem no interior de uma mesma frase fonológica:

(16) QUEM NÃO ENTRA NO REDIL DAS OVELHAS

[| (quem) | | (não) | | (entra) |] [| (no) (redil) |] [| (das) (ovelhas) |]

* . * . * ↗ . . * ↗ .
 { kêrⁿ nõ être nu redziu^l } { da zovelas }

* *	ω	-	nível 3
* *	Σ	-	nível 2
* *	σ	-	nível 1
quem não entra			

O acento apagado para resolver o *clash*, no caso, é o acento de ‘não’, o acento mais à direita neste choque 3 3, algo que vai na direção contrária aos outros casos de resolução de *clash* no *corpus*. Mas se ampliamos o contexto do choque para incluir o acento de ‘entra’, que também está adjacente a ‘não’, percebemos que na verdade o *clash* inclui os acentos das três palavras ‘quem’, ‘não’ e ‘entra’, conforme representado em (17):

(17)

		*	ϕ	-	nível 4
*	*	*	ω	-	nível 3
*	*	*	Σ	-	nível 2
*	*	*	σ	-	nível 1
quem não entra					

O acento de ‘não’ só pôde ser apagado porque faz parte de uma configuração de choque 3 4 quando comparado ao acento de ‘entra’. (16) não é um contra-exemplo à observação de que nos *clashes* 3 3 o reajuste não afeta o acento posicionado mais à direita. A palavra ‘não’ foi desacentuada porque a configuração “completa” deste choque é 3 3 4 e, em relação ao acento de nível 4, ao 3 da direita é licenciada a desacentuação. Ademais, só o apagamento do acento de ‘não’ interrompe a seqüência de três acentos adjacentes na grade. (16) é um exemplo interessante da combinação entre a previsão de que a regra de apagamento de acento afete apenas acentos de nível 3, o comportamento da resolução de *clashes* nos dados do PB e a implementação de alternância na grade métrica.

O fato das previsões de N&V para os *clashes* 4 3 e 3 3 não encontrarem eco no PB pode ser melhor visualizado no quadro a seguir, em que apresentamos uma quantificação das ocorrências de choques no *corpus*:

Tipo de <i>clash</i>	Desfeito por apagamento	Mantido	Inserção de pausa	Total
3 4	3	9	0	12
3 3	2	2	0	4
4 3	0	5	0	5
3 4 ou 4 4?	0	1	0	1
Primeiro acento mais alto que 4	0	1	3	4
Ênfase	2	1	0	3
Total	7	19	3	29

Apesar de não haver um número muito expressivo de ocorrências de *clashes* no *corpus*, certas tendências do PB ficam bastante claras pela observação dos números acima. Nenhum choque em que o primeiro acento fosse mais alto que 3 foi desfeito pelo apagamento de quaisquer dos acentos. Das três ocorrências de *clashes* 3 3 desfeitas, uma está envolvida em uma configuração de choque mais complexa (exemplos 16 e 17) e as outras duas foram desfeitas pelo apagamento do acento da primeira palavra envolvida no choque (exemplos 12 a 15). Delineia-se uma correlação entre estes fatos, já que o que há de comum entre o bloqueio do reajuste por apagamento do acento de nível 3 de um choque de configuração X 3 e o bloqueio do apagamento do segundo acento em choques 3 3 é a impossibilidade de afetar o acento mais à direita em situações de choque em PB, mesmo sendo ele um acento do nível de *clash* mínimo.

Uma outra diferença marcante que se visualiza entre o italiano e o PB quanto à resolução de choques de acento tem a ver com a possibilidade de que em PB nem todos os choques de configuração 3 3 e 3 4 sejam desfeitos. N&V, ao contrário, afirmam que em italiano “(...) it is obligatory to remedy a clash in one way or another(...)”⁷. Lembramos que para os choques 3 3 e 3 4, choques

⁷ N&V (1989: 87).

que envolvem acentos do nível do *clash* mínimo, a solução disponível seria o apagamento de acento.

Na tabela apresentada acima, vemos que no *corpus*, das cinco ocorrências de choques 3 3, duas foram mantidas, enquanto que de doze ocorrências de choques 3 4, somente três sofreram a ação do apagamento de acento. Diríamos que não há problema com a opcionalidade de resolução de choques em PB pelo apagamento. Conquanto os *clashes* representem perturbação no padrão de alternância rítmica, sua resolução é efetuada por uma regra de aplicação **pós-lexical**, que reajusta os acentos antes atribuídos pelo algoritmo de acento primário. E, como regra pós-lexical, é licenciado ao apagamento ser uma regra de aplicação variável, opcional:

(...) As regras pós-lexicais, por sua vez, aplicam-se da mesma forma a palavras derivadas e não-derivadas, *podem ser opcionais (ou variáveis)*, aplicar-se através de junturas de palavras, ser condicionadas por domínios prosódicos superiores, e assim por diante. (...) ⁸ (grifo nosso)

Relacionamos a grande quantidade de choques 3 3 e 3 4 mantidos nos dados, em comparação aos choques 3 3 e 3 4 desfeitos, à natureza do material que serviu de *corpus* para a análise. A leitura de textos bíblicos em uma missa transmitida pela televisão não é o que se pode chamar de situação informal de fala... Os falantes encontram-se sob uma pressão de ordem situacional, que os leva a uma leitura mais cuidadosa, com cadência mais lenta, que acaba por favorecer o “respeito” à localização das proeminências atribuídas pelo algoritmo de acento primário. Numa situação informal de fala, por outro lado, espera-se que a velocidade mais rápida favoreça uma realização em que a alternância

⁸ Abaurre & Wetzels (1992:15).

forte-fraco seja maximizada, levando a um proporcional aumento do número de reajustes de *clashes*.

Essas observações sobre a influência de fatores situacionais na resolução de choques de acento no *corpus* são válidas para os choques 3 4 e para o reajuste dos choques 3 3 através do apagamento do primeiro 3, em que houve variação entra a escolha por mantê-los ou desfazê-los. O reajuste dos choques 4 3 e 3 3 pelo apagamento do segundo 3 foi uniformemente **bloqueado** no *corpus*, independentemente das condições situacionais de realização das leituras.

Ora, sem perder de vista que a regra que desfaz os choques é uma regra pós-lexical, variável, é estranho que uma opção prevista pelo aparato teórico – o apagamento do segundo acento da colisão em configurações 3 3 e 4 3 – não seja implementada em nenhum caso. Seria até possível imaginar situações em que o enfraquecimento do acento mais à direita em contextos 4 3 e 3 3 possa ocorrer no PB, mas teriam que ser situações marcadas de ÊNFASE, FOCO ESTREITO OU CONTRASTE. Nos casos de choque 4 3 e 3 3 não marcados, como os encontrados no *corpus*, a desacentuação do 3 da direita não é realizada. É interessante notar que no texto de 1989, N&V dizem que suas conclusões foram tiradas a partir da transcrição de um conjunto de dados do italiano, só que ao falarem sobre as maneiras de resolver os *clashes* 3 3 e 4 3 elas levantam as possibilidades de resolução sem especificar se uma delas (ou qual delas) teria um estatuto mais ou menos marcado que a outra. É bem verdade que fazem observações sobre a preferência pela manutenção do acento mais a direita dos choques 3 3⁹ mas não chegam a formalizar essa intuição.

A dúvida que tivemos a respeito da configuração do choque refere-se ao caso de (6), em que os dois acentos do *clash* são DTEs de frases fonológicas que poderiam ser reestruturadas, mas que não oferecem pista quanto à

⁹ Ver capítulo 6.

ocorrência da reestruturação. Como o choque não foi desfeito, não há como avaliar se esses acentos são DTE de ϕ s separadas (e não podem sofrer reajuste por apagamento) ou se simplesmente a regra variável de desacentuação não entrou em ação, caso os acentos envolvidos se encontrem em contexto licenciado para o reajuste.

O apagamento de um acento de nível mais alto que o nível do *clash* mínimo foi realizado no *corpus* em situação de ênfase. Em (18) temos uma seqüência de quatro acentos em choque, três deles com *status* de DTE de frase fonológica :

(18) O LADRÃO VEM SÓ PARA ROUBAR, MATAR E DESTRUIR

[|(o) (ladrao) |] [|(vem) |] [|(só) |] [|(para) | |(roubar) |]

* * * / * * /
 { u la drãõ veĩ so } { pare xoubar }

O que está nos interessando particularmente em (18) é o apagamento do acento de ‘vem’, um DTE de ϕ , que não deveria estar sendo afetado por essa regra. A peculiaridade deste reajuste, que o torna diferente do que ocorreu a outras configurações de choques com acentos de nível 4, é o fato da palavra que segue ‘vem’ – ‘só’ – ter sido enunciada enfaticamente, tendo recebido, inclusive, uma marcação de acento principal de frase intonacional. Entendemos que a ênfase embutida no acento de ‘só’ reorganiza a grade métrica, porque as marcas acentuais indicadas na grade têm graus de proeminência relativa, que só fazem sentido se comparadas umas às outras. Quando se imprime uma marcação extraordinária de intensidade em uma determinada proeminência, isso tem o efeito de obscurecer a força relativa de outras proeminências que lhe sejam adjacentes, como ocorreu em (18). O apagamento do acento de ‘vem’ tem ainda

como efeito colateral a interrupção do choque com o acento de 'ladrão', restaurando a alternância entre sílabas acentuadas e não acentuadas dentro da frase intonacional da qual fazem parte.

A realização de pausa entre os acentos em choque só ocorreu três vezes, e assim mesmo em conjunto com a inserção de contorno intonacional, algo predizível, já que as fronteiras de I correspondem a posições em que se podem inserir pausas nos enunciados.

5.2 Haraguchi e Selkirk:

Haraguchi procura elaborar cuidadosamente as condições que controlam a atuação de dois tipos de reajuste na grade para desfazer *stress clashes*, o movimento e o apagamento de acento.

No que diz respeito ao movimento, uma informação necessária para que se possa prever como ele vai atuar é o tipo de constituinte métrico construído na linha em que o *clash* é definido numa dada língua. Esta informação determina não só o acento a ser movido em caso de reajuste do choque mas também a direção em que se vai efetuar o movimento: se os constituintes tiverem cabeça à direita, o movimento será para a esquerda; se os constituintes tiverem cabeça à esquerda, o movimento deve ser para a direita¹⁰.

Já vimos que em PB a linha da grade relevante para a definição do choque de acento é a linha do acento primário. Este é atribuído ao primeiro nóduo rotulado 'forte' contado a partir da borda direita da palavra¹¹. Assim, na linha do acento primário, o constituinte métrico tem cabeça à direita (o que equivale a dizer que a regra final tem dominância à direita).

¹⁰ Ver capítulo 4 para uma exposição das propriedades do movimento de acento.

¹¹ Para a atribuição de acento primário em PB, ver capítulo 3.

A partir daí, assumindo que os choques sejam desfeitos por movimento de acento em PB, em caso de reajuste, a direção do movimento deve ser para a esquerda. O acento a ser movido deve também ser o mais à esquerda num contexto de choque: não há como mover o segundo acento no choque para a esquerda, sem se passar por cima do primeiro acento do *clash*.

De fato, nos reajustes de *clash* em PB que podem ser interpretados como resultado de movimento de acento, a direção do movimento é sempre para a esquerda e o acento a sofrer o reajuste é também sempre o localizado mais à esquerda (ver exemplos 3, 5, 13 e 15). Todas as ocorrências de choque desfeitas no *corpus* se conformam a esse padrão. Mas se coloca um problema com essa análise dos reajustes se consideramos que ela leva a um desrespeito ao que é previsto pela teoria no que toca à hierarquia universal de choques de acento. O movimento só seria ativado para reajustar preferencialmente os choques de grau 2 nessa hierarquia (choques em uma sílaba pode intervir entre os acentos de um “choque”)¹².

Em PB os choques de acento são de grau 1: para que duas sílabas acentuadas estejam em *clash* é necessário que não haja nenhuma outra sílaba intervindo entre elas, elas precisam estar adjacentes. Sendo assim, se quisermos que nossas previsões estejam de acordo com os princípios da teoria de Haraguchi, o movimento não seria uma estratégia disponível para desfazer choques de acento em PB. Além disso, seria preciso definir em maior detalhe a interação entre movimento de acento, implementação de ritmo e atribuição de acento secundário. Uma vez que o movimento de acento é de cabeça a cabeça, para implementá-lo, é necessário que se tenham cabeças projetadas na linha 2 da grade, que sirvam de lugar de pouso para o acento a ser movido pelo reajuste.

¹² Ver hierarquia, na seção 4.1.3. O inglês e o português europeu seriam línguas em que podem ocorrer choques de acento de grau 2.

A outra operação para desfazer *clashes* proposta por Haraguchi é o apagamento de acento, a operação licenciada para os *clashes* de grau I, como os do PB. O apagamento age em conformidade com hierarquias de força, que determinam qual acento é candidato a ser afetado pela regra para desfazer o choque. Reproduzimos as hierarquias de força abaixo, para conveniência do leitor:

Hierarquia de força I:

acento num pé íntegro é mais forte que num pé degenerado;

Hierarquia de força II:

acento primário é mais forte que acento secundário; acento frasal é mais forte que acento primário, etc;

Hierarquia de força III:

o acento da esquerda é mais forte que o da direita.

Fica difícil dizer algo sobre a hierarquia de força I se o PB for uma língua sensível à quantidade silábica na atribuição de acento primário. O PB é uma língua que respeita a janela de três sílabas na atribuição de acento primário (este recai sobre a última, a penúltima ou a antepenúltima sílaba, contada da borda direita da palavra). Numa situação de choque, a primeira palavra envolvida será obrigatoriamente um monossílabo acentuado ou uma oxítônica. Se o peso silábico atrair o acento primário, a sílaba acentuada dessas palavras terá sempre o estatuto de troqueu moraico. Exemplo:

(* .) (* .) (atos dos apóstolos)
 chamar para si
 — ∪ ∪¹³

¹³ — = sílaba pesada; ∪ = sílaba leve.

Os acentos de ‘chamar’ e ‘para’ estão em choque. A sílaba final de ‘chamar’ é uma sílaba pesada e se constitui num troqueu moraico. A palavra ‘para’, formada de duas sílabas leves, também forma um pé trocaico moraico. A hierarquia I, pois, não consegue determinar qual acento é o melhor candidato a sofrer o apagamento, já que nenhum deles é correspondente a um pé degenerado. Além disso, mesmo que o peso das sílabas não conte para a constituição dos pés que serão projetados como acento primário, a hierarquia I não deve ser capaz de chegar à previsão correta da proeminência a ser afetada pelo reajuste, uma vez que a informação mais importante para determinar esta operação em PB parece ser não o tipo de pé construído na linha dois da grade (se pé binário ou degenerado) mas a altura da coluna de asteriscos existente sobre os acentos em colisão. Isso nos leva diretamente ao exame da adequação da hierarquia de força II.

A hierarquia II é capaz de corretamente prever nos dados o apagamento de acento nos choques de configuração 3 4¹⁴: o acento a sofrer a ação da regra de reajuste deve ser o da primeira palavra, já que o da segunda é mais proeminente na grade.

Nos choques 3 3, a hierarquia de força II só está de acordo com os reajustes do *corpus* se as diferenças de encaixamento na configuração sintática da sequência forem suficientes para induzir uma marcação num nível superior sobre o acento 3 mais à direita no choque¹⁵, tornando-o mais alto na grade. Assim, o acento candidato a sofrer apagamento passa a ser somente o mais à esquerda, que se tornaria menos proeminente. Sem este *proviso*, a hierarquia II é

¹⁴ Mantemos a convenção utilizada em N&V: o número 3 equivale a acento primário, o 4, a acento de frase fonológica.

¹⁵ Lembramos que para Haraguchi não se coloca a questão de como é feito o mapeamento das proeminências na grade, se pela projeção dos DTEs dos constituintes sintáticos ou dos constituintes prosódicos.

insuficiente para prever o reajuste de choques 3 3: se os acentos tiverem graus de proeminência comparáveis, qualquer um deles se qualificaria a sofrer o apagamento, contrariando o fato de que nos dados, nesse contexto, somente o acento mais à esquerda pode ser apagado.

Para os choques 4 3, a hierarquia II faz a previsão de que o acento de nível 3 seja apagado, o que, como vimos, é uma possibilidade inexistente no *corpus*.

Quanto à hierarquia de força III, podemos de imediato excluir a possibilidade de que influa na resolução de choques em PB. Quando ocorrem reajustes de *clashes*, o acento afetado nunca é o mais à direita, o mais fraco do choque segundo essa hierarquia.

Por fim, comentamos as previsões de Selkirk para os choques de acento em inglês. Segundo a autora, as regras de movimento e de apagamento de batida manteriam uma relação de complementaridade. A primeira resolveria os choques em que o segundo acento é mais proeminente na grade; a segunda, aqueles em que é o primeiro acento o mais proeminente. Em choques 3 4, por exemplo, a resolução do *clash* passaria pela movimentação do primeiro acento para uma posição disponível à sua esquerda. Em choques 4 3, o acento de nível 3 seria apagado para desfazer a colisão.

Essas regras agiriam de acordo com o princípio de que num *clash* só o elemento mais fraco (que não tenha * em níveis superiores da grade) pode ser afetado por reajustes. Nesse sentido, a proposta de Selkirk é muito semelhante às previsões da hierarquia de força II de Haraguchi e às observações de N&V (1989) a respeito da influência do nível de *clash* mínimo no reajuste dos choques 3 3, 3 4 e 4 3. Como vimos, essas propostas não se sustentam frente aos dados de PB. Embora a diferença de força relativa entre os acentos seja de fato importantíssima no momento de desfazer os *clashes*, indicando o acento a

ser afetado, ela sozinha não determina o reajuste; este só é levado a efeito se, além de ser mais fraco na grade, tal acento ocupar uma posição específica dentro do *clash*: a posição mais à esquerda no contexto do choque.

O que todas estas análises acabam por deixar claro é que abordagens que levem em conta **SOMENTE** as relações de proeminência relativa na grade, para explicar e prever os casos de resolução de choques de acento, **NÃO SÃO** suficientes para dar conta de dados como os do PB. Conquanto os choques de acento e sua resolução sejam fenômenos de ordem rítmica, que se manifestam e são identificados na grade métrica, parece ser essencial que as regras que atuam para desfazê-los incluam uma maneira de marcar os contextos em que os reajustes são licenciados levando em conta outras relações que possam ter lugar entre os acentos de um choque, além das diferenças de força relativa na grade.

Ao discutirmos as abordagens para o *clash* apresentadas no capítulo anterior frente aos dados do *corpus*, deixamos propositalmente de incluir N&V (1986), a análise que lança mão dos constituintes prosódicos para definir o **domínio** de resolução dos *clashes*. Passamos então, agora, ao exame desta abordagem, buscando verificar se pode fornecer as informações necessárias para caracterizar a resolução de choques de acento em PB.

6. UM RETORNO AOS DOMÍNIOS PROSÓDICOS

6.1 Em busca da justificativa para integrar as fronteiras de domínios à análise dos *clashes*:

No capítulo anterior procuramos mostrar que a resolução de choques de acento em PB não é condicionada apenas pelas relações de proeminência relativa representadas na grade métrica: em PB, nos casos não marcados, o acento menos proeminente de um *clash* só é afetado por regras como o apagamento ou o movimento de acento se for também o acento mais à esquerda no contexto do choque. Nem mesmo a construção da grade com base nos DTEs dos domínios prosódicos é suficiente para prever inequivocamente quando os reajustes são possíveis. Além desse mapeamento constituintes prosódicos-grade, o que nos parece essencial para a resolução dos choques é a definição do **domínio** de aplicação das regras de reajuste, de modo que a ação do apagamento/ movimento de acento somente seja licenciada quando o *clash* estiver interno a um determinado domínio prosódico.

A integração dos domínios prosódicos à descrição dos choques de acento passa necessariamente pela identificação das **fronteiras** de constituinte envolvidas entre os acentos em *clash*. Na medida em que estamos analisando choques entre acentos primários, essas fronteiras precisam, obviamente, ser de domínios pós-lexicais, maiores que o domínio palavra fonológica.

É em relação a essas fronteiras que uma constante tensão se manifesta quando se trata de reajustar uma sequência de acentos adjacentes. De um lado,

atua uma pressão de ordem rítmica, no sentido de interromper na grade a colisão acentual e implementar um padrão alternante de sílabas fortes e fracas. Ao mesmo tempo, a pressão rítmica se confronta com um outro tipo de pressão, de ordem lingüística: as proeminências representadas na grade correspondem aos DTEs dos domínios prosódicos. Os domínios prosódicos acima do nível da palavra são construídos com base em informações sintáticas e semânticas. Os DTEs mapeados na grade, pois, podem dizer algo, indiretamente, sobre a organização de uma dada sequência em módulos lingüísticos que não estão em contato direto com o componente rítmico. A pressão lingüística atua para que as proeminências que fazem a ligação da estrutura rítmica com a estrutura prosódica e da estrutura prosódica com outras estruturas da gramática se mantenham em seu lugar de origem, tornando possível preservar informações que de outro modo se perderiam se fosse modificada a configuração da grade métrica. No momento em que a interferência da hierarquia dos domínios é invocada para dar conta de fenômenos de ritmo, toda a informação veiculada pela árvore prosódica é integrada à discussão sobre os *clashes*.

A tensão entre fatores lingüísticos e rítmicos parece aumentar à medida em que se avança na direção de níveis mais altos na grade, que correspondem a constituintes mais altos na árvore prosódica. Quanto mais alto o domínio, maior é a resistência ao reajuste, ou, dito de outro modo, quanto mais alto o domínio maior o peso da pressão lingüística em relação à pressão rítmica na hora de se efetuarem reajustes que envolvam uma alteração do desenho da grade. A diferença hierárquica entre os domínios teria influência também na escolha do mecanismo de resolução de *clash* a ser selecionado (métrico, tonal, pausa).

Nos propomos, neste capítulo, a examinar separadamente a influência que as fronteiras de três constituintes prosódicos – a frase intonacional, a frase fonológica e o grupo clítico – exercem no momento de se decidir pelo reajuste

dos *clashes* através do apagamento de acento em PB. Procederemos por um exame *top-down* dos domínios, na medida em que a resistência ao reajuste é maior em relação a fronteiras mais altas na hierarquia.

6.2 A influência das fronteiras dos domínios prosódicos na resolução dos choques de acento:

6.2.1 A fronteira de frase intonacional (I):

Investigar a influência das fronteiras de I na atuação das regras de apagamento/movimento de acento para desfazer *clashes* significa investir na intersecção entre fenômenos de intonação e fenômenos do ritmo.

Conforme exposto no capítulo 2, o domínio frase intonacional corresponde ao domínio de um contorno de intonação e seus limites coincidem com as posições em que se podem inserir pausas (controladas gramaticalmente) nos enunciados.

Nos dados da missa, o *parsing* em domínios I seguiu a realização de contornos intonacionais. Cada vez que uma curva tonal foi associada a determinada sílaba, uma fronteira de I foi introduzida à direita dessa sílaba. Na maioria das vezes, pausas foram introduzidas em conjunto com a curva de intonação. Optamos por dar maior peso às frases intonacionais delimitadas foneticamente do que a um *parsing* que seguisse o algoritmo de construção de I proposto por N&V (1986), devido à própria natureza do domínio, que admite uma liberdade relativamente ampla de reestruturações fonéticas a partir das frases intonacionais construídas pela regra prosódica.

O tipo de choque de acento que estamos relacionando com a presença de uma fronteira de I corresponde à adjacência de um DTE de I ao DTE de um domínio prosódico mais baixo (frase fonológica ou palavra fonológica). Lembramos que a proeminência relativa dentro de I é estabelecida com base nas relações de foco entre as frases fonológicas que compõem um determinado domínio I. Nos casos não marcados, o nódulo mais proeminente de uma frase intonacional é aquele localizado na extremidade direita do domínio, posição em que a ocorrência de um evento tonal correlaciona-se a uma interpretação de foco não marcado para a sentença. Uma fronteira de I, assim, vai estar geralmente localizada junto ao DTE das frases intonacionais.

Nenhum dos choques de acento presentes no *corpus* que envolviam como primeiro elemento um acento de I, um acento de nível 5 na grade métrica, foi desfeito pela atuação do apagamento de acento. Esta já era uma situação prevista, pois o acento de frase intonacional é um acento alto na grade. A operação que deveria desfazer estes choques seria a inserção de batida. De fato, esta parece ter sido a solução ativada para resolver esses *clashes*. Das quatro ocorrências de choque em fronteira de I, em três uma pausa foi inserida no meio do *clash*. A inserção de pausa para interromper o *clash* sempre coincidiu com a realização de curva melódica, em conformidade com o critério fonético de delimitação do domínio I:

(1) MAS SOBE POR OUTRO LUGAR É LADRÃO E ASSALTANTE (evangelho)

[| (mas) (sobe)] [| (por) (outro) | (lugar)] [| (é) | (ladrao)] [| (e) (assaltante)]

* * . . * . . * ↗ / * . * ↗ * . * ↘ /
 { ma's sobi po routro lugah } { ε ladrõ } { iasautãtɨ }

Entre os acentos em choque de ‘lugar’ e ‘é’ é introduzida uma fronteira de frase intonacional, audível através do contorno melódico associado à sílaba final de ‘lugar’. Uma pausa foi introduzida entre os acentos do choque.

Um outro exemplo é dado abaixo:

(2) TODOS AQUELES QUE VIERAM ANTES DE MIM SÃO LADRÕES E ASSALTANTES (evangelho)

[| (todos) | | (aqueles) |] [| (que) (vieram) |] [| (antes) | | (de) (mim) |]

[| (são) | | (ladrões) |] [| (e) (assaltantes) |]

* . . * . * . . * . . * ↗ / * . . * ↗
 {todu zakel's kɪ vier̃u ãt'z dʒ' mi } { s̃u ladr̃oi }
 * . . * ↘ /
 { zias̃eʊt̃t̃ʃis }

Também em (2) uma pausa foi realizada entre as fronteiras de duas frases intonacionais. A adjacência dos acentos de ‘mim’ e ‘são’ é interrompida.

Parece claro que a associação das pausas com a curva tonal está atuando como correlato fonético da inserção de batida: quando presentes, servem para desfazer os *clashes*. A realização de pausa mais contorno intonacional tem o efeito de “partir” ao meio uma sequência de acentos fortes. É como se as pausas estabelecessem os limites de “domínios” de ritmo: o ritmo da cadeia falada é implementado como uma alternância de sílabas fortes e fracas; quando um contorno intonacional é introduzido, geralmente em conjunto com uma pausa, a mudança tonal acarreta a colocação de uma fronteira de I e a promoção do acento mais à direita na sequência a DTE deste domínio I. A partir desse acento, a cadeia rítmica precisa se reorganizar, marcando as diferenças de proeminência relativa operantes na sequência de sílabas fortes e fracas, até o ponto em que

haja uma nova mudança melódica, seguida ou não de pausa. As grades métricas seriam construídas de modo a não incluir mais que um domínio I de cada vez¹.

Nem sempre as fronteiras de I aparecem combinadas com uma pausa. Observe-se:

(3) DEPOIS DE FAZER SAIR TODAS AS QUE SÃO SUAS (evangelho)

[| (depois)| | (de) (fazer) |] [| (sair) |] [| (todas)| | (as) (que) (são)| | (suas) |]

* . . . * . * / * . . . * * /
 { d3'pois d3i fazeh sai } { tode ze'k sõ sues }

Entre os acentos em choque de 'sair' e 'todas' não é introduzida uma pausa; há, sim, uma fronteira de frase intonacional, induzida pela realização de uma curva melódica sobre a sílaba final de 'sair'. O que dizer a respeito do *clash*?

A idéia de que as frases intonacionais constituem domínios de implementação de ritmo continua válida para os casos em que não há realização de pausa após o contorno intonacional que delimita o domínio I. São as mudanças na melodia da fala, que ocasionam a inserção de fronteiras de domínio I e a conseqüente subida de um nível na grade, que interrompem os choques de acento. Não estamos afirmando que contornos intonacionais sejam introduzidos como estratégia exclusiva de dissolução de *stress clashes*. O que nos parece mais apropriado dizer é que a partir do momento em que ocorre uma fronteira de I entre os acentos de um choque, ela serve para desfazer a sensação de colisão acentual, estando ou não combinada com a realização de uma pausa.

¹ Selkirk (1984: 286-287) observa que "It is quite probable that the IP is the highest phrasal constituent to which rules like the NSR [nuclear stress rule] apply, or, in other words, that the domain of grid construction does not include more than one IP."

O próprio domínio I tem um recurso inerente para lidar com os choques de acento nas suas fronteiras.

Esses resultados e conclusões aproximam o PB do português europeu (PE) quanto à resolução de choques que envolvam DTEs de I. Frota (1995), investigando a resolução de *clashes* no PE, procura correlações entre as estratégias de resolução dos choques e as diferenças de fronteiras prosódicas que intervêm nos *clashes*. Segundo ela, os choques em fronteira de I não são desfeitos por regras de modificação da grade métrica. Também não há evidências de que fronteiras de I sejam introduzidas em PE com o intuito exclusivo de desfazer *clashes*: “If the [I-] boundary is there, it resolves the clash. However, there is no evidence that a ϕ -boundary tends to become an I-boundary for stress clash resolution purposes.”²

Por último, comentamos Selkirk (1995), que menciona rapidamente a influência da frase intonacional na resolução de choques de acento. Ela mostra que o domínio I é relevante para o fenômeno da inversão acentual (*rhythm rule*) em inglês, de tal maneira que num exemplo como (4), a alteração do *locus* do acento principal de ‘hotel’ é possível se a sentença toda corresponder a uma mesma frase intonacional; se o sujeito se constituir numa frase intonacional por si só, a mudança não acontece:

- (4)
- | | | |
|-----------------|--------------|--|
| { The hoTEL's } | { TERRible } | [But the beach is great.] |
| { the HOtel's } | TERRible } | [It's not even on the beach.] ³ |

A retração de um acento que porte a marca de uma fronteira de frase intonacional (o DTE de I) não é permitida em inglês, do mesmo modo que em PB e em PE.

² Frota (1995:104).

³ Selkirk (1995: 567). Conservamos a notação da autora. As letras maiúsculas correspondem às sílabas acentuadas.

A resistência a que se altere o lugar de um DTE de domínio I através de regras rítmicas que atuam para resolver choques de acento precisa ser compreendida levando-se em conta a natureza da informação lingüística que esse acento carrega. O DTE de I corresponde ao lugar de marcação de foco em uma determinada sentença. Diferentes marcações prosódicas de foco resultam em diferentes significados. Ao se apagar (ou mover) um acento de I, as diferenças de significado codificadas pela marcação de foco nas sentenças são modificadas ou perdidas. Seria esta a pressão lingüística para que reajustes na grade métrica como o apagamento ou movimento de acento não afetem um acento que seja DTE de I.

6.2.2 *A fronteira de frase fonológica (ϕ):*

Em PB, a interferência de uma fronteira de ϕ entre os acentos de um choque equivale ao que temos chamado de choque com configuração 4 3: a definição da proeminência relativa dentro de ϕ prediz que “em línguas cujas árvores sintáticas ramificam-se à direita, o nóculo de ϕ mais à direita é rotulado como forte; em línguas cujas árvores sintáticas ramificam-se à esquerda, o nóculo de ϕ mais à esquerda é rotulado como forte”⁴. O encaixamento sintático em português se dá para a direita; logo, o DTE de ϕ deve corresponder ao nóculo ‘forte’ mais à direita dentro de um domínio ϕ em PB. A promoção de um dado acento a DTE de ϕ , pois, indica a existência de uma fronteira de frase fonológica à direita desse acento. Um choque 4 3 corresponde a um contexto $\underline{4}]_{\phi} \underline{3}$.

⁴ Ver seção 2.4.4.

Todos os casos de choque de acento analisados no *corpus* que envolviam uma fronteira de frase fonológica resistiram ao reajuste por apagamento (ou movimento) de qualquer um dos acentos envolvidos nos *clashes*, conforme mostramos no capítulo anterior. Vimos que isso sugere que a simples referência às relações de proeminência relativa expressas na grade métrica não é suficiente para explicar os reajustes de choques de acento em PB. Ela dá conta do fato de que, para desfazer um *clash* 4 3, o acento de nível 4 não deve ser afetado pelo apagamento, por ser mais alto na grade, mas não consegue prever que o segundo acento (que é menos proeminente) nunca é enfraquecido para desfazer um *clash* que tenha tal configuração rítmica.

Para explicar por que os choques 4 3 não são desfeitos pela desacentuação do acento de nível 3, gostaríamos de propor, retomando N&V (1986), que reajustes de *clashes* por apagamento de acento na grade métrica precisam ser **internos a um mesmo domínio ϕ** . Desse modo, para desencadear a atuação do apagamento de acento, o contexto de *clash* não pode ultrapassar uma fronteira de ϕ sem extrapolar o domínio da regra. No momento de efetuar o reajuste de um choque, o apagamento só “enxergaria” os *clashes* que são internos às fronteiras de uma mesma ϕ . Os choques 4 3 não se qualificam, assim, como contexto para a aplicação da regra de apagamento de acento:

(5) SOBRE A CRUZ CARREGOU NOSSOS PECADOS (epístola)

[|(sobre)| |(a) (cruz)|] [|(carregou)|] [|(nossos)| |(pecados)|]

* . * ↗ / * . * * . * ↗ /
 {sobre krus} {kahego^u nosus pekados}

Em (5), entre os acentos em choque de ‘carregou’ e ‘nossos’, há uma fronteira de frase fonológica, que atua como limite que não pode ser

ultrapassado pelo reajuste através da desacentuação. Em PB, o apagamento ou o efeito de retração acentual (apagamento + adição de batida) para desfazer *clashes*, nos casos não marcados, só se manifestam para a **esquerda**, internamente ao espaço delimitado pelas fronteiras de ϕ . Compare-se (5) a (6), exemplo em que o choque foi desfeito, repetido aqui para conveniência do leitor:

(6) MAS NÃO SEGUEM UM ESTRANHO (evangelho)

[|(mas) (não)| |(seguem)|] [|(um) (estranho)|]

* . * . * . * ↗ /
 { mas nãu segêⁿ ã jĩstrẽ^õ }

Os acentos do *clash* em (5), pois, pela nossa proposta, por fazerem parte de frases fonológicas diferentes, encontram-se fora do domínio das regras de reajuste na grade; não sofrem a ação do apagamento de acento e, conseqüentemente, da adição de batida. A interferência da fronteira de ϕ em choques 4 3 desfaz o contexto para a ação de reajustes rítmicos por meio dessas regras, porque indiretamente restringe a direcionalidade da atuação do reajuste. Eleger o domínio ϕ como domínio das regras acima impede que o apagamento possa afetar o acento mais à direita de um choque 4 3.

O bloqueio categórico a reajustes por apagamento/movimento na grade de choques que envolvem uma fronteira de frase fonológica correlaciona-se ao tipo de informação lingüística codificada no DTE desse domínio.

Já se constatou em Abaurre, Galves & Scarpa (1997) e em Abaurre (1996) que processos segmentais pós-lexicais como a degeminação e a elisão de vogais são altamente restringidos em PB quando um dos segmentos candidatos a sofrê-los porta um acento de ϕ . Assim, nos exemplos em (9), em que a segunda vogal candidata a sofrer o sândi porta um acento que é interpretado como DTE

de ϕ , o sândi é categoricamente bloqueado. (9) se opõe aos exemplos em (10), nos quais nenhuma das vogais em contexto para a elisão ou a degeminação se constitui como portadora de um DTE de ϕ e o sândi é permitido. Nos exemplos, nos casos potenciais de sândi a que estamos nos referindo, as vogais que podem ser elididas ou degeminadas encontram-se grifadas:

(9) [Ele compra <u>u</u> vas.] ϕ	→	*Ele compr[u]vas.
[Eu como <u>o</u> vos.] ϕ	→	*Eu co[ɔ]vos.
[Ele planta <u>á</u> rvores.] ϕ	→	*Ele plant[a]rvores.
[Ele bebi <u>i</u> ssso.] ϕ	→	*Ele beb[i]sso.
(10) [Ele compra] ϕ [<u>u</u> vas caras.] ϕ	→	Ele compr[u]vas caras.
[Eu como] ϕ [<u>o</u> vos frescos.] ϕ	→	Eu com[ɔ]vos frescos.
[Ele planta] ϕ [<u>á</u> rvores altas.] ϕ	→	Ele plant[a]rvores altas.
[Ele bebi] ϕ [<u>i</u> ssso sempre.] ϕ	→	Ele beb[i]sso sempre.

As autoras explicam o bloqueio à implementação desses processos de modificação silábica pela definição de proeminência relativa dentro da frase fonológica, apresentada no início desta seção. O acento principal de ϕ codifica informação referente à direção de recursividade sintática nas línguas; por hipótese, a estrutura da sílaba que carrega essa informação sintática deve ser preservada, dada a importância do DTE de ϕ para a fixação paramétrica no processo de aquisição da linguagem: a ressilabação, consequência do sândi, torna o contexto do acento de ϕ mais opaco foneticamente em relação à identificação das fronteiras que delimitam os constituintes internos a um dado domínio sintático na língua.

A importância da preservação do DTE de ϕ pode ser estendida como explicação para a não resolução de *clashes* nas junturas de ϕ (os choques 4 3). Na medida em que as operações de reajuste na grade só atuam para a esquerda

em PB, a pressão lingüística para preservar a informação sintática contida no acento principal de ϕ (o acento mais à esquerda nesta configuração de choque) impede que a regra de apagamento/movimento de acento altere o *locus* dessa proeminência. A aplicação de regras de reajuste rítmico que desfazem *clashes* por modificação na grade fica, então, condicionada a atuar apenas no contexto interno ao domínio ϕ , afetando o primeiro acento de choques que correspondam a configurações 3 4 e 3 3.

Em português europeu (PE), segundo Frota (1995), também não se atesta reajuste de choque de acento em configurações que envolvem fronteira de frase fonológica. Através de medições instrumentais, a autora verificou que sempre que uma fronteira de ϕ intervém entre os acentos de um choque em PE nenhuma estratégia de resolução de *clash* é acionada; não se constata alongamento de segmento, inserção de pausa, ou apagamento de nenhum dos acentos envolvidos nos choques. Relacionando este dado com trabalhos anteriores, que apontam a inexistência de regras fonológicas segmentais que façam referência à frase fonológica em PE (ver Frota 1996), Frota conclui que o domínio ϕ seria “invisível” no português europeu – seria um domínio não ativado por regras fonológicas na língua.

Gostaríamos de questionar a conclusão de Frota de que ϕ seria um domínio “invisível” em PE. No que toca aos choques de acento, o fato de não ser desencadeada nenhuma operação fonética com o objetivo de desfazer o *clash* nas fronteiras de ϕ , em oposição às fronteiras de outros domínios, pode ser tomado não como indicação da invisibilidade, mas sim da “visibilidade” da frase fonológica na língua. É esta a hipótese que fazemos quanto ao PB. Apesar de não termos efetuado medições instrumentais para verificar se os *clashes* em fronteira de ϕ estão sendo desfeitos pelo alongamento de segmentos, estamos assumindo que a visibilidade do domínio ϕ em PB se manifesta no bloqueio

categorico a reajustes por apagamento/movimento de acento de choques que envolvem uma fronteira de frase fonológica. Este fato opõe os *clashes* em fronteira de domínio ϕ a choques que envolvem fronteiras de domínios mais baixos na hierarquia prosódica, os quais podem ser opcionalmente desfeitos.

Uma última possibilidade de resolução para os choques em fronteira de frase fonológica em PB fica ainda por ser aventada: a polarização tonal dos acentos dos choques. Nespor & Vogel (1989) descrevem essa operação no grego, para desfazer *clashes* que envolvam acentos acima do nível de *clash* mínimo. Na polarização tonal, as sílabas em choque acentual são enunciadas com diferenças marcantes no *pitch accent*, com o intuito de interromper a sensação de colisão entre os acentos.

Não podemos afirmar que em PB esta seja uma estratégia disponível para resolver choques de acento. As diferenças entre os tons das sílabas dos *clashes*, apesar de existirem, não são tão drásticas como descrito na literatura, a ponto de podermos afirmar que de fato sirvam para desfazer choques de acento ou que sejam introduzidas exclusivamente com este objetivo. Exemplos:

(7) TODOS AQUELES QUE O SENHOR NOSSO DEUS

[| (todos) | | (aqueles) |] [| (que) (o) (senhor) |] [| (nosso) | | (Deus) |]

H . . H . L . L M . M ↗
 {todu zakelis kiu se^hnoh nɔsu deus }

(8) CHAMAR PARA SI (atos dos apóstolos)

[| (chamar) |] [| (para) | | (si) |]

. H M . L ↘ /
 {ʃamah pa^{rɐ} si }

As diferenças tonais observadas entre os acentos dos choques parecem ser um reflexo do fenômeno mais geral de marcação melódica de final de enunciado, que não é exclusivo de seqüências que contêm *clashes*. A subida melódica em (7) culmina na realização de uma curva tonal ascendente e conseqüente introdução de uma fronteira de I. A sentença (8) é a continuação de (7) no texto e se inicia com uma marcação tonal alta, que desce progressivamente até chegar ao fim do enunciado. Essas tendências encontradas em nosso *corpus* ficam para serem exploradas em trabalhos futuros, a partir de *corpora* maiores, para que se chegue a uma descrição abrangente da implementação de marcas intonacionais no âmbito textual em PB.

6.2.3 A fronteira de grupo clítico (C):

A caracterização das regras de reajuste de choques de acento em PB como regras que se aplicam internamente ao domínio frase fonológica faz da fronteira de grupo clítico, o constituinte dominado por ϕ na hierarquia prosódica, a fronteira que licencia a resolução de *clashes* em nossa língua. O apagamento de acento para resolver choques seria uma regra que pode ser desencadeada nas junturas de grupo clítico, afetando acentos do nível do *clash* mínimo (nível 3 da grade), desde que internos a uma mesma frase fonológica.

Apontar o grupo clítico como o constituinte cujas fronteiras permitem a ocorrência de reajustes de *clashes* não está, todavia, livre de algum questionamento.

No mapeamento da hierarquia prosódica para a grade métrica, em várias línguas, de acordo com N&V (1989), não seria criada uma linha na grade que corresponda ao domínio C. Este é o caso do português – o elemento rotulado ‘forte’ dentro de C é sempre igual ao DTE da palavra fonológica que serve de

hospedeiro para o elemento clítico dentro de um domínio C. Vários autores (Selkirk, p.e.), pois, tratam o que é chamado de C como uma versão pós-lexical da palavra fonológica (ω), descartando a necessidade do grupo clítico como domínio independente na hierarquia prosódica.

Dada esta perspectiva, uma possibilidade para nossa análise seria considerar a fronteira de palavra fonológica (e não a de C) como a fronteira que licencia a resolução de choques de acento em PB. Dizer que os *clashes* podem ser desfeitos se a fronteira que intervier entre os acentos for uma fronteira de ω teria o efeito de unificar a referência aos constituintes prosódicos na formalização dos reajustes rítmicos em PB: tanto na grade métrica, através da definição do nível de *clash* mínimo como o nível 3 (o nível de ω), quanto no componente prosódico, através da definição do domínio das regras de reajuste, a palavra fonológica seria o nível/constituente crucial no licenciamento de modificações na grade motivadas por colisões acentuais.

Porém, considerar a fronteira de palavra fonológica como a juntura que desencadeia a resolução de *clashes* em PB dentro do domínio ϕ , “saltando” uma referência ao domínio grupo clítico, cria um problema com a *Strict Layer Hypothesis*⁵, princípio vital na teoria de domínios prosódicos que estamos assumindo. Além disso, ao tomarmos a fronteira de C como a fronteira relevante na dissolução de choques em português brasileiro, pretendemos marcar uma diferença de comportamento do PB em relação à descrição de N&V (1989) para os reajustes de *clashes* em italiano.

Tal diferença já foi por nós apontada no capítulo 5: segundo as autoras, se a primeira palavra de um choque interno a ϕ for um monossílabo, o resultado inevitável do reajuste é a desacentuação, por não haver uma posição disponível na mesma palavra para a adição de batida. Em PB, por outro lado, a adição de

⁵ Ver seção 2.2.

batida que se segue ao apagamento de acento pode ultrapassar uma fronteira de ω e chegar a uma palavra funcional que forme um domínio C com o monossílabo desacentuado. A diferença entre o italiano e o PB teria a ver com o domínio prosódico em que a adição de batida busca o lugar de pouso para acrescentar um asterisco após a resolução de um *clash* pelo apagamento de acento: ω em italiano, C em PB.

Vamos, assim, preferir manter, aqui, a hierarquia prosódica originalmente proposta por N&V. Mas fica registrado que a pertinência de C como constituinte operante na hierarquia de domínios é uma pergunta que se coloca no tocante à teoria de N&V (1986) quando comparada a outras propostas de construção da hierarquia prosódica e ainda hoje se mantém como uma questão em aberto.

Os choques de acento que envolvem uma fronteira de C têm configuração 3 4 ou 3 3. Diferentemente do que ocorre nas fronteiras de ϕ ou I, na fronteira de C a pressão rítmica leva vantagem sobre a pressão lingüística quando surgem perturbações de ritmo na cadeia falada causadas por *stress clashes*. A pressão lingüística é forte para que o apagamento de acento não afete proeminências que sejam **pós-lexicalmente** interpretadas como portadoras de informação sintática (o DTE de ϕ) e/ou semântica (o DTE de I). Já proeminências que tenham apenas um estatuto de acento atribuído lexicalmente, como o acento primário (DTE dos domínios C e ω em português), não induzem uma tensão comparável. Um DTE de C e ω pode ser deslocado ou apagado para desfazer um *clash*, desde que o contexto prosódico da regra – o *clash* ser interno a um domínio ϕ – seja respeitado.

Nos choques de configuração 3 4 (choque entre DTE de C e ω com DTE de ϕ) fica claro que em caso de reajuste rítmico o acento afetado vai ser o de nível 3, que é menos forte na grade métrica. Além disso, esse tipo de choque

ocorre sempre internamente a uma frase fonológica, o que faz com que o reajuste se dê para a esquerda, conforme (9) abaixo:

(9) POR TER FEITO O BEM (epístola)

[| (por) (ter) | | (feito) |] [| (o) (bem) |]

* . * . * ↗ /
 { poh teh feitu bêrⁿ }

Os choques de configuração 3 3 também encontram-se, obviamente, em contexto para que a resolução do *clash* possa ocorrer – para que ambos os acentos de um choque sejam de nível 3 é necessário que façam parte de uma mesma ϕ . Como estão no nível do *clash* mínimo, a grade métrica licencia o reajuste pelo apagamento de qualquer um dos dois acentos envolvidos, de acordo com N&V (1989).

Mas não é isso que verificamos nos dados. Mostramos no capítulo anterior que quando este tipo de choque é desfeito, o acento afetado é sempre o acento mais a esquerda no choque:

(10) PORQUE NÃO CONHECEM A VOZ DOS ESTRANHOS (evangelho)

[| (porque) | | (não) | | (conhecem) |] [| (a) (voz) |] [| (dos) (estranhos) |]

* . * . * ↗ . * . * ↘ . /
 { puⁿki nãu kopesi } { a voz du ziftrêpus }

O comportamento dos reajustes de choques 3 3 coloca um problema para a teoria de domínios prosódicos. Por ser n-ramificante, a hierarquia prosódica de N&V não marca diferença de proeminência relativa entre Cs que, estando localizados dentro de uma ϕ , não se constituam como DTE deste domínio. Por

isso, conquanto seja capaz de determinar o domínio dentro do qual é licenciada a resolução de choques (domínio ϕ), ela não consegue prever, para os choques 3 3, que o apagamento tenha que se dar para a esquerda.

O que se faz necessário para dar conta da resolução de choques 3 3 em PB é encontrar um meio de marcar o acento mais à direita como mais proeminente na grade, de tal modo a ser capaz de resistir ao apagamento quando confrontado em situação de *clash* com um outro acento de nível 3. Como a hierarquia prosódica não consegue fazer isso, uma explicação para o reajuste dos choques 3 3 precisa, então, ser buscada fora do escopo dos domínios prosódicos.

Cinque (1993) prevê que “stress prominence in a phrase is a mere reflection of depth of [syntactic] embedding.”⁶ Se estendermos esta afirmação para os casos que precisamos explicar, poderíamos dizer que a diferença que se pode associar aos acentos de um choque 3 3 é uma diferença de **encaixamento sintático**. Dentro de uma frase fonológica, o acento mais à direita de um choque seria sempre sintaticamente mais encaixado que o acento da esquerda, porque a direção de recursividade sintática em PB é para a direita.

Este tipo de relação entre encaixamento sintático e diferença de proeminência acentual é indiretamente apontada também por N&V (1989), quando tratam da dissolução de choques 3 3 em italiano. Segundo elas, esse tipo de choque comporta duas possibilidades de resolução⁷, mas há uma tendência em preferir que o acento da direita seja mantido intocado:

(...) the more common resolution of the clash is weakening of the stress of the left, maintaining the stronger stress on the right. While in both cases a stronger stress on the left would not be unacceptable, what seems to underlie the preference to have the stress on the right is a very general tendency in Italian rhythmic

⁶ Cinque (1993: 245).

⁷ Ver capítulo 4, seção 4.2.3.

structure. That is, these two cases of preferring a stronger syllable on the right, when given a choice, conform to the overall 'weak/strong' pattern which is also responsible for the fact that the DTE of the prosodic constituents from the phonological word up through the phonological utterance is the rightmost element of the constituent in question.⁸

Ao tratarem a preferência pela manutenção do acento mais à direita dos *clashes* 3 3 em italiano como uma "general tendency in Italian rhythmic structure", as autoras deixam escapar a generalização de que a localização dos DTEs dos domínios prosódicos pós-lexicais em italiano junto à fronteira direita dos constituintes não é uma propriedade *per se* relacionada à estrutura rítmica; afinal, ela não é mais que um reflexo indireto do fato de que o italiano, como o português, seja uma língua de recursividade sintática à direita⁹. Os DTEs dos constituintes prosódicos acima da palavra fonológica só estão mais à direita dentro de seus respectivos domínios porque marcam a localização de fronteiras, que, não podemos esquecer, foram introduzidas via mapeamento (principalmente) de informação sintática na hierarquia de domínios.

Ao definirmos a frase fonológica como domínio que limita o reajuste de choques de acento via apagamento em PB, conseguimos diretamente dar conta da resolução dos choques de configuração 4 3, bloqueando reajustamentos que não se dêem para a esquerda¹⁰, e dos choques de configuração 3 4, uma vez que a diferença de encaixamento sintático no interior de ϕ é transparente na

⁸ N&V (1989: 86).

⁹ Sobre a relação entre encaixamento e localização de proeminência frasal, Cinque (1993: 245-246) afirma: "(...) the rightmost or leftmost location of the main stress is simply a function of the rightmost or leftmost location of the most deeply embedded phrase (as determined by the direction of branching). (...) the general prediction of this hypothesis is that in right-branching phrases the stress prominence should fall on the main stress of the rightmost constituent (...) while in left-branching phrases the stress prominence should fall on the leftmost (...)".

¹⁰ As previsões de Cinque operam no interior de *phrases*: as marcações de acento nuclear são projetadas em relação a sintagma por sintagma. Por isso, ainda que no contexto da sentença inteira o 3 de um choque 4 3 seja mais encaixado que o 4, por fazerem parte de sintagmas diferentes, o primeiro acento deste tipo de choque é mais alto na grade que o segundo.

diferença de proeminência relativa que é mapeada na grade métrica. Assumir ϕ como domínio do apagamento de acento em PB é uma maneira de relacionar a assimetria “direcional” que parece ser operante entre a retração acentual e o encaixamento sintático na língua.

Nas configurações de choque 3 3, a diferença de encaixamento sintático entre os acentos não aflora na grade construída pela projeção dos DTEs dos domínios prosódicos. As proeminências de nível 3 correspondem somente a informação sobre acentos primários, atribuídos lexicalmente. Fica sendo preciso voltar à sintaxe, APÓS o mapeamento dos domínios e construção da grade, para que seja excluída a possibilidade de que, em PB, num choque 3 3, o acento 3 da direita seja apagado para reajustar um *stress clash*.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao incorporar informações sobre as fronteiras de domínios prosódicos à análise dos choques de acento, para definir o domínio das regras de reajuste rítmico em PB, nos remetemos a um debate já clássico na fonologia métrica, a respeito da necessidade da árvore vs. grade métrica para representar e dar conta de fenômenos de ritmo lingüístico.

Os dados do PB sugerem que é necessário algo mais que as diferenças de proeminência relativa entre os acentos projetados na grade métrica para prever os casos em que o reajuste dos *clashes* entre acentos primários é categoricamente bloqueado e para distinguir aqueles em que o reajuste pode ser opcionalmente implementado. Quando se deixa de considerar os reajustes dos *clashes* como fenômenos condicionados puramente pelo ritmo, passa a fazer sentido se perguntar a respeito da natureza das marcas acentuais projetadas na grade que, no âmbito pós-lexical, sejam reflexo de certas propriedades da organização sintática das sentenças. Foi isso que tentamos fazer relacionando os DTEs projetados na grade com as fronteiras de seus respectivos domínios.

No *corpus* com o qual trabalhamos não foram muitas as ocorrências de *stress clashes*. Todavia, o bloqueio categórico da dissolução de choques se mostrou bastante regular em relação às fronteiras dos domínios mais altos que o grupo clítico e em relação às restrições à direcionalidade em que os reajustes são levados a efeito (direita-esquerda). É necessário verificar o comportamento dos choques de acento nas fronteiras que identificamos como bloqueadoras e licenciadoras de reajustes em *corpora* maiores e de outra natureza que não a leitura de textos em situação formal de fala, para verificar se nossas observações

se mantêm como uma generalização válida. Nossa hipótese é que, por serem condicionados por propriedades que dizem respeito à organização da gramática da língua (natureza da informação lingüística codificada nos DTEs dos domínios, direção de recursividade sintática), os reajustes continuem sendo bloqueados nos contextos por nós identificados, nos casos não marcados por ênfase, contraste, etc., independentemente das condições de realização que tenham a ver com o desempenho dos falantes.

Em relação à interface sintaxe-fonologia, fica a pergunta que os *clashes* de configuração 3 3 suscitam: como dar conta do fato de que o apagamento/retração só se dê para a esquerda, apesar de ambos os acentos estarem no nível prosódico no qual reajustes podem ser potencialmente desencadeados? A hierarquia prosódica não consegue lidar com esta característica do reajustamento dos choques 3 3, porque apesar de delimitar o domínio que torna o reajuste possível, não explicita diferenças de proeminência relativa entre dois acentos de nível 3 internos a uma mesma frase fonológica. Sugerimos, por isso, que a influência determinante seja de ordem sintática.

Recoloca-se, assim, a questão do contato entre sintaxe e fonologia. Seriam mesmo os domínios prosódicos o lugar exclusivo de interface entre os módulos sintático e fonológico da linguagem? Cinque (1993) argumenta que não. Segundo ele, alguns fenômenos fonológicos, como a determinação do acento principal de sintagma, não precisariam da hierarquia de domínios prosódicos e seriam diretamente determinados a partir da estrutura sintática. Uma sobreposição da hierarquia prosódica na descrição e explicação deste fenômeno nada teria a acrescentar de novo, pois ela vai, indiretamente, somente refletir a informação que parece ser mais importante para se dizer qual elemento, em um sintagma, vai ser o portador do seu acento principal – as

diferenças de encaixamento sintático que se manifestam entre os constituintes de uma sentença.

Se o encaixamento sintático for mesmo a propriedade que, no fundo, determina os reajustes de *clashes* em PB, algo que, como dissemos, é indiretamente refletido na hierarquia de constituintes prosódicos, e se a partir daí for confirmada uma diferença nos choques 3 3 que seja responsável pelo padrão dos reajustes, então seria o caso de se repensar os domínios prosódicos como lugar único da interface sintaxe-fonologia.

Também se faz necessário reconsiderar a questão da interface levando em conta as mudanças na organização da gramática que o Programa Minimalista de sintaxe gerativa acarreta. Em Abaurre, Galves & Scarpa (1997) tal questão é explicitamente levantada. Num recorte minimalista, a forma fonológica (FF) se qualifica como nível de representação produzido pela gramática, a ser interpretado pelo sistema de desempenho articulatório-perceptual; o que passaria a ser de relevância para a interface entre a sintaxe e a fonologia, então, é a maneira como a interpretação da (FF) é levada a efeito pelos sistemas de desempenho:

Nossa posição é que a relação entre a fonologia e a sintaxe não pode ser localizada no mapeamento de constituintes sintáticos em constituintes fonológicos, nos moldes de Nespor & Vogel, mas ao contrário, consiste na interpretação, pelo componente fonológico, das fronteiras definidas pelas estruturas sintáticas. (...) A idéia básica desta abordagem é que os chamados domínios prosódicos são o resultado da interpretação das representações da FF definidas pela presença de núcleos lexicais atualizados como palavras arranjadas numa certa configuração estrutural marcada por fronteiras e contendo proeminências definidas pela fonologia lexical depois do *spell out*. O princípio básico de interpretação destas proeminências é o acento nuclear. É esta proeminência que define o limite dos domínios prosódicos no lado recursivo (isto é, no lado que indica a direção de encaixamento sintático da língua em questão) e os reajustes subsequentes que ocorrem no nível

segmental. (...) Segundo nosso ponto de vista, grade métrica e domínios prosódicos são ambos resultado da interpretação de uma Forma Fonológica (FF) de base sintática e morfológica.¹

A correlação recursividade sintática/direção de reajustes rítmicos não é óbvia e faz previsões especulares quanto à direção de operações na grade métrica a partir da direção em que acontece o encaixamento sintático. Ela prevê que nas línguas em que a direção de recursividade seja para a direita, os reajustes aconteçam para a esquerda (como no PB) e nas línguas em que o encaixamento sintático se dê para a esquerda, os reajustes ocorram para a direita, sempre afetando os acentos que, por serem DTEs de constituintes menos encaixados, sejam projetados na grade com um grau de proeminência relativa mais fraco. No entanto, Hayes (1995) observa que “no language yet examined has only rightward rhythm and not leftward rhythm”². Ou as línguas manifestam a retração acentual somente para a esquerda ou apresentam um comportamento ambidirecional da regra. O inglês, segundo ele, é um exemplo do primeiro caso e o alemão e o holandês, exemplos do segundo caso. A explicação para a assimetria direcional de atuação das regras de reajuste proviria da interação entre as marcas acentuais e as marcas intonacionais nas línguas:

(...) A reasonable fact to take into account is that in many languages, (e.g. English and Dutch) intonational pitch accents may not occur to the right of the nuclear stress. Since pitch accents are the strongest cue for stress (...), this means that in the simpler (and surely far more common) cases, the phonetic cues for secondary stress before the main stress will be stronger than those for secondary stress after it. Assuming that it is the simpler cases that lead language learners to set up a phonological rule, we would expect a bias in favor of leftward rhythm.

More generally, I would claim that the likelihood of a language establishing a Rhythm Rule or Beat Addition in a given

¹ Abaurre, Galves & Scarpa (1997: 5-7).

² Hayes (1995: 397).

context is proportional to the strength of the phonetic cues for stress in that context. My casual impression is that Dutch has somewhat stronger cues for stress in posttonic position than English; this correlates with the fact that Dutch has developed rightward versions of Beat Addition and the Rhythm Rule. (...) ³

Sem rejeitar a hipótese da influência das marcas de intonação no comportamento de reajustes rítmicos, não deixa de ser interessante constatar que os exemplos de línguas em que os reajustes podem ocorrer em ambas as direções que Hayes invoca são justamente línguas descritas na literatura como suportando dupla direção de encaixamento sintático. Cinque (1993) procura justamente na descrição do alemão argumentos para confirmar sua hipótese sobre o papel central da recursividade sintática na determinação do acento principal de sintagma, já que, nessa língua, ora ele se localiza mais à esquerda, ora mais à direita no interior dos sintagmas sintáticos, em correspondência com a direção direita ou esquerda de ramificação dos constituintes. A própria observação de Hayes de que o holandês teria “stronger cues for stress in posttonic position than English” pode ser interpretada como consequência da promoção de uma proeminência localizada mais à esquerda, a DTE de um sintagma com encaixamento para a esquerda, de tal modo a ser “dissolvido” o contraste entre o *nuclear stress* e o *pitch accent* na posição final da sentença. O efeito superficial desta operação seria a sensação de que há mais pistas fonéticas em “posição postônica” no holandês.

Além disso, as línguas mais comumente descritas como línguas cuja direção de encaixamento sintático seja para a esquerda são línguas como o japonês, cujo sistema acentual não é baseado nas relações de intensidade/duração que caracterizam o PB ou o inglês. São línguas de acento melódico, baseadas no *pitch accent*, o que provavelmente deve causar diferenças

³ Hayes (1995: 397).

nos padrões do que costumamos considerar seqüências merecedoras de reajustes rítmicos. Aprofundar a compreensão do comportamento de línguas com recursividade à esquerda em relação às seqüências de proeminências adjacentes é também uma direção de pesquisa futura, que vai poder confirmar, ou descartar, a correlação encaixamento sintático/reajustes de arritmias na grade métrica.

Por fim, ficam por serem melhor explorados os casos em que os choques de acento não foram desfeitos pelos falantes, mesmo quando o contexto prosódico assim o licenciava. À parte de considerações sobre as características do material que tomamos como fonte de dados – leitura de textos em uma cerimônia religiosa, situação que favoreceu uma realização de fala mais lenta e menor número de retrações acentuais – é necessário prosseguir na busca da compreensão de como a eurritmia é implementada pelos falantes, nos momentos em que restrições de ordem mais estritamente lingüística podem ser “vencidas” por questões referentes à implementação de padrões governados ritmicamente na língua. Este é mais um campo de interface que o estudo dos choques de acento deixa apontado, agora não mais em relação aos módulos da capacidade lingüística, mas em relação aos padrões de ritmo atribuídos às línguas em comparação à atribuição e reconhecimento de padrões em outros domínios cognitivos.

BIBLIOGRAFIA:

- Abaurre, M.B.M. (1996) Acento frasal e processos fonológicos e segmentais. In *Letras de Hoje*, vol. 31, nº. 2. Porto Alegre, RS: PUC/ RS.
- Abaurre, M.B.M. , Galves, C. & Scarpa, E. (1997) A interface fonologia/sintaxe. Evidências do Português Brasileiro para uma hipótese *top-down* na aquisição da linguagem. In Scarpa, E. (org.) *Estudos de prosódia no Brasil*. Coletânea submetida à publicação pela Editora da UNICAMP, Campinas.
- Abaurre, M.B.M. et alii (1997) Texto apresentação do projeto temático *Prosodic patterns, parameter setting and language change*. UNICAMP, ms.
- Abaurre, M.B.M et alii (1997) *Reflexões sobre a interface sintaxe-fonologia*. Relatório do grupo de trabalho apresentado na XX reunião do GEL - Grupo de Estudos Lingüísticos do estado de São Paulo. Campinas, UNICAMP.
- Abaurre, M.B.M. & Galves, C. (1996) Os clíticos no português brasileiro: elementos para uma abordagem sintático-fonológica. In Castilho, A.T. & Basílio, M. (org.) *Gramática do Português Falado IV*. Campinas: Editora da UNICAMP.
- Abaurre, M.B.M & Wetzels, W.L. (1992) Sobre a estrutura da gramática fonológica. In *Cadernos de Estudos lingüísticos* 23. Campinas: IEL/ UNICAMP.
- Adams, M. (1987) *Old French, null subjects and verb second phenomena*. PhD thesis, UCLA.
- Bisol, L. (1992a) O acento lingüístico e o pé métrico binário. In *Cadernos de Estudos Lingüísticos* 22. Campinas: IEL/ UNICAMP.
- Bisol, L. (1992b) O acento: duas alternativas de análise. Mimeo., Porto Alegre, UFRGS/PUCRS.

- Bisol, L (1996) Constituintes prosódicos. In Bisol, L (org.) *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Chomsky, N. & Halle, M. (1968) *The sound pattern of English*. New York: Harper and Row.
- Cinque, G. (1993) A null theory of phrase and compound stress. In *Linguistic Inquiry* 24.
- Collischonn, G. (1993) *Um estudo do acento secundário em português*. Dissertação de Mestrado, UFRGS.
- Collischonn, G. (1994) Acento secundário em português. In *Letras de Hoje*, vol. 29, n.º.4. Porto Alegre,RS: PUC/ RS.
- Ferreira, E.S. (1997) Domínios prosódicos e a resolução de choques de acento no português brasileiro. Comunicação apresentada na XX reunião do GEL - Grupo de Estudos Lingüísticos do estado de São Paulo. Campinas, UNICAMP.
- Frota, S. (1995) Clashes and prosodic domains in European Portuguese. *Proceedings 19*, Institute of Phonetic Sciences, University of Amsterdam.
- Frota, S. (1996) Prosodic phrases and European Portuguese: in search of evidence. *Proceedings of ConSOLE 3*, University of Venice.
- Galves, A. & Galves, C. (1995) A case study of prosody driven language change. USP/ UNICAMP, ms.
- Goldsmith, J. (1991) *Autosegmental phonology*. Cambridge: Basil Blackwell.
- Goldsmith, J. (ed) (1995) *The handbook of phonological theory*. Cambridge, Mass: Blackwell Publishers.
- Guimarães, M. (1997) Unifying LCA & Prosodic Phrasing in the Minimalist Program. UNICAMP, ms.
- Haegman, L. (1988) *Introduction to government and binding theory*. Cambridge, USA: Blackwell.
- Halle, M. & Vergnaud, J. R. (1986) *An essay on stress*. Cambridge, Mass.: The MIT Press.

- Hammond, M. (1995) Metrical phonology In *Annual Reviews of Anthropology* 24.
- Haraguchi, S. (1991) *A theory of stress and accent*. Dordrecht: Foris Publications.
- Hayes, B. (1984) The phonology of rhythm in English. In *Linguistic Inquiry*, 15.
- Hayes, B. (1991) *Metrical theory: principles and case studies*. Manuscript, UCLA.
- Hayes, B. (1995) *Metrical stress theory: principles and case studies*. Chicago, The University of Chicago Press.
- Inkelas, S. & Zec, D. (1990) Prodically constrained syntax. In *The phonology-syntax connection*.
- Inkelas, S. & Zec, D. (eds) (1990) *The phonology-syntax connection*. Cambridge: The University of Chicago Press.
- Inkelas, S. & Zec, D. (1995) Syntax-phonology interface. In *The handbook of phonological theory*.
- Jacobs, H. (1991) *Proclisis and enclisis in Old French: clitic group or the phonological word?* Linguistics in the Netherlands.
- Kager, R. (1995) The metrical theory of word stress. In *The handbook of phonological theory*.
- Lee, S-H. (1995) *Morfologia e fonologia lexical do português do Brasil*. Tese de doutorado, UNICAMP.
- Liberman, M. & Prince, A. (1977) On stress and linguistic rhythm. In *Linguistic Inquiry* 8.
- Major, R. (1981) Stress-timing in Brazilian Portuguese. In *Journal of Phonetics*, v. 9, no. 3.
- Major, R (1985) Stress and rhythm in Brazilian Portuguese. In *Language* 61, 2.

- Massini, G. (1991) *A duração no estudo do acento e do ritmo do português*. Dissertação de mestrado, UNICAMP.
- Massini-Cagliari, G. (1992) *Acento e ritmo*. São Paulo: Contexto.
- Massini-Cagliari, G. (1995) *Cantigas de amigo: do ritmo poético ao lingüístico*. Tese de doutorado, UNICAMP.
- Nespor, M. (1987) Vowel degemination rules and fast speech rules. In *Phonology Yearbook 4*.
- Nespor, M. (1990) On the separation of prosodic and rhythmic phonology. In *The phonology-syntax connection*.
- Nespor, M. & Vogel, I. (1979) Clash avoidance in Italian. In *Linguistic Inquiry 10*.
- Nespor, M. & Vogel, I. (1982) Prosodic domains of external sandhi rules. In H. van der Hurst & N. Smith (eds) *The structure of phonological representations*. Part I, Dordrecht: Foris Publications.
- Nespor, M. & Vogel, I. (1986) *Prosodic phonology*. Dordrecht: Foris Publications.
- Nespor, M. & Vogel, I. (1989) On clashes and lapses. In *Phonology 6*.
- Roca, I. (1986) Secondary stress and metrical rhythm. In *Phonology Yearbook 3*.
- Selkirk, E. (1984) *Phonology and syntax. The relation between sound and structure*. Cambridge, Mass.: The MIT Press.
- Selkirk, E. (1995) Sentence prosody: intonation, stress, and phrasing. In *The handbook of phonological theory*.
- Selkirk, E. & Shen, T. (1990) Prosodic domain in Shangai Chinese. In *The phonology-syntax connection*.
- Soares, M. F. (1994) Do tratamento fonológico do ritmo. In *Letras de Hoje, volume 29 - n° 4*.

ANEXOS

A seguir, encontra-se, na íntegra, a transcrição das leituras da missa que serviram de *corpus* nesta dissertação e a segmentação em domínios prosódicos que orientou nossa análise.

Na apresentação das leituras, marcamos em negrito as sílabas cujos acentos estão em colisão e com letras maiúsculas as sentenças dentro das quais elas aparecem.

A segmentação em domínios prosódicos segue a codificação indicada na legenda da página 9.

O quadro na próxima página identifica cada uma das ocorrências de choque de acento no *corpus*, de acordo com a configuração prosódica que lhe foi atribuída através da segmentação em domínios.

Distribuição dos *clashes* :

Tipo de <i>clash</i>	Desfeito por apagamento	Mantido	Inserção de pausa	Total
3 4	EP2, EV1, EV7	AP1, EP1, EP3, EP4, EV3, EV6, EV11, EV12, EV16		12
3 3	EP6, EV8	AP2, AP6		4
4 3		AP4, AP5, EP5, EV4, EV17		5
3 4 ou 4 4?		AP3		1
Primeiro acento mais alto que 4		EV5	EV2, EV10, EV15	4
Ênfase	EV13, EV14	EV9		3
Total	7	19	3	29
AP = Atos dos Apóstolos; EP = Epístola; EV = Evangelho				

PRIMEIRA LEITURA: ATOS DOS APÓSTOLOS - PB

Leitor: mulher

Leitura dos Atos dos Apóstolos.

No dia de Pentecostes, Pedro, de pé, no meio dos onze apóstolos, levantou a voz e falou à multidão: “Que todo o povo de Israel reconheça com plena certeza: Deus constituiu Senhor e Cristo a este Jesus que vós crucificastes”. Quando ouviram isso, eles ficaram com o coração aflito, e perguntaram a Pedro e aos outros apóstolos: “Irmãos, o que devemos fazer?”

Pedro respondeu: “Convertei-vos e cada um de vos seja batizado EM NOME DE JESUS CRISTO para o perdão dos vossos pecados. E vos recebereis o dom do Espírito Santo. POIS A PROMESSA É PARA VÓS E VOSSOS FILHOS, E PARA TODOS AQUELES QUE ESTÃO LONGE, TODOS AQUELES QUE O SENHOR NOSSO DEUS CHAMAR PARA SI”.

Com muitas outras palavras, Pedro lhes dava testemunho, e os exortava, dizendo: “Salvai-vos dessa gente corrompida”! Os que aceitaram as palavras de Pedro receberam o batismo. Naquele dia, MAIS OU MENOS TRÊS MIL PESSOAS SE UNIRAM A ELES. Palavra do Senhor.

Assembléia: Graças a Deus!

SEGUNDA LEITURA: EPÍSTOLA DE SÃO PEDRO – PB

Leitor 3: homem

LEITURA DA PRIMEIRA CARTA DE SÃO PEDRO.

Caríssimos, se suportais com paciência aquilo que sofreis POR TER FEITO O BEM, isto vos torna agradáveis diante de Deus. De fato, para isto fostes chamados. **TAMBÉM CRISTO SOFREU POR VÓS** deixando-vos um exemplo, A FIM DE QUE SIGAIS OS SEUS PASSOS. Ele não cometeu pecado algum, mentira nenhuma foi encontrada em sua boca.

Quando injuriado, não retribuía as injúrias; atormentado, não ameaçava; antes, colocava a sua causa nas mãos daquele que julga com justiça. **SOBRE A CRUZ, CARREGOU NOSSOS PECADOS EM SEU PRÓPRIO CORPO**, a fim de que, mortos para os pecados, vivamos para a justiça. Por suas feridas fostes curados. Andáveis como ovelhas desgarradas, mas agora voltastes ao pastor e guarda de vossas vidas. Palavra do Senhor.

Assembléia: Graças a Deus!

LEITURA DO EVANGELHO: 'O BOM PASTOR' - PB

Leitor: Padre

Padre: O Senhor esteja convosco.

Assembléia: Ele está no meio de nós.

Padre: Proclamação do Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São João.

Assembléia: Glória a vós Senhor.

Padre: Naquele tempo, disse Jesus: “Em verdade, em verdade vos digo, **QUEM NÃO ENTRA NO REDIL DAS OVELHAS PELA PORTA, MAS SOBE POR OUTRO LUGAR, É LADRÃO E ASSALTANTE. QUEM ENTRA PELA PORTA É O PASTOR DAS OVELHAS. A esse o porteiro abre, e as ovelhas escutam a sua voz; ele chama as ovelhas pelo nome E AS CONDUZ PARA FORA. E, DEPOIS DE FAZER SAIR TODAS AS QUE SÃO SUAS, caminha à sua frente, e as ovelhas o seguem, porque conhecem a sua voz. MAS NÃO SEGUEM UM ESTRANHO, antes fogem dele, PORQUE NÃO CONHECEM A VOZ DOS ESTRANHOS”.**

Jesus contou-lhes esta parábola, mas eles não entenderam o que ele queria dizer. Então Jesus continuou: “Em verdade, em verdade eu vos digo, **EU SOU A PORTA DAS OVELHAS. TODOS AQUELES QUE VIERAM ANTES DE MIM SÃO LADRÕES E ASSALTANTES, mas as ovelhas não os escutaram. EU SOU A PORTA. QUEM ENTRAR POR MIM, SERÁ SALVO; entrará e sairá e encontrará pastagem. O LADRÃO SÓ VEM PARA ROUBAR, MATAR E DESTRUIR. EU VIM PARA QUE TENHAM VIDA e a tenham em abundância”.** Palavra da Salvação.

Assembléia: Glória a vós, Senhor!

DADOS DE CHOQUE DE ACENTO: TRANSCRIÇÃO FONÉTICA E SEGMENTAÇÃO NOS DOMÍNIOS DE N&V (1986):

1. EM NOME DE JESUS CRISTO

[|(em) (nome)|] [|(de) (jesus)| |(cristo)|]

· M · L · M L ↗ · /
{ẽⁱⁿ nɔmi dʒi ʒesus krist^hu }

2. POIS A PROMESSA É PARA VÓS E VOSSOS FILHOS

[|(pois) (a) (promessa)|] [|(é)| |(para)| |(vós)|] [|(e)| |(vossos)| |(filhos)|]

M · · H ↗ · / H M · M ↗ / · M · L ↗ · /
{ po_i za promesɐ } { ɛ parɐ vɔs } { i vɔsus fiʎus }

3. E PARA TODOS AQUELES QUE ESTÃO LONGE

[|(e) (para)| |(todos)| |(aqueles)|] [|(que) (estão)|] [|(longe)|]
?

· M · H · · H · · M L ↘ · /
{ i parɐ todɔ zakelis kistɔ̃u lɔ̃ŋgi }

4. TODOS AQUELES QUE O SENHOR NOSSO DEUS

[| (todos) | | (aqueles) |] [| (que) (o) (senhor) |] [| (nosso) | | (Deus) |]

H . . H . L . L M . M /
 { todu zakelis ki_u señoħ nosu de_us }

5. CHAMAR PARA SI

[| (chamar) |] [| (para) (si) |]

. H M . L \ /
 { ſamah parə si }

6. MAIS OU MENOS TRÊS MIL PESSOAS SE UNIRAM A ELES

[| (mais) (ou) (menos) | | (três) | | (mil) | | (pessoas) |] [| (se) (uniram) |] [| (a) (eles) |]

M . M . H M . M / . H . . M \ . /
 { ma_i zo minus tres mi_u pesoas } { si_unirẽ_u a elis }

1. LEITURA DA CAR... DA PRIMEIRA CARTA DE SÃO PEDRO

[| (letura) |] [| (da) (car) |] [| (da) (primeira) | | (carta) |] [| (de) (são) | | (pedro) |]

. M . L . / M . M . H . . M H \ . /
 { leiturə da ka da pri me'rə kahtə di sãũ pedru }

2. POR TER FEITO O BEM

[| (por) (ter) | | (feito) |] [| (o) (bem) |]

M . H . M ↗ /
 { poh teh fetu bẽḡ }

3. TAMBÉM CRISTO SOFREU POR VÓS

[| (também) | | (cristo) |] [| (sofreu) |] [| (por) (vós) |]

. M H . . M . M ↗ /
 { tã bẽḡ kristu sofreu puh vois }

4. A FIM DE QUE SIGAIS OS SEUS PASSOS

[|(a) (fim) (de) (que)| |(sigais.)|] [|(os) (seus)| |(passos)|]

. H . M . H . M M\ . /
 { a fi de ke si gai zu seus pasus }

5. SOBRE A CRUZ CARREGOU NOSSOS PECADOS

[|(sobre)| |(a) (cruz)|] [|(carregou)|] [|(nosso)s| |(pecados)|]

M . H / M . H M . H /
 { sobrie kruis } {kahego^u nosus pekadus }

6. EM SEU PRÓPRIO CORPO

[|(em) (seu)| |(próprio)| |(corpo)|]

M . H . M\ . /
 { eiⁿ seu propriu kohpu }

1. QUEM NÃO ENTRA NO REDIL DAS OVELHAS PELA PORTA

[| (quem) | | (não) | | (entra) |] [| (no) (redil) |] [| (das) (ovelhas) |] [| (pela) | | (porta) |]

L . M . L . H / . . H / . M . H / . /
 { kēiⁿ nãu être nu redziu^l } { da zovelhas } { pelə porta }

2. MAS SOBE POR OUTRO LUGAR É LADRÃO E ASSALTANTE

[| (mas) (sobe) |] [| (por) (outro) | | (lugar) |] [| (é) | | (ladrão) |] [| (e) (assaltante) |]

L M . . L . . M / M . M / M . M \ . /
 { ma's s:ɔbi pu rɔutru lugh } { ɛ ladrẽu } { ɾasautẽtʃɪ }

3. QUEM ENTRA PELA PORTA É O PASTOR DAS OVELHAS

[| (quem) (entra) |] [| (pela) | | (porta) |] [| (é) | | (o) (pastor) |] [| (das) (ovelhas) |]

M M . L . H / . M . M . . L \ . /
 { kēi être pelə portə } { eu paʃtor da zovelhas }

4. E AS CONDUZ PARA FORA

[|(e) (as) (conduz)|] [|(para)| |(fora)|]

. L . M . L . L \ . /
 { ɾaʃ kôðus paɾɐ fɔɾɐ }

5. DEPOIS DE FAZER SAIR TODAS AS QUE SÃO SUAS

[|(depois)| |(de) (fazer)|] [|(sair)|] [|(todas)| |(as) (que) (são)| |(suas)|]

. L . . M . M / H . . L M / . /
 { dʒ'pɔis dʒɪ fazɐh sai } { toðɐ zɛʃk' sãu suɐs }

6. DEPOIS DE FAZER SAIR TODAS AS QUE SÃO SUAS

[|(depois)| |(de) (fazer)|] [|(sair)|] [|(todas)| |(as) (que) (são)| |(suas)|]

. L . . M . M / H . . L M / . /
 { dʒ'pɔis dʒɪ fazɐh sai } { toðɐ zɛʃk' sãu suɐs }

7. MAS NÃO SEGUEM UM ESTRANHO

[| (mas) (não) | | (seguem) |] [| (um) (estranho) |]

L . H . M . H /
 { mas nũ segẽ r ù jĩ|trẽ^õ }

8. PORQUE NÃO CONHECEM A VOZ DOS ESTRANHOS

[| (porque) | | (não) | | (conhecem) |] [| (a) (voz) |] [| (dos) (estranhos) |]

L . L . M / . H . M \ . /
 { pu^hki nũ kõnesi } { a voz du zĩ|trẽpus }

9. EU SOU A PORTA DAS OVELHAS

[| (eu) | | (sou) |] [| (a) (porta) |] [| (das) (ovelhas) |]

H M . H . M . M \ . /
 { eu so^u a porta da zovelhas }

10. TODOS AQUELES QUE VIERAM ANTES DE MIM SÃO LADRÕES E ASSALTANTES

[|(todos)| |(aqueles)|] [|(que) (vieram)|] [|(antes) (de)| |(mim)|] [|(são)| |(ladrões)|] [|(e) (assaltantes)|]

L . . M . L . H . M . . H / M . H / M . H \ . /
 { todu zakel's ki vieru ãt'z dʒ' mĩ } { su ladrõi } { ziasutãtʃis }

11. EU SOU A PORTA

[|(eu)| |(sou)|] [|(a) (porta)|]

M L . M \ . /
 { eu sou a porte }

12. QUEM ENTRA POR MIM SERÁ SALVO

[|(quem)| |(entrar)|] [|(por) (mim)|] [|(será)| |(salvo)|]

L . M . H . H M \ . /
 { kẽrⁿ ãtrah pur mĩ } { sera sauvu }

13. O LADRÃO VEM SÓ PARA ROUBAR, MATAR E DESTRUIR

[|(o) (ladrao) |] [|(vem) |] [|(so) |] [|(para) | |(roubar) |] [|(matar) |] [|(e) (destruir) |]

L . M . H / M . . H / / . H / / . M . M \ /
 { u la drão vei so } { pare xoubar } { matah } { i dzistruir }

14. O LADRÃO VEM SÓ PARA ROUBAR, MATAR E DESTRUIR

[|(o) (ladrao) |] [|(vem) |] [|(so) |] [|(para) | |(roubar) |] [|(matar) |] [|(e) (destruir) |]

L . M . H / M . . H / / . H / / . M . M \ /
 { u la drão vei so } { pare xoubar } { matah } { i dzistruir }

15. O LADRÃO VEM SÓ PARA ROUBAR, MATAR E DESTRUIR

[|(o) (ladrao) |] [|(vem) |] [|(so) |] [|(para) | |(roubar) |] [|(matar) |] [|(e) (destruir) |]

L . M . H / M . . H / / . H / / . M . M \ /
 { u la drão vei so } { pare xoubar } { matah } { i dzistruir }

16. EU VIM PARA QUE TENHAM VIDA

[|(eu)| |(yim)|] [|(para) (que) (tenham)|] [|(yida)|]

L M L . . M . H / .
 { eu vɪⁿ paɾɐ ki tɛnʒu vidɐ }

17. EU VIM PARA QUE TENHAM VIDA

[|(eu)| |(yim)|] [|(para) (que) (tenham)|] [|(yida)|]

L M L . . M . H / .
 { eu vɪⁿ paɾɐ ki tɛnʒu vidɐ }